

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Maria Eduarda Mathias

**A GUERRA ESPIRITUAL EM VOTO: A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO
ACONTECIMENTO #BOLSONAROSATANISTA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE
2022**

Santa Maria
2024

Maria Eduarda Mathias

**A GUERRA ESPIRITUAL EM VOTO: A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO
ACONTECIMENTO #BOLSONAROSATANISTA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE
2022**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linha de Pesquisa Mídias e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Roes Dalmolin

Santa Maria
2024

Mathias, Maria Eduarda

A GUERRA ESPIRITUAL EM VOTO: A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS
NO ACONTECIMENTO #BOLSONAROSATANISTA NAS ELEIÇÕES
PRESIDENCIAIS DE 2022 / Maria Eduarda Mathias.- 2024.
118 p.; 30 cm

Orientadora: Aline Roes Dalmolin

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2024

1. Acontecimento 2. Mdiatização 3. Twitter 4.
Circulação de sentidos 5. Eleições 2022 I. Dalmolin, Aline
Roes II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, MARIA EDUARDA MATHIAS, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Maria Eduarda Mathias

**A GUERRA ESPIRITUAL EM VOTO: A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO
ACONTECIMENTO #BOLSONAROSATANISTA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE
2022**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linha de Pesquisa Mídias e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

Aprovado em 30 de abril de 2024.

**Profa. Dra. Aline Roes Dalmolin (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

Prof. Dr. Moisés Sbardelotto (PUC-MINAS)

Prof. Dr. Herivelton Regiani (UFSM)

Profa. Dra. Laura Strelow Storch (UFSM)

Santa Maria
2024

Este trabalho é fruto de uma construção e desconstrução contínua da minha existência. O dedico a todos os docentes que me ensinaram para além das salas de aula. Dedico também à minha família, especialmente mãe e tia e carinhosamente, ao meu eterno amor maior, meu felino Bebê.

Ofereço as contribuições aqui encontradas a todos pesquisadores (ou não), que na fenda de uma sociedade fragmentada e num possível sentimento de impotência, reconheça o conhecimento como algo que não pode ser usurpado.

AGRADECIMENTOS

Ultimamente tenho percebido uma maior facilidade para agradecer as coisas que faço e as que chegam até mim. Eu poderia dizer que é também um momento de procrastinação, pois venho pensando há tempos em escrever agradecimentos antes mesmo de estar perto do fim deste trabalho.

Primordialmente, quero agradecer meu felino Bebê, que em seus 11 anos de existência ensinou-me de forma genuína e profunda o significado de amor, dedicação, afeto, responsabilidade, cuidado e força. Foram mais de 2 mil dias distantes um do outro durante meu percurso acadêmico, e não houve 1 dia sequer que eu não tenha sentido falta. Meu amor maior também estava destinado a me ensinar a dor da perda, que ocorreu durante a produção deste trabalho e, agora, sou amparada lá do céu.

Assim como o Bebê, já mimoseado em meu trabalho de conclusão de curso, agradeço novamente meus progenitores, que estiveram comigo de maneiras distintas, ocuparam os espaços de mãe e pai, de bons amigos e até mesmo de filhos, acreditando em mim como uma grande e responsável conselheira, mais do que considero. Agradeço a minha tia Sandra, que sempre se empenhou em ser presente e se orgulha imensamente de quem eu sou e me torno a cada dia, tudo que conquistei há um pouco de minha “tia preferida”.

Aos meus professores, agradecimentos não seriam suficientes para expressar o reconhecimento e apreço que sinto por cada um que esteve à minha frente. Começo pela minha primeira orientadora da vida, Mérli Leal, que mesmo após a graduação incentivou-me a continuar no meio acadêmico e a questionar realidades. Ser uma mulher inquieta me levou a outros horizontes que eu não esperava. Obrigada à Universidade Federal do Pampa, que me trouxe grandes princípios e muita saudade boa.

À orientadora Aline Dalmolin, agradeço pela paciência, instruções e incentivos. Muito do que sei agora não alcançaria sozinha. Obrigada à minha banca que tanto me agregou nesta jornada, Herivelton e especialmente Viviane, minha rainha *sui generis* do POSCOM, obrigada por cada aula nas quartas de manhã. Eu tomaria todos os cafés e chuviscos para passar as horas aprendendo com você.

Finalmente, não sei do meu futuro, mas tenho a certeza que, se um dia eu seguir na docência, qualquer mínima característica que eu herdasse de cada mestre e doutor, faria com que eu me sentisse realizada. Quero também agradecer e demonstrar minha tamanha admiração a todos meus colegas de pós-graduação, que permitiram que eu conhecesse um pouco da mente

brilhante de cada um. Cada pesquisa significou um novo universo para mim, enquanto aluna, pesquisadora, publicitária e humana.

Em meu âmago de sentimentos, um desabafo: acreditei que encontraria a felicidade, que a terra vermelha e nuvens de algodão me proporcionaram um dia, contudo, os dias frios, de chuva e de vendavais foram predominantes, causando-me tamanha angústia, adoecimento e indisposição. A quem me segurou nos dias cinzas de Santa Maria e quiser ler este trabalho, saiba, eu te considero um raio de sol.

Saia e vá rezar lá fora. Muito bem, com toda essa gente morta, o espetáculo continua e terão oportunidade de assistir seu julgamento. Espero que todos os presentes aproveitem os ensinamentos desta peça e reformem suas vidas, se bem que eu tenha certeza de que todos os que estão aqui são uns verdadeiros santos, praticantes da virtude, do amor a Deus e ao próximo, sem maldade, sem mesquinhez, incapazes de julgar e de falar mal dos outros, generosos, sem avareza, ótimos patrões, excelentes empregados, sóbrios, castos e pacientes. E basta, se bem que seja pouco.

(Suassuna, 1975, p. 105-106).

RESUMO

A GUERRA ESPIRITUAL EM VOTO: A CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS NO ACONTECIMENTO #BOLSONAROSATANISTA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022

AUTORA: Maria Eduarda Mathias
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Aline Roes Dalmolin

A plataformação, conforme descrita por Van Dijck et al. (2018), refere-se a um estágio da sociedade conectada em que as plataformas digitais penetram profundamente nas estruturas sociais, afetando instituições, transações econômicas, práticas culturais e sociais, assim, reproduzindo as estruturas sociais existentes. Ainda, com a mídiatização em decurso, percebemos que as redes sociais têm desempenhado um papel cada vez mais significativo em uma contínua circulação de significados e respostas dentro da sociedade, o fluxo comunicacional contínuo e adiante dinamiza as passagens de narrativas, contribuindo para a formação de um sistema de resposta social que reage e responde às mensagens e aos eventos que circulam na sociedade (Braga, 2017a). A partir desse contexto, percorremos as complexas inter-relações entre política, religião e o impacto das transformações comunicacionais e sociais, trazendo aspectos do uso das redes e seus impactos na desinformação; a ascensão do conservadorismo e a teologia da guerra espiritual (Guadalupe; Grundberger, 2019), a qual metaforicamente relacionamos a ultra política e seus impactos na democracia brasileira. Com a apropriação metodológica da individualização do acontecimento, de França e Lopes (2017), investigamos como o acontecimento *#bolsonarosatanista* irrompeu no Twitter (atual X) durante o segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022. Utilizamos a circulação de sentidos e o fluxo adiante segundo Braga (2017a, 2017b) para analisarmos a disputa de sentidos religiosos circulados em torno da *hashtag*, revelando uma instrumentalização da fé e uma simbiose entre discursos políticos e religiosos. Identificamos os desdobramentos e apropriação das pautas religiosas nas eleições, destacando o papel das forças conservadoras e evangélicas na política e a subversão das narrativas religiosas tradicionais.

Palavras-chave: Acontecimento. Mídiatização. Twitter. Circulação de sentidos. Eleições 2022.

ABSTRACT

SPIRITUAL WARFARE IN VOTING: THE CIRCULATION OF MEANINGS IN THE #BOLSONAROSATANISTA EVENT IN THE 2022 PRESIDENTIAL ELECTIONS

AUTHOR: Maria Eduarda Mathias
ADVISOR: Prof. Dr. Aline Roes Dalmolin

Platformization, as outlined by Van Dijck et al. (2018), describes a phase in our connected society where digital platforms deeply infiltrate social structures, impacting institutions, economic transactions, cultural and social practices, and thus perpetuating existing social frameworks. Moreover, with ongoing mediatization, we observe social media platforms increasingly shaping a continuous exchange of meanings and responses within society. This constant flow of communication animates narrative passages, contributing to the formation of a social response system that reacts to and engages with circulating messages and events (Braga, 2017a). Against this backdrop, we delve into the intricate interplay between politics, religion, and the ramifications of communicational and social shifts, examining the use of networks and their role in misinformation; the ascent of conservatism and the discourse surrounding spiritual warfare (Guadalupe;Grundberger, 2019), metaphorically tied to ultra politics and its impact on Brazilian democracy. By adopting França and Lopes' (2017) methodological approach to event individualization, we investigate the emergence of the #bolsonarosatanista phenomenon on Twitter (X) during the second round of the 2022 Brazilian presidential elections. Employing Braga's (2017a, 2017b) framework of meaning circulation and forward flow, we analyze the contestation of religious meanings associated with the hashtag, uncovering the instrumentalization of faith and a fusion of political and religious discourses. We discern the unfolding and appropriation of religious agendas in electoral contexts, spotlighting the influence of conservative and evangelical factions in politics and the subversion of conventional religious narratives.

Keywords: Event. Mediatization. Twitter. Circulation of meanings. Elections 2022.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico de frequência diária	58
Figura 2 – Vídeo: Quem é o candidato que participa de rituais de Maçonaria? (20 out. 2022)	59
Figura 3 – Linha do tempo	67
Figura 4 – - Declaração de Janones no Twitter (4 out. 2022)	68
Figura 5 – Maçonaria e satanismo: a declaração de Janones no Facebook (4 out. 2022).....	68
Figura 6 – O acontecimento após a normalização no Twitter (31 mar. 2024)	73
Figura 7 – Gráfico das hashtags mais circuladas no Twitter em 2022	75
Figura 8 – Nuvem de palavras	77
Figura 9 – Valores católicos (tweet 12 out. 2022).....	80
Figura 10 – Bolsonaro fora do Círio (tweet 7 out. 2022).....	80
Figura 11 – O falso Messias (21 out. 2022)	83
Figura 12 – A ultra política (15 out. 2022)	84
Figura 13 – Charge voto ‘enrustido’ reloaded.....	86
Figura 14 – Bolsonaro é do Demônio (14 out. 2022)	88
Figura 15 – Jair Maçonario (5 out. 2022).....	90
Figura 16 – O malho e o cinzel: Jair Maçonaria (25 out. 2022).....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das cinco etapas	63
Quadro 2 – Manchetes dos portais de notícias	65
Quadro 3 – Categorias de análise dos sentidos religiosos.....	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 PLATAFORMIZAÇÃO E MEDIATIZAÇÃO: O IMPACTO NOS PROCESSOS SOCIAIS E COMUNICACIONAIS	23
2.1 A CIRCULAÇÃO E O FLUXO ADIANTE NA SOCIEDADE MEDIATIZADA	26
2.2 OS ATRAVESSAMENTOS DA MEDIATIZAÇÃO.....	30
2.2.1 A mediatização da política	30
2.2.2 A mediatização da religião.....	33
2.3 O TWITTER COMO MEIO DE INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO.....	34
2.3.1 Sobre o X, o antigo Twitter	35
2.3.2 Os impactos do filtro bolha e da desinformação no Twitter	38
3. O AVANÇO DO CONSERVADORISMO.....	41
3.1 A GUERRA ESPIRITUAL E A ULTRA POLÍTICA	45
3.2 O CONTEXTO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022	50
4. ANÁLISE.....	58
4.1 A CONSTRUÇÃO DO CORPUS.....	58
4.2 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	62
4.2.1 Primeiro percurso: a análise do acontecimento	64
4.2.2 Descrição	64
4.2.3 Narrativização	67
4.2.4 A identificação do pano de fundo pragmático	71
4.2.5 Caracterização do problema público	72
4.2.6 Normalização	73
4.3 SEGUNDO PERCURSO: A CIRCULAÇÃO DO ACONTECIMENTO	75
4.3.1 Valores religiosos	80
4.3.2 Imagens e personalidades religiosas	82
4.3.3 Concepções anti-cristãs	85
4.3.4 Preceitos satanistas	87
4.3.5 Referências à Maçonaria.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE A — DADOS TEXTUAIS COLETADOS COM A HASHTAG #BOLSONARO SATANISTA	105
APÊNDICE B — HASHTAGS CIRCULADAS 3 OU MAIS VEZES	117

INTRODUÇÃO

Se “política e religião não se misturam” como diz um bordão social enraizado, quem de nós poderia discutir os calos da nossa democracia? Num turbilhão político que agita a democracia brasileira, somos confrontados com uma complexa teia de eventos que delineiam o panorama atual. A intrincada relação entre política e religião, de fato, assumiu papel central nas últimas eleições, contudo isso não é uma novidade.

Apesar do caráter laico do Estado no Brasil, o catolicismo tem raízes profundas desde a colonização, permanecendo como religião de metade da população brasileira¹. De acordo com o repositório de arquivos base de Araújo (2023), encontramos informações sobre mais de 150 mil estabelecimentos religiosos registrados na Receita Federal e ativos em 2019, quando os dados foram coletados. O arquivo apresenta os resultados da classificação para quatro grupos evangélicos distintos: Igrejas Evangélicas Missionárias, Pentecostais, Neopentecostais e de Classificação Não Determinada. Essa catalogação é apresentada para cada uma das 27 Unidades Federativas brasileiras, abrangendo o período de 1960 a 2019, o que demonstra a distribuição e evolução das organizações religiosas no Brasil ao longo das décadas.

Além disso, desde a década de 1980, os evangélicos pentecostais começaram a se destacar no âmbito político. De acordo com Camurça (2024), a Assembleia Constituinte de 1986 marcou uma mudança significativa em relação ao tradicional abstencionismo político que caracterizava esse grupo até então. Anteriormente, a postura predominante era a de que "crente não se mete em política!", tornando sua entrada na esfera pública ainda mais expressiva e peculiar.

A ascensão conservadora não apenas entrou, mas investiu vigorosamente nos meios de comunicação, tornando as suas redes sociais como o principal meio de informação e disseminação de ideias. Esses movimentos não representam toda a comunidade evangélica, mas sim uma parcela do segmento mais conservador, tanto dos evangélicos quanto dos católicos, que prioriza uma agenda moral em detrimento de um voto confessional (Guadalupe; Grundberger, 2019). Nesse contexto, a família Bolsonaro se destacou aos olhos de seus apoiadores, construindo uma imagem de família religiosa tanto visualmente quanto discursivamente. Com isso, as redes sociais passaram a ser o principal meio de informação e disseminação dessa construção e articulação com seus fiéis.

¹ Segundo o Datafolha (2020), 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião., diz Datafolha. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2022.

Sua comunicação — usando de simbolismos, vestimentas e textos bíblicos — busca retratar um sacrifício governamental predestinado, como observado pela autora Cunha (2022). Desde sua campanha inicial, Bolsonaro cultivou uma estreita relação com os movimentos pentecostais e neopentecostais, embora sua própria imagem religiosa seja controversa, uma vez que, embora se declare católico, foi rebatizado por um pastor evangélico no Rio Jordão². Em sua primeira candidatura à presidência em 2018, Jair Bolsonaro adotou o *slogan* "Deus acima de tudo, Brasil acima de todos", reforçando a imagem religiosa e uma agenda que incumbiu uma estratégia política que alcançasse esse público votante. Ela perdurou durante o mandato e foi evidente na disputa eleitoral de 2022.

Por outro lado, seu principal adversário no pleito eleitoral de 2022, Luiz Inácio Lula da Silva, apresenta uma dinâmica diferente na relação entre religião e política. Azevedo (2004) afirma que durante os governos Lula (2003-2010) houve uma aproximação significativa entre o Estado e a Igreja Católica, especialmente em questões sociais. Ainda, nas análises de Azevedo (2004), inferimos que Lula, embora pessoalmente católico, adotou uma postura mais secular em suas políticas, promovendo a inclusão social e buscando conciliar as demandas religiosas com os princípios democráticos e a diversidade religiosa do país. Além disso, de acordo com Oro (2005), Lula recebeu o apoio da Igreja Universal do Reino de Deus, obtendo apoio das Assembleias de Deus, bem como da Quadrangular no segundo turno de 2002.

Já na campanha de 2022, apesar de um caráter mais moderado no aspecto religioso, o petista lançou um manifesto direcionado aos evangélicos em São Paulo, em uma tentativa de ampliar sua base de eleitores, particularmente, buscando atrair aqueles que apoiavam o então presidente Jair Bolsonaro. Na carta endereçada ao público evangélico, Lula reitera seu compromisso em defender as conquistas deste segmento da sociedade, prometendo não interferir na liberdade de culto e destacando o apoio dado às igrejas durante sua gestão (Lessa, 2022). Ademais, Lula destacou sua fadiga em ter que constantemente responder às mentiras disseminadas por seu opositor durante a campanha e desmentiu falsas alegações sobre suas supostas intenções de implementar banheiros unissex. Desse modo, Lula reafirmou sua crença na importância da família, emocionando-se ao lembrar de suas sogras, incluindo a mãe de sua esposa atual, que faleceu devido à COVID-19.

Contudo, no imaginário da direita radical, o petista é muitas vezes visto como "ateu" e fortemente demonizado em relação ao "comunismo" e às religiões de matrizes africanas. Esse

² UOL. Católico ou evangélico? Qual a religião de Bolsonaro? Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/10/06/catolico-ou-evangelico-qual-a-religiao-de-bolsonaro.htm>. Acesso: 08 jul. 2023.

antagonismo é significativo, já que em outras religiões, organizações e devoções — que não se enquadram no catolicismo ou no cristianismo — muitas vezes, são consideradas uma ameaça pelo viés cristão, especialmente em face do aumento dos movimentos que se opõem aos governos de esquerda e suas políticas progressistas em direitos humanos e sexuais.

De acordo com Cunha (2020), a dinâmica do radicalismo de direita e escalada de pautas conservadoras não se restringe apenas ao Brasil, mas é um fenômeno observado em toda a América do Sul. Essas pautas não surgiram isoladamente, mas estão inseridas em um contexto mais amplo, muitas vezes ligados a correntes religiosas, que utilizam estratégias que vão desde a negação da ciência até a disseminação de *fake news* para a promoção de seus ideais. Contudo, o radicalismo da direita não é um sinônimo do bolsonarismo no Brasil. Embora compartilhem algumas semelhanças ideológicas, divergem em suas abordagens e estratégias políticas. Desse modo, apesar do conservadorismo defender pautas opostas ao progressismo, de acordo com Rocha (2023), o bolsonarismo transcende raízes históricas, adotando uma retórica agressiva e uma estratégia de confronto e polarização, especialmente evidente em sua liderança personalista em torno de Jair Bolsonaro.

Assim, a circulação da *hashtag* *#bolsonarosatanista* repercutiu poucos dias após o primeiro turno das eleições presidenciais que ocorreram dia 2 de outubro de 2022. A *hashtag* viralizou após a divulgação de um vídeo de Bolsonaro discursando em uma loja maçônica³ em 2017. Até o início desta pesquisa, a autoria da primeira publicação era uma incógnita, o que com o desdobrar do estudo, encontramos como primeiro rastro digital a postagem do deputado André Janones em seu perfil na rede social Facebook, no dia 4 de outubro de 2022. Demorou pouco para que as associações entre Bolsonaro, Maçonaria e satanismo circulassem nas redes, não somente com o vídeo, mas com denúncias, insatisfações e ironias, muitas delas foram posteriormente desmentidas pelas agências de checagem de informações.

A partir da circulação deste acontecimento, observamos um movimento estratégico da esquerda no engajamento da *hashtag*, já que ela foi empregada também em outros acontecimentos que possivelmente afetaram a imagem religiosa de Bolsonaro naquele período. Um exemplo disso, foi a veiculação de declarações públicas, mesmo de anos anteriores, a favor da tortura, do aborto, e de ser adepto a comer carne indígena.

Em meio aos debates acalorados e aos conflitos ideológicos da última eleição presidencial brasileira, em 2022, a religião já interferia nos principais concorrentes à

³ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BBNeE0tejt看 & t=4s&ab_channel=UOL. Acesso: 24 out. 2022.

presidência: Jair Bolsonaro pelo Partido Liberal (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva pelo Partido dos Trabalhadores (PT). A batalha nas urnas e o discurso religioso, com suas conotações morais sendo foco, especialmente, alimentada pelas declarações frequentes de Bolsonaro e que aprofundaram ainda mais uma fragmentação social. Essas discussões abordaremos em nosso capítulo 3.2.

Assumindo dimensões conceituais e simbólicas, acionamos e relacionamos os conceitos da ultra política e da teologia da guerra espiritual a fim de contextualizar o cenário que se desenrola até a circulação do acontecimento a ser analisado. A partir das apropriações de Guadalupe e Grundberger (2019), a teologia da guerra espiritual consiste na crença em que o mundo é um campo de batalha constante entre duas forças opostas — o bem e o mal. Desse modo, postulando que as forças do mal são capazes de assumir o controle dos fiéis, levando-os a vários problemas e infortúnios. Ao nos apropriarmos desta teologia, não nos referimos a uma guerra religiosa, mas sim, a uma guerra de narrativas que mobiliza os lados políticos utilizando da religião como um pilar.

A ultra política, aprofundada por Fernandes (2019a), é um fenômeno político no qual são criados antagonistas sociais, desprezando os reais problemas da sociedade. Neste enquadramento, o Partido dos Trabalhadores e tudo que ele representa é posto como um inimigo maior da sociedade, bem como, o bolsonarismo para o lado opositor. Metaforicamente associados, indicamos um ambiente hostil, com apelos discursivos, morais, de crenças e de esperanças.

A partir desse cenário, evidenciamos uma problemática envolvendo a circulação de sentidos pelo acionamento da religião na política. Além disso, o bolsonarismo tem sido impulsionado, em grande parte, pelo uso estratégico das redes sociais, permitindo uma atuação ideológica mais intensa do que a extrema direita exercia no passado. Assim, diversos setores da sociedade brasileira são afetados, como a convivência coletiva que está intrinsecamente ligada às questões públicas prementes, como o debate sobre o estado laico e a preservação da democracia. Desse modo, o problema que norteia a presente pesquisa é: Como se deu a circulação de sentidos em torno da religião no acontecimento *#bolsonarosatanista* no Twitter? Podemos dizer que o objetivo geral da pesquisa é analisar como se deu a circulação de sentidos em torno da religião no acontecimento *#bolsonarosatanista* no Twitter.

Para um melhor desdobramento e enriquecimento do estudo, estipulamos como objetivos específicos: 1) Compreender como irrompeu o acontecimento *#bolsonarosatanista* no contexto das eleições presidenciais de 2022; 2) Identificar os desdobramentos da pauta

religiosa como estratégia dos interagentes no Twitter durante o acontecimento; 3) Analisar a circulação da *hashtag* no Twitter.

Nossa investigação abrange como as redes sociais são utilizadas para construir estratégias e narrativas que impactam diretamente o sistema político e social. Desse modo, a justificativa teórica-metodológica sustenta-se pelo embasamento teórico ao longo de nosso percurso. Assim, visualizamos como as instituições se fazem presentes nas plataformas, espalhando e promovendo suas agendas e valores, bem como tecemos nosso texto de modo que faça conexões das diferentes temáticas que aqui abordaremos.

Escolhemos analisar o Twitter (X)⁴, uma plataforma multifacetada que inclui informações sobre produtos, notícias, política dentre vários outros assuntos, pois muitos políticos têm usufruído desta rede. Eles a usam não apenas para buscar votos ou mobilizar apoiadores, mas também como um termômetro da “opinião pública”, destacando a crescente importância da “esfera do Twitter” (Santos; Ciocari; Moraes 2020).

Salientamos que, ao longo deste estudo, a plataforma Twitter passou a se chamar “X”. A alteração do nome de uma das maiores plataformas de mídia social do mundo pode parecer trivial à primeira vista, mas sua repercussão vai além do âmbito tecnológico. Ela ressoa no cerne de uma constante platformização e midiatização que permeiam nossa sociedade, com mudanças de funcionalidades nas plataformas e modulações algorítmicas que não temos conhecimento. Os resultados desta pesquisa demonstram uma influência direta dessas mudanças, como discutiremos no capítulo adiante. Isto posto, optamos por nos referirmos a plataforma como Twitter, já que, esta pesquisa é datada e apresenta as alterações das lógicas operacionais da rede neste mesmo período.

A escolha de analisar a circulação de uma *hashtag* no Twitter ocorreu devido à forte presença e articulação da família Bolsonaro nesta plataforma, tal como, pelo uso estratégico das *hashtags* neste meio, já observado por Santos, Ciocari e Moraes (2020). As funcionalidades da rede social, juntamente com a operação dos algoritmos, conectam perfis com maiores identificações, não obstante, conectam as dinâmicas *online* dos ambientes virtuais e podem sinalizar acontecimentos específicos, assim como o nosso objeto de estudo.

A perspectiva desta análise se situa no contexto da platformização, que iremos percorrer a partir de Van Djick et. al (2018). Eles que dialogam com o processo pelo qual as atividades sociais, econômicas e culturais são organizadas, mediadas e coordenadas através de

⁴ Apesar de ter conhecimento de que a rede social é atualmente intitulada como X, após a compra do empresário Elon Musk, nesta pesquisa usaremos o nome conhecido popularmente como Twitter.

plataformas digitais. À vista disso, é levantado também preocupações sobre concentração de poder, privacidade dos dados e controle sobre informações e transações, demonstrando a obscuridade de como opera um ecossistema de plataformas e seu poder de interpenetrar todas as estruturas sociais.

Perpassando por Castells (1999), foi possível ver que o sociólogo já trazia o impacto das tecnologias nos mais diversos contextos e civilizações. A sua visão afirmou a existência da seguinte realidade: o virtual já está fundido na vida real. Ainda de acordo com as premissas do autor que compõe nosso quadro teórico, a “viralização” é fundamental na internet em âmbito local e global, o *online* é então um sistema complexo interativo e se torna um espaço de poder e contrapoder ou seja, reforça a sensação de companheirismo e esperança, que junto a outras emoções, são consideradas a combustão da política.

O aprofundamento sobre os fenômenos da ultra política e as *fake news* são necessários para abordar o cenário político e o papel das mídias diante da nossa democracia. Para abordar especificamente o Twitter, onde se inscreve o acontecimento, Pariser (2011), Recuero, Zago e Soares (2017) e Recuero e Gruzd (2019) compreendem o potencial engajamento do uso de *hashtags*, a circulação de *fake news* — como informações intencionalmente divulgadas a fim de benefício próprio — e a criação de bolhas ideológicas mutuamente excludentes, temáticas que nos ajudarão a reforçar a escolha do objeto de estudo e como ele irrompe.

A perspectiva metodológica adotada para este estudo inspira-se em Frigo (2018) e consiste em uma associação do estudo do acontecimento nas perspectivas de França e Lopes (2017) à análise da circulação proposta por Braga (2017). Logo, como percurso metodológico, primeiramente, utilizaremos o conceito de acontecimento dado por França e Lopes (2017), que nos dará aporte para analisar a produção e circulação de sentidos. Para que o conceito “acontecimento” se transforme em um conceito-operador para gerar indicadores de análise, as autoras, propõem uma estruturação/análise baseada em cinco etapas: descrição; narrativização; identificação do pano de fundo pragmático; caracterização do problema público e normalização. A partir dessas etapas, construiremos visualmente uma linha do tempo também baseada na autora Frigo (2018), que nos fornecerá outros recortes e acontecimentos de diferentes dimensões. Estas inserem outras narrativas e personagens que reforçam a circulação da *hashtag*, dando aporte para alcançar nossos objetivos específicos.

Para o segundo percurso, criamos categorias para prosseguirmos a análise, dessa forma, a categorização envolve organizar elementos de um conjunto com critérios previamente estabelecidos (Bardin, 2011). Aqui, elaboramos categorias semânticas por pertinência, ou seja, adaptado a temas específicos encontrados no material que coletamos. A fim de alcançar nossos

objetivos, a circulação de sentidos acerca da *hashtag* #*bolsonarosatanista*, realizada neste percurso, se além a circulação de sentidos como algo diferente da distribuição, pois o conceito é um dispositivo central, visto que, nos fornece um panorama para descrever interações sociodiscursivas e processos da comunicação na era da midiatização, que sugere uma complexidade (Fausto Neto, 2018). Ainda, Braga (2017a) desenvolve o conceito de fluxo adiante, segundo o processo circulatório segue adiante em processos diferidos e difusos.

Além disso, a partir da metodologia escolhida, inteiramos que “Entre produção e recepção, entre o engendramento de um discurso e dos seus efeitos, não há causalidade linear” (Verón, 2004, p.66). Após a recepção, podemos considerar apropriações, reapropriações, resposta social, desvios e reproduções (Braga, 2017a), ou seja, um sistema interacional vastamente amplificado pelo Twitter através de suas funcionalidades. Essa abordagem torna-se relevante quando inserida na área de concentração do Programa de Pós-Graduação que é a Comunicação Midiática, seguindo na linha de pesquisa Mídias e Estratégias Comunicacionais. As estratégias promovem a articulação entre a esfera midiática e outros campos sociais, visto que, por meio da análise da disputa de sentidos em torno da religião no Twitter, é possível entender como as estratégias comunicacionais são empregadas para estabelecer vínculos entre instituições e perfis *online*.

Como justificativa empírica, posiciono-me⁵ antes de pesquisadora como uma mulher votante, questionadora e presente nas redes. Invisto como pesquisadora emergindo nesse estudo, que se deu em sequência da minha primeira pesquisa com temática política, intitulada *Comunicação política, redes sociais e feminismo: a percepção política na página Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro* (Mathias, 2019), em empenho contínuo para desenvolver o meu olhar (e outros olhares) sobre o que já está posto.

Em seguida, provindo de inúmeros estudos com diferentes objetos, abordagens e olhares, fazer um Estado da Arte é fundamental para entender o panorama atual dos conhecimentos sobre determinados temas. Essa revisão sistemática da literatura nos dá subsídios para contextualizações, metodologias, técnicas, tomadas de decisões na construção do trabalho e demais orientações. Assim como a religião, a política também é um tema interdisciplinar, com uma infinidade de perspectivas que atravessam áreas como Ciências Políticas, Sociologia, Letras e Comunicação. Em meio a esta investigação, o primeiro Estado da Arte foi realizado durante a disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação, cursada durante o segundo semestre de 2022, no PPG em Comunicação da UFSM. Utilizamos as

⁵ Peço licença para o uso da primeira pessoa do singular.

ferramentas de pesquisa como o *GoogleScholar* e *ResearchGate*, buscando o conjunto de palavras combinadas “comunicação”, “circulação de sentidos”, “acontecimento” e “política”. No período de 2018 a 2022, o *GoogleScholar* nos apresentou 15.700 resultados.

Para contextualizar o regime democrático brasileiro, seus governos e os marcos que implodiram, os autores destacam os acontecimentos que afetaram diretamente ou indiretamente o contexto do objeto que estão pesquisando. Todos citam como as mídias tradicionais se posicionaram ou disseminaram as informações desses marcos, posteriormente fazendo um gancho com as “novas mídias”, como “*Comunicação e polarização política: o papel das mídias na crise da democracia*” (Lattman-Weltman, 2021).

Já na perspectiva das novas mídias e de seus usos estratégicos na política, as pesquisas: “*O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social*” (Santos; Cioccarri; Moraes 2020), “*Presidente eleito, e agora? Analisando as estratégias de comunicação digital no Twitter do Governo de Jair Bolsonaro*” (Carreiro; Matos, 2020) e “*Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo*” (Hur; Sabucedo; Alzate, 2021), nos concederam sustentação à construção da imagem pessoal e política de Bolsonaro a partir do discurso em rede, com maior destaque para as Eleições presidenciais de 2018 e a pandemia de Covid-19. Observamos também que a rede escolhida com maior número de análises é o Twitter, a explicação dos autores se dá pelo fato de ser a rede social mais utilizada pelo ex-presidente.

Após esta primeira busca, realizamos um segundo Estado da Arte para a disciplina de Seminários de Pesquisa, realizada no primeiro semestre de 2023. Nele buscamos nos concentrar em três eixos que contemplam o título da dissertação e nosso problema de pesquisa: o acontecimento, o discurso religioso e a circulação. O *GoogleScholar* nos apresentou 15.600 resultados, considerando o mesmo período da busca anterior. Já por meio do *ResearchGate*, observamos recorrências mais contemplativas até a terceira página dos resultados.

Referente ao uso de “acontecimento”, o conceito aparece frequentemente no enquadre jornalístico, o trabalho de conclusão de curso intitulado “*O Caso #VazaJato e a utilização de hashtags na construção de acontecimentos jornalísticos no Twitter*” (Garcia, 2021) foca no acontecimento jornalístico em rede e tece diferentes construções. Embora o trabalho abranja temáticas semelhantes às aqui propostas, o conceito não aparece como operador metodológico, sendo a análise de conteúdo o processo escolhido. Ao encontro da nossa pretensão, Frigo, Borelli e Dalmolin (2020) acionam a individualização do acontecimento e a circulação no texto “*Acontecimento, discursos de ódio e intolerância: uma análise da circulação do voto de Jair Bolsonaro no impeachment de Dilma Rousseff*”. Ainda, nesta busca, consideramos de

relevância para nosso segundo eixo o artigo de Cunha (2019): “*Os processos de mediação das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico*”, que relaciona mídia, religião e política, nos trazendo uma perspectiva da inserção do ativismo político evangélico dentro das redes, além de suas pautas e mobilizações para além das instituições neopentecostais.

No eixo que condiz à circulação, tanto nos resultados quanto nos demais trabalhos que usufruem do conceito, “*Circuitos versus campos sociais e Circulação e Circuitos*” de Braga (2012; 2017) é amplamente citado em referência a processos interacionais. Além dele, “*As bordas da circulação*” por Fausto Neto (2010). Durante o percurso, percebemos que dois de nossos eixos (discurso religioso e circulação) se encontram juntos nas produções que abrangem a Comunicação, como, por exemplo, O caso “*@Pontifex e a reconstrução do religioso em dispositivos conexiais*” (Sbardelotto, 2017). Após o movimento de exploração dos materiais já produzidos, expandimos nossas abordagens e possíveis tomadas de decisões ao longo do trabalho, porém, não encontramos o nosso objeto de estudo sendo analisado. A articulação metodológica não aparece com tanta frequência, sendo observada nos trabalhos citados em nossos eixos do Estado da Arte.

Para a estruturação desse estudo, além desta introdução e das considerações finais, dispomos de três capítulos, desenvolvidos com subsídios teórico-metodológicos e análise. Em nosso segundo capítulo, intitulado “**Plataformização e mediação: o impacto nos processos sociais e comunicacionais**”, buscamos explorar a influência das plataformas digitais na sociedade contemporânea. Com foco em seus impactos nas relações individuais e coletivas, tencionamos reflexões a partir dos conceitos de plataformização e mediação, destacando relevâncias acadêmicas e implicações comunicacionais. Ainda neste capítulo, adentramos a circulação de sentidos e o fluxo adiante, além do uso estratégico do Twitter para desinformações, mobilizações de grupos apoiadores, opositores e militantes, a fim de construir o panorama de circulação do nosso objeto de estudo.

Ao longo do capítulo 3, intitulado “**O avanço do conservadorismo**”, propomos explorar a complexa relação entre política, religião e mídia. Delineamos alguns fatores como a presença do catolicismo, enraizada na história do Brasil, até a ascensão de evangélicos na política e fortalecimento de pautas conservadoras por meio das mídias. Aqui, assentimos a dialogar as teologias da Prosperidade e da Guerra Espiritual, estabelecendo vínculos com o atual sistema político e com o fenômenos da ultra política. Encaminhamos durante o fim da seção uma contextualização política para seguirmos no movimento de análise.

O capítulo 4, o qual intitulamos de “**Análise**”, descreve as metodologias utilizadas juntamente aos percursos de análise, dividida em dois percursos com as respectivas categorias

de análise. O primeiro percurso é a análise do acontecimento como mencionamos anteriormente nesta introdução, perpassando pelas categorias de França e Lopes (2017), e criando uma linha imagética a partir de Frigo (2018). O segundo percurso é análise da circulação, que se dá através dos conteúdos coletados no Twitter e categorizados de acordo com Bardin (2011) a partir de cinco categorias analíticas aqui elaboradas: (i) valores religiosos; (ii) imagens e personalidades religiosas; (iii) concepções anticristãs; (iv) preceitos satanistas e (v) referência à Maçonaria.

Desse modo, esta pesquisa pretende alcançar os objetivos estipulados, assim como explorar o cenário desse acontecimento e dos movimentos interacionais que afetam a política, as crenças, as construções de significados e narrativas. Ao mesmo tempo, as considerações finais do trabalho fornecerão subsídios para reflexões sobre os desafios e as possibilidades para futuras pesquisas com outros olhares acadêmicos.

2 PLATAFORMIZAÇÃO E MUDIATIZAÇÃO: O IMPACTO NOS PROCESSOS SOCIAIS E COMUNICACIONAIS

Neste capítulo, buscaremos abordar a plataformação e a midiatização no âmbito de sua influência, modificações e impactos na sociedade contemporânea, visto que, a mídia é um nó central nas relações individuais e coletivas, bem como, na formação de opiniões e construção de significados. Nos baseando na realidade de que o processo de midiatização está em decurso, o modo de buscar informação e fazer conexões se dão principalmente nas redes sociais digitais⁶. Começamos estreitando os atravessamentos históricos tecnológicos, operacionais e interacionais que nos levaram até o presente momento.

A história da internet e da sociedade conectada remonta a décadas, caracterizando-se por uma evolução contínua que tem moldado significativamente a forma como interagimos e nos organizamos socialmente. Segundo Castells (2019), factualmente, a mediação das novas tecnologias não veio substituir a interação social, pelo contrário, a vitalidade e interação não foram abaladas, o “novo” meio de comunicação se tornou um sistema de organizações interacionais, até mesmo para manifestações de rua contra o governo.

Desde os primórdios da internet, a compreensão e integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa, como o hipertexto e a metalinguagem, tem sido promissora para o desenvolvimento em diversos campos. Hoje, fazemos parte de uma sociedade em rede, que entendemos como

[...] aquela cuja estrutura social é composta de redes activadas por tecnologias digitais de comunicação e informação baseadas em microelectrónica. Entendo por estrutura social os acordos organizativos humanos na relação com a produção, o consumo, a reprodução, a experiência e o poder expressos por uma comunicação significativa codificada pela cultura. (Castells, 1999, p. 58).

Nesse contexto, as redes sociais desempenham um papel fundamental, possibilitando a cultura participativa (Jenkins, 2008) e a propagação de conteúdos de forma reposicionada quando em contato com diferentes nichos. No entanto, as transformações trazidas pelas redes penetram em várias esferas da sociedade, desde a geopolítica até a infraestrutura global, tornando tudo interdependente, como observado por Van Dijck et al. (2018).

Concordamos que as plataformas online estão no centro de um desenvolvimento importante, mas não as pensamos como um fenômeno econômico exclusivo, nem

⁶ Durante o desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos com maior frequência o termo “redes sociais” devido a sua popularidade. Entretanto, alguns autores citados farão o uso de outras expressões, como “mídias digitais”, “plataformas”, “rede interativa”. Respeitamos o uso dessas variáveis atribuindo significados equivalentes e entendendo a funcionalidade de cada uma delas.

como uma construção tecnológica com corolários sociais. Em vez disso, preferimos uma visão abrangente de um mundo conectivo em que as plataformas penetraram no coração das sociedades - afetando instituições, transações econômicas e práticas sociais e culturais - forçando, portanto, governos e estados a ajustarem suas estruturas jurídicas e democráticas. (Van Dijck et. al, 2018, p.2).

Atualmente, vivemos em um processo de plataformização onde o mundo está conectado a plataformas digitais que estão em constante evolução. Ainda essa (re)volução interpela, precisamente, “[...] a maneira na qual todos os setores da sociedade estão se transformando” (Van Dijck et al. 2018, p. 19). Essas plataformas, operadas por lógicas algorítmicas, constituem um ecossistema hierárquico, sua arquitetura carrega uma série de valores ideológicos, seu alcance e impactos influenciam e delineiam estruturas sociais em níveis local e global.

Assimilando os significados de Verón (1996), a ideologia existe fora do discurso das ciências e fora dos discursos sociais em geral, de modo que o ideológico está em uma posição em que pode se investir de qualquer matéria significativa. Logo, o ideológico é uma dimensão constitutiva de todo o sistema social de produção de sentido, os quais circulam nas plataformas. Desse modo, a opacidade dos algoritmos e a transparência dos nossos dados levantam questões sobre nossa capacidade de “funcionar” como cidadãos (Canclini, 2020).

Com essas afirmações, podemos referir que na estrutura hierárquica das plataformas digitais, certos conteúdos, perfis ou ideias podem ganhar destaque em relação a outros. Assim, eles acabam influenciando a percepção e o comportamento da sociedade com base em valores ideológicos específicos, refletindo muitas vezes as visões de mundo de seus criadores ou proprietários, ou seja, inscrições ideológicas que são parte de interesses são atendidos,

[...] privilegiam o conteúdo que gera rapidamente mais engajamento do usuário. A seleção automatizada de notícias gira em torno dos princípios de ‘personalização’ e ‘viralidade’ – princípios que são fundamentalmente incorporados às arquiteturas de plataforma – levando os usuários a compartilhar conteúdo com seus amigos e seguidores e, portanto, solicitando uma resposta ‘emocional’. (Van Dijck et. al., 2018, p.65).

A falta de compreensão sobre o funcionamento interno desses algoritmos pode comprometer nossa capacidade de tomar decisões informadas e distorcer informações que afetam a sociedade. Assim, a operação desse ecossistema não somente interpenetra nossa vida, mas por nutrir uma dependência passa a produzir estruturas sociais. À medida que gigantes como Google, Apple, Facebook e Amazon remodelam o poder político e econômico, elas também redefinem o tecido social: nossos hábitos, percepções sobre trabalho e consumo, formas de comunicação e até mesmo o grau de isolamento das pessoas. Essas empresas não só representam os maiores complexos corporativos e inovadores tecnológicos, mas também

influenciam profundamente as interações humanas, impactando o sentido de coexistência (Canclini, 2020).

Ainda, de acordo com o autor, os efeitos dessa organização refletem para além de uma crise cultural e comunicacional, uma reconfiguração nas formas de convivência, diálogo social e engajamento cívico (Canclini, 2020). A compreensão desses fenômenos requer uma análise mais profunda do que resta dos tradicionais espaços de exercício cidadão, como partidos políticos, sindicatos e grupos étnicos-religiosos, agora desafiados pelos movimentos feministas e outras formas de ativismo. A transparência dos dados pessoais contrasta com a falta de clareza sobre como esses dados são utilizados, criando uma dinâmica laboral desigual que afeta a participação democrática.

Uma imersão na operacionalização do sistema dos algoritmos ainda é obscuro e seria algo infinito, mas cabe aqui percebermos de forma crítica como a linguagem do “progresso” é muito facilmente armada contra aqueles que mais sofrem sob sistemas opressores. Benjamin (2019) pontua que nesta discussão “valores políticos” são menos sobre filiação partidária e mais sobre as decisões dos empreendedores de tecnologia que impactam questões de poder, ética, equidade e sociabilidade.

A sociedade midiaticizada, como consideramos hoje, emerge quando as práticas institucionais são profundamente influenciadas pela presença e pelo papel das mídias. Esse processo intensificou-se desde a Segunda Guerra Mundial, com as mídias atuando como intermediárias na gestão do social e moldando as representações sociais, como destacado por Verón (2004). Nesse aspecto, quando retomamos a noção da mídia de massa, pontualmente, estamos nos referindo à disseminação de informações e ao entretenimento em larga escala para um grande público. Essas ambiências têm um papel essencial no modo de consumo de informações e construção de relações e identidades. Imersa nessas condições, a contemporaneidade torna-se instantânea, acessível e frequentemente fragmentada, impactando comportamentos. Em uma discussão epistemológica, Braga (2012) pontua em seu encadeamento de ideias que

No âmbito da Comunicação, o surgimento de uma “mídia de massa” na forma de indústria cultural tornou-se objeto de estranhamento social: uma sociedade vista como massificada passava a ser mediada por processos informativos e de entretenimento não-habituais, subsumidos a setores sociais dominantes, não controlados pela sociedade em geral. (Braga, 2012, p. 32).

Como cerne das pesquisas sobre a midiaticização e, posteriormente, tendo seus estudos aprofundados e complementados, Verón (1996) amplia o conceito de midiaticização agregando as raízes históricas dos fenômenos midiáticos, os quais são considerados processos universais

e inerentes à sociedade. Em sua abordagem teórica, o autor propõe uma reinterpretação da relação entre ciência e ideologia, assim, a ideologia não se limita aos discursos científicos. Ela permeia todos os discursos produzidos em uma sociedade, ou seja, devemos considerar o conhecimento como um sistema de efeitos de sentidos discursivos. Neste ponto, é reforçado as relações de produção e reconhecimento por meio da linguagem.

Verón (2014) pontua três observações globais justificadas como consequentes da midiaticização: o crescimento dos meios de comunicação (ou media) que operam através de novos dispositivos tecnológicos de comunicação; o segundo ponto aborda que impacto produzido pelos fenômenos midiáticos é consequência da sua natureza sistêmica, o que implica em uma rede de feedback, “os fenômenos mediáticos são processos claramente não lineares, muitas vezes longe do equilíbrio” (Verón, 2014, p.16). Como terceiro ponto, evidencia-se a aceleração do tempo histórico.

Partindo dessas observações — que posteriormente foram e são continuamente estudadas — é possível dizer que, na sociedade em rede, a midiaticização fomenta um crescimento exponencial dos meios de comunicação, se adaptam e se expandem através de novos dispositivos tecnológicos. Os canais de informação criam uma teia de interconexões que transcende fronteiras geográficas e temporais, promovem, assim, uma rede de feedbacks complexa, em que os acontecimentos e informações são disseminados e consumidos em ritmo acelerado. Eles trazem consigo percepções distintas e catalisam transformações culturais e políticas num fluxo contínuo, o que nos aprofundaremos na seguinte seção.

2.1 A CIRCULAÇÃO E O FLUXO ADIANTE NA SOCIEDADE MUDIATIZADA

Com a midiaticização, a lógica dos processos interacionais em suas múltiplas formas, embora definam padrões de comunicação, tornaram-se mais complexas. Não estamos dialogando apenas sobre o uso ou influência das mídias, mas de um processo que pede uma compreensão das estruturas interacionais. Por conseguinte, a midiaticização da qual estamos falando é baseada num sistema de relações no qual o episódio comunicacional não se dá apenas entre os participantes, mas também incorpora outros elementos como a incidência de contextos, códigos e modos inferenciais acionados em Braga (2017b).

Assim, os “dispositivos de interação” mencionados por Braga (2017a) caracterizam-se não só pelas tecnologias, mas também pelas atividades específicas. Portanto, os dispositivos interacionais agregam processos e modos de ação, já que os atores sociais dentro da interação

passam pelo reconhecimento e apropriação, produzindo uma resposta social. Sugerimos, em nosso título, a “circulação de sentidos”, entretanto, para melhor articularmos com a nossa análise, devemos nos questionar: de que circulação estamos falando? E o que vem depois dela?

Uma tendência frequente é a de pensar “circulação” como referência ao processo desenvolvido pelo produto midiático, da emissão à recepção. Nessa perspectiva, mensagem, informação, produtos da mídia circulam. Eventualmente, considera-se um segundo movimento de circulação do produto, *após a recepção*. Temos aí ‘respostas’, novos produtos derivados dos primeiros, re-mediação, *remakes* [...] (Braga, 2017b, p. 45).

Tradicionalmente, as análises da circulação midiática concentravam-se na relação direta entre produção e recepção, buscando compreender a lógica dos dois subsistemas envolvidos. Isso ocorre desde as indústrias culturais, que disseminam informações, ideias e cultura, até as esferas da vida cotidiana formadas pelos destinatários imediatos desses produtos. Com o conceito aqui trabalhado, atribuímos a importância de se estudar a circulação do sentido em diferentes situações em que a relação entre produção e recepção pode ocorrer.

Essa circulação pós-recepção ocorre de várias maneiras, abrangendo desde a reutilização do conteúdo original, a elaboração de comentários e reflexões, até o engajamento em debates, análises e polêmicas. A análise crítica sobre a circulação de conteúdo em redes sociais, como Facebook e Twitter, é fundamental para compreendermos a formação de opinião em ambientes digitais (Fernandez, 2018). A multiplicidade de estudos nesse campo reflete a crescente importância atribuída à compreensão da dinâmica das interações *online* e seus impactos. Contudo, temos que reconhecer as limitações e desafios enfrentados por essas pesquisas.

Essa complexidade é ampliada pela diversidade de abordagens metodológicas, que vão desde análises discursivas até o uso de métricas para monitorar o engajamento e, muitas vezes, há dificuldades em compreender plenamente a natureza da circulação de conteúdo *online*. Um dos principais desafios é determinar se uma sequência idêntica de comentários publicada em diferentes redes sociais representa a mesma circulação midiática. Isso levanta questões sobre a especificidade de cada plataforma e como isso influencia a disseminação e recepção de informações. Muitas dessas indagações sobre operacionalização e funcionalidades, seja no aspecto da centralização de poderes por trás das plataformas seja no reflexo interacional social, reconhecemos nesta pesquisa durante o processo analítico.

A dificuldade em compreender plenamente a circulação mesmo considerando as especificidades do Twitter — plataforma que trabalhamos — é exacerbada pelos algoritmos que personalizam o conteúdo e fornecem informações com base em um histórico de interações,

interesses declarados e comportamento *online*. Essa personalização afeta não somente dados de pesquisa, mas todo o processo de contato, interpretação e atribuição de significados em torno do objeto de estudo, seja uma notícia, uma imagem, um vídeo, um discurso ou qualquer outro material.

Em última análise, a compreensão da construção de uma informação ou opinião em ambientes digitais requer uma abordagem holística e interdisciplinar, que leve em conta as características específicas das plataformas *online* e os contextos sociais, culturais e políticos mais amplos em que essas interações ocorrem (Fernandez, 2018). A integração de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas é essencial para avançar nosso entendimento sobre esse tema em constante evolução no qual tudo está interligado.

Embora os mass media tenham mudado, a diferença agora não está na sua importância e dimensão, mas no seu tipo de importância, porque sobrevivem e adaptam-se, ainda que de forma conflituosa, aos tempos. Além disso, as plataformas de mídia atingiram massas impensáveis no século XX. Ver-se-á que a diferença não está na importância nem na dimensão, mas sim nos ecossistemas construídos. (Fernandez, 2021, p.18).

Nos ecossistemas construídos nas dinâmicas das plataformas, o "contrafluxo" é considerado a antecipação das respostas que se esperam ou temem, influenciando a produção e a circulação da mensagem. Assim, torna-se intrincado distinguir claramente os pontos de partida e chegada da comunicação, tal como a produção e a recepção como entidades separadas. A fronteira entre esses estágios tradicionalmente distintos torna-se difusa, uma vez que a audiência desempenha um papel ativo na reinterpretação e replicação de uma informação.

Assim, as diferentes lógicas de interação definem novos papéis para os participantes. Essa circulação contínua não é apenas uma abstração teórica, mas uma realidade concreta que se manifesta na sociedade por meio de circuitos de comunicação.

Na prática social encontramos, então, sobretudo circuitos. Cada setor ou processo de sociedade participa de circuitos múltiplos. Com a mediação crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos. (Braga, 2012, p.44).

Esses circuitos podem ser analisados e são culturalmente reconhecíveis e praticados. Eles representam a complexidade da mediação, que não se limita ao uso de mídias, mas também penetra nas práticas, nas lógicas e nos esquemas de codificação da cultura de uma sociedade. As respostas ou novos produtos derivados dos primeiros, entre outras designações, carregam os desvios interpretativos singulares. A partir disso, novos episódios interacionais diferentes podem acontecer e entre diferentes dispositivos interacionais, o que caracteriza um circuito. Dessa maneira, há um espaço no qual circulam críticas sociais, reivindicações e

interpretações infinitas, portanto, a produção, a apropriação e a resposta social são parte da circulação midiática.

Percebemos, então, um fluxo comunicacional *contínuo e adiante* que dinamiza passagens de resultados entre dispositivos interacionais de ação frequente. Após a apropriação dos sentidos de uma mensagem originada em qualquer ponto da sociedade, seus captadores/apropriadores podem sempre pôr em circulação no espaço social sua resposta. Essa resposta, independente de um retorno imediato, segue adiante, em processos diferidos e difusos. (Braga, 2017b, p. 47).

Fausto Neto (2018) engendra a complexidade entre linguagem e circulação. De acordo com essa visão, o trabalho da linguagem não se limita a frases ou a ações predefinidas que estão destinadas a satisfazer intenções específicas. Na verdade, na comunicação discursiva, o sujeito não tem controle total sobre o seu próprio discurso, nem sobre o impacto dele sobre os seus interlocutores. Portanto, a circulação e disputa de sentidos se torna uma área de conflito para diferentes atores sociais, particularmente aqueles que buscam utilizar os processos midiáticos para divulgar as causas ou manifestações das denúncias.

Existe uma interdependência entre linguagem e circulação que leva ao surgimento de novas formas de relações sociotécnicas. Estas relações são criadas pela dinâmica dos fluxos e circuitos, como já mencionamos anteriormente. Logo, a circulação se propõe a ajudar-nos a compreender melhor as ligações entre a sociedade e os meios de comunicação, tanto em termos de estruturas sociais quanto de práticas discursivas.

Finalmente, a intersecção entre mídia e política tem um impacto significativo no funcionamento do espaço público, construindo visibilidades e disputando sentidos por meio de agendas específicas, embora muitas vezes elas se entrelacem (Fausto Neto, 2006). Essa influência do poder na estratégia midiática política, na construção de discursos e na circulação, são aspectos que atravessam o *status quo* e acomete outros pilares da nossa sociedade, como a religião, também tema deste trabalho.

2.2 OS ATRAVESSAMENTOS DA MUDIATIZAÇÃO

Neste segmento, buscaremos explorar de maneira mais aprofundada a dinâmica da comunicação política e eleitoral nas redes, a partir da perspectiva comunicacional. Essa compreensão torna-se relevante devido ao impacto das primeiras campanhas eleitorais e às mobilizações de grupos com diferentes inclinações políticas. Sejam apoiadores, opositores e/ou militantes, eles consomem e compartilham informações e conteúdos, exercendo um efeito de forma digital e na esfera pública. Visto que nosso tema também engloba a religião, buscamos adentrar a interseção entre as práticas religiosas e os avanços tecnológicos, os quais contribuíram para o cenário eleitoral a ser destrinchado posteriormente.

2.1.1 A midiatização da política

Em uma complexa relação entre atores políticos, relações sociais, direitos civis e a campanha eleitoral, temos o dinamismo da comunicação: “É a aprovação pública ou a conquista da opinião pública que faz a ligação entre a comunicação política e a comunicação eleitoral. A opinião pública é o elemento chave da atividade política.” (Tesseroli; Panke, 2021, p. 100), sendo a comunicação eleitoral com um período definido para ações e propagandas, no qual será trabalhado a imagem pessoal do candidato e a percepção dos eleitores. Logo, de acordo com Panke (2020), comunicação eleitoral acaba abrangendo os aspectos discursivo, estratégico, temporal e instrumental.

Chomsky (2013) traz traços históricos dos primórdios da propaganda política governamental. Em suma, os resultados de esforços estratégicos, já durante a Primeira Guerra Mundial, mostraram-se bem-sucedidos, indicando que a propaganda política sancionada pelo Estado e endossada pela elite intelectual, sem margem para oposição, pode exercer considerável influência e transformar a opinião pública, principalmente, quando coincide com objetivos políticos e sociais. A alusão ao “rebanho desorientado” que o autor já considerava no século passado, fica evidente na circunstância de uma sociedade fragmentada e manipulada por líderes e influenciadores que se esforçam em garantia de poder, assim, enevoando a compreensão do público e intervindo em diversas esferas sociais.

É comum que os governos controlem certos setores da mídia, enquanto licenças são concedidas a vários grupos empresariais politicamente orientados, limitando a diversidade de vozes e a independência editorial. Essa conjuntura levanta questões sobre a existência de uma mídia verdadeiramente independente (Castells, 1999). Embora amplos pontos de vista sejam

considerados, os efeitos do controle estatal em alguns dos meios de comunicação devem ser refletidos, pois uma influência significativa ou controle direto, nos redireciona a uma manipulação de informações de forma tendenciosa. Nesse aspecto, essa discussão tange cenários perigosos como a censura, a promoção de uma determinada agenda política ou a restrição da liberdade de expressão.

A parcialidade da mídia e a discussão que é gerada compõem o cenário político brasileiro há décadas. Temos um amplo histórico, que é lembrado até hoje nos debates políticos, como o apoio da emissora Globo ao golpe de 64 (Francesco, 2015). Esse debate, contudo, não se atém apenas às mídias tradicionais, já que a convergência dos meios de comunicação indicada por Jenkins (2008) aponta que fluxos informacionais estão em multiplataformas, tornando coletivo o seu consumo e produção de significados. De antemão, a “democracia digital” é prevista como descentralizada e dispersa de forma desigual, como uma velha política tentando ser conduzida de novas formas.

Apropriando-nos dos eixos internet — esfera pública — e democracia, por um lado otimista, a internet parecia ser apontada como uma solução para a crise de participação e identidade política (Gomes, 1995). Contudo, na urgência do conceito “democracia digital”, o qual reflete uma crença da aproximação da esfera pública ao debate — de forma transparente e acessível — não se mostra totalmente eficaz. As redes, palco para a difusão de informações falsas, discursos de ódio e manipulação política, contestam a premissa de que a liberdade sempre está associada à democracia e o controle à tirania, pois enquanto plataforma para a livre expressão, a “liberdade” reverbera de modos prejudiciais, criminosos e ofensivos, que desafiam os princípios democráticos.

Defender a presença dessas informações não equivale a lutar pelos direitos civis no ambiente *online*, como muitos libertários argumentam; ao contrário, muitas vezes significa apoiar discursos de ódio, racismo e discriminação em seus diversos estratos. Destarte, temos em vista um terreno fértil para a difusão de narrativas, arquitetadas das ideias e das crenças que permeiam uma sociedade, norteando visões de mundo e opiniões políticas. Nesta temporalidade de aceleração de novos mundos virtuais, a percepção do real é deturpada e lesa as noções tradicionais de identidade, em um espaço de poder e contrapoder (Castells 1999).

As interações entre diversos atores — incluindo corporações, Estado e cidadãos — dentro do cenário digital possibilitam o surgimento de articulações imaginárias que, em um sistema enredado, dá espaço para “*trolls*” que engajam comportamentos agressivos e provocadores. Além deles, há bots controlados por centros ocultos e utilizados para disseminar

mensagens em massa, amplificar determinadas narrativas e distorcer a percepção pública conforme discutido por Canclini (2020, p. 49).

Mais que ferramentas tecnológicas, as plataformas englobam estratégias de negócios, políticas governamentais e interesses sociais. De acordo com Castells (2019), a campanha de Barack Obama à presidência dos EUA em 2008 é um cânone da cultura da virtualidade que estimulou a participação política através da internet, com a criação de grupos e outros meios de disseminação de informação, diálogos e debates. Embora as eleições estadunidenses pareçam muito distantes da conjuntura do Brasil, podemos observar semelhanças do êxito das mobilizações *online*.

O surgimento de Jair Bolsonaro como o primeiro candidato “digital” do Brasil não é coincidência. Alzamora, Mendes, e Ribeiro (2021) exploram como a campanha dele utilizou efetivamente as plataformas digitais para atingir um grande número de pessoas. Isso ocorreu durante um período prolongado, superando as limitações de um pequeno orçamento eleitoral, uma estrutura partidária fraca e tempo limitado para propaganda eleitoral do primeiro turno das eleições presidenciais. Aqui, misturam-se as estratégias partidárias e também as acatadas, mobilizadas por votantes.

Expressões como “meu partido é o povo”, presente nos discursos populistas de Jair Bolsonaro, reforçam o ideal de igualitarismo populista (Aggio; Castro, 2020). Essa é uma estratégia retórica que busca neutralizar as alegações de desigualdade, apresentando um discurso unificador que sugere equilíbrio e harmonia entre as supostas diferenças que são consideradas irrelevantes, mesmo que sejam naturais e injustas. O nacionalismo também exaltado por Bolsonaro se faz presente tanto em formas populistas autoritárias quanto em populismos de vertente democrática. Nas fórmulas populistas, o nacionalismo é evidenciado pelo enaltecimento de símbolos que representam as tradições e história do povo, como a bandeira nacional, personagens e eventos históricos, desse modo,

A construção do personagem político de Jair Bolsonaro é composta por um cenário abundante de símbolos, emblemas e discursos voltados ao enaltecimento de uma ideia de patriotismo inerente ao povo genuinamente brasileiro, episódios de demonstração de respeito e devoção à bandeira do Brasil e discursos de proteção da nação contra ameaças estrangeiras embutidas na ideia nacionalista de defesa e preservação dos interesses nacionais – notoriamente inspirados no ufanismo do regime militar brasileiro. (Aggio; Castro, 2020 p. 438).

Bolsonaro e sua família, especialmente os filhos Carlos, Eduardo e Flávio, usaram as redes sociais para fortalecerem seus discursos e uma base fervorosa de eleitores. O espaço virtual aproxima grupos, comunidades e mobilizações com similaridades identitárias e discursivas, o que, para a política, acaba sendo uma combustão (Castells, 1999).

Aqui, podemos fazer uma conexão com o uso da religião como ferramenta para angariar apoio político, especialmente durante as eleições. Do mesmo modo que a extrema direita utiliza as redes sociais para difundir suas ideias, grupos religiosos podem se valer dessas plataformas para promover suas crenças e influenciar seus seguidores, conquistando corações e mentes (Rocha, 2023). A onipresença do bolsonarismo é factual, contudo, a midiática da religião não aconteceu junto a solidificação de sua base eleitoral. Outros espaços midiáticos foram explorados neste processo.

2.2.2 A midiática da religião

O advento da televisão, do rádio e, mais recentemente, da internet transformou radicalmente a maneira como as instituições religiosas se relacionam com seus fiéis e como eles experienciam sua religiosidade. Segundo Fausto Neto (2002), no contexto brasileiro, a midiática da religião é notável, basta observarmos o grande número de horas semanais de programação religiosa veiculada pelos meios de comunicação. Essa "cruzada eletrônica" não se limita apenas à televisão, mas se estende também para as plataformas *online*, onde portais religiosos têm um alcance significativo. Os líderes religiosos se tornaram figuras poderosas nesse espaço midiático, utilizando-o não apenas para disseminar ensinamentos religiosos, mas também como meio para a comercialização de produtos e a promoção de suas próprias imagens.

É na esfera dos processos de comunicação, portanto, na lógica das mídias, que as instituições religiosas definem seus lugares, constituem suas identidades e suas relações com seu 'outro' — seja outra instituição, o mundo dos fiéis e os candidatos à salvação. (Fausto Neto, 2002, p.163).

Os impactos da midiática da religião são significativos para além das práticas religiosas, pois modelam crenças e comportamentos que podem utilizar de estratégias para promover agendas específicas e pânico moral na sociedade (Cunha 2020). Uma das principais formas de influência é por meio do uso de mensagens alarmistas, especialmente em torno de questões como a "defesa da família" e do "cidadão de bem", expressões que se tornaram corriqueiras nos discursos e palanques brasileiros.

Ainda, de acordo com Cunha (2020), muitas mensagens disseminadas envolvem o uso de desinformação, incluindo a propagação de *fake news*. Dessa maneira, o pânico moral é usado para criar uma sensação de ameaça à sociedade como um todo, utilizando a família como um símbolo central dessa suposta crise, além de promover a negação da ciência e desqualificar informações veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais. Isso inclui a rejeição da

ciência e interpretações descontextualizadas da Bíblia, também da criação de fontes alternativas de conhecimento como páginas, contas e grupos.

Assim, a partir dos estudos de Fausto Neto (2002) e Cunha (2020), inferimos que a mediação da religião se entrelaça com outros campos sociais, como a política. As instituições religiosas, ao operarem como grandes balcões midiáticos, tornam-se espaços de articulação política e social. Os discursos religiosos não se limitam a transmitir conteúdos, mas também estabelecem relações mediadas e estratégias que visam criar uma formação cognitiva que desencoraje o pensamento crítico e promova a aceitação acrítica de narrativas específicas.

A operacionalização dos algoritmos e as ferramentas das redes sociais têm a capacidade de identificar padrões de comportamento e preferências dos usuários, direcionando conteúdo específico para determinados grupos. Para um público fiel e/ou votante, isso significa que os algoritmos podem garantir que eles sejam expostos a conteúdo que reforce seus ideais e interesses, mesmo que esse seja ilegítimo. As *hashtags*, por exemplo, desempenham um papel semelhante ao facilitar a descoberta de conteúdo relevante por meio de categorização e organização. Elas são suscetíveis a aliar diversos perfis em uma teia interativa sobre tópicos em comum e específicos, assim como o nosso objeto de estudo, a *#bolsonarosatanista* circulada no Twitter.

2.3 O TWITTER COMO MEIO DE INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

O Twitter emergiu como uma ferramenta poderosa na esfera política global, em que as informações fluíam em tempo real. Podemos dizer que essa rede é pertinente para a democratização da informação, permitindo que indivíduos comuns, como jornalistas independentes e ativistas, compartilhem notícias e análises instantaneamente, sendo também fundamental para a articulação de movimentos e protestos. Entretanto, seu papel evoluiu significativamente desde então. Em entrevista, Santini (2022) discorre que a partir de 2013, grupos de extrema direita começaram a se organizar na plataforma, utilizando-a como uma poderosa arma política.

Neste segmento, exploraremos como essa rede tornou-se influente tanto para informar quanto para desinformar. Analisaremos os mecanismos e o impacto dos fenômenos como as *fake news* e a criação de bolhas ideológicas mutuamente excludentes e suas implicações na nossa sociedade e democracia.

2.3.1 Sobre o X, o antigo Twitter

Historicamente, os *blogs* surgiram em 1997 quando o termo foi criado a partir da junção das palavras "*log*" e "*web*" (Malini, 2010). Eles representaram o primeiro gênero de publicação nativa da internet, em que blogueiros, de forma intimista, praticavam o hipertexto — combinado de comentários com links — e estabeleciam assim o padrão textual que se tornou característico da blogosfera. Essa forma de publicação surgiu como uma prática cultural de seleção, filtragem de informações e conteúdos em rede (Possmozer; Malini, 2010).

Com o passar do tempo, os *blogs* começaram a se misturar com diversas formas de linguagem. O "*post*" se tornou a forma mais comum de expressão *online*, e postar passou a ser sinônimo de escrever, mas agora em um contexto de rede. De acordo com Possmozer e Malini (2010), com o desenvolvimento dos *blogs* tanto o público quanto os próprios blogueiros tornaram-se seguidores e criaram um emaranhado de publicações *online*, agora denominados perfis. Esses perfis facilitaram compartilhamentos, respostas, curtidas e comentários juntamente com as *tags*, anteriormente utilizadas nos *blogs* para organizar conteúdos.

Todo o dinamismo e evolução culminou na criação do Twitter, uma plataforma de mídia social fundada por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams em 2006 (Meio&Mensagem, 2022). O Twitter permite que os usuários compartilhem pensamentos, informações, notícias, opiniões e mídias em mensagens curtas chamadas "*tweets*", com um limite de caracteres originalmente de 140 e até o momento desta pesquisa, expandido para 280⁷. Ainda, de acordo com a fonte, durante os anos de desenvolvimento, a rede teve um crescimento estrondoso, no ano em que sua primeira versão oficial foi lançada, o site recebeu cerca de 20 mil tweets por dia, 4 anos depois, o número saltou para 50 milhões de tweets diários.

O Twitter define-se como um lugar livre e seguro para conversar. Ele possui atalhos nomeados de “Conversas saudáveis”, “Segurança e privacidade” e “Integridade cívica”, mencionando um desempenho para melhorar a segurança das informações compartilhadas ali durante as eleições — período em que há forte influência da rede social na disseminação de informações e no debate público — frequentemente tornando-se tônica de discussão e debate devido às suas políticas de moderação, algoritmos e questões de privacidade.

A compra da plataforma por Elon Musk, em 2022, representa uma mudança significativa no aspecto acima, pois ele expressa interesse em manter uma postura permissiva em relação à disseminação de desinformação e ao discurso tóxico. Além disso, a introdução de

⁷ Vale ressaltar que após a venda da rede social e sua atualização para X, os tweets ficaram conhecidos como Xs que abordaremos detalhadamente nos próximos parágrafos.

um modelo de verificação de contas por assinatura pode aumentar ainda mais o poder da indústria da desinformação, permitindo que perfis falsos comprem autenticidade (Santini, 2022). Durante esse estudo, o Twitter teve modificações visuais, de ferramentas e também de privacidade, como o acesso aos APIs (interfaces de programação de aplicativos). Essas mudanças salientam um ponto que dialogamos anteriormente: a plataformização está em decurso.

Posteriormente, a nova CEO do Twitter, Linda Yaccarino, fez grandes mudanças na identidade visual da plataforma (Espiner; Nanji, 2023). O pássaro azul icônico de longa data do Twitter foi substituído por um "X" branco em negrito em um fundo preto. A atualização marca uma nova "Era" para a plataforma, sinalizando uma mudança na forma como as comunicações globais são concebidas e disseminadas. Neste momento, os tradicionais "*tweets*" são conhecidos como "*Xs*".

Carvalho (2024) destaca a relação entre Elon Musk — empresário e proprietário do ex-Twitter — e a extrema-direita, evidenciada por suas postagens na plataforma. Observa-se uma semelhança marcante entre os discursos de Musk e do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, inclusive em suas críticas ao Supremo Tribunal Federal. O autor ressalta a falta de neutralidade das grandes empresas de mídia digital e sua influência na ascensão da extrema-direita em diversas partes do mundo.

Essa influência é particularmente preocupante no Brasil, onde ataques à democracia e às instituições são tolerados ou até mesmo apoiados por certos setores políticos e da mídia. Carvalho (2024) condena veementemente tais ataques, argumentando que desrespeitam as leis e a soberania nacional. O autor critica a postura oportunista e submissa da extrema-direita brasileira, que se utiliza do discurso de liberdade de expressão para encobrir sua ameaça à democracia.

Podemos destacar consideráveis interferências da rede no cenário político: primeiramente, o Twitter é um canal de comunicação direta, ou seja, os políticos o usufruem para se comunicar diretamente com eleitores, fazer anúncios, responder a críticas e apresentar visões e propostas. Durante o período eleitoral, a plataforma é usada para disseminação de notícias e propagandas políticas, seja para benefício próprio, seja para realizar denúncias ou para questionar os adversários. A mobilização e engajamento em torno de organizações políticas, grupos de interesse e eleitores é de grande efeito, visando aumentar a participação cívica.

Diversos recursos foram incluídos e adaptados ao longo dos anos na plataforma. De acordo com o site oficial⁸, podemos constatar as funções de cada recurso, como os *retweets*, as listas, a verificação de contas, e o “Tópicos”, que por intermédio do aprendizado de máquina (*machine learning*), busca encontrar os *tweets* mais relevantes de acordo com os interesses identificados das pessoas. Isto é, a partir dos algoritmos são determinados quais *tweets* são mais relevantes para cada usuário, levando em conta interesses, interações passadas e outras métricas, os anúncios são direcionados de forma similar.

Dentre as mudanças funcionais, verificamos que o conceito de *hashtag*, representada pelo símbolo “#”, foi criado em agosto de 2007 pelo designer Chris Messina (Meio&Mensagem, 2022). Sua proposta era agrupar mensagens sobre um determinado tema e facilitar a busca de modo mais específico.

Uma hashtag é uma palavra ou uma frase prefixada, precedida pelo símbolo # (hash, em inglês). Na verdade, e mais radicalmente, qualquer combinação — mesmo aleatória — de letras ou caracteres liderados pelo símbolo # é uma hashtag, porque se trata justamente de uma formalização da linguagem de tal ordem que nenhuma semântica vem caracterizá-la como linguagem [...] As hashtags são usadas ainda para marcar mensagens individuais como pertencente a um grupo específico, ou marcar as mensagens como relevantes para determinados tópicos ou assuntos. Funcionam também como balizas para que os usuários encontrem e sigam (se filiem à cadeia) ou articulem listas de contatos ou apoios públicos com outros usuários de interesses semelhantes. Além disso, aparecem de modo informal, apenas para expressar algo em uma mensagem (como um contexto, por exemplo), sem nenhuma intenção de categorizá-la para busca posterior ou compartilhamento. (Costa-Moura, 2014, p. 150-151).

O uso da *hashtag* permite a agregação de diversas publicações, que podem ser bastante distintas entre si, mas que convergem para um mesmo tópico. As dimensões e características dessa ideia de "tema" precisam ser exploradas minuciosamente, tanto pela semiótica quanto pelas análises de conteúdo. Portanto, torna-se uma opção para investigar e reconstruir estados de opinião (Fernandez, 2018). Essas marcações em geral desempenham um papel de articulação nos processos de circulação nas plataformas e suas redes.

A utilização de hashtags é um instrumento que fomenta a participação e a mobilização, desempenhando um papel de destaque na criação de comunidades online, na amplificação de mensagens e na coordenação de campanhas sociais e políticas, [...] as hashtags criam certa geografia social, na medida em que estreitam a relação espacial entre os tuiteiros, visto que utilizam a mesma linguagem, o mesmo código, que acaba por ser definido e colocado num mesmo espaço. (Possmozer; Malini, 2010, p.9).

As *hashtags* estão presentes no Facebook, Instagram e Tiktok. Elas são utilizadas em eventos importantes da atualidade, como em protestos políticos em todos os continentes e

⁸ Sobre o Twitter, suas autodenominações, funções de ferramentas dentre outras informações podem ser encontradas na página oficial da plataforma. Disponível em: <https://about.twitter.com/pt>. Acesso: 15 abr. 2024

movimentos globais como o *#BlackLivesMatter*. Ao organizar uma manifestação mundial que reúne apoiadores das variadas regiões do globo ou mesmo estabelecer discussões, vemos que essas ferramentas tornaram-se uma alternativa aos meios de comunicação centralizados. A proliferação de curtidas e compartilhamentos é um reflexo do ato de se envolver em um discurso.

Apesar de impulsionar informações de modo estratégico e permitir o monitoramento da visão imediata das reações da sociedade, as hashtags também são vulneráveis à manipulação e ao uso indevido. Elas podem ser afetadas pela saturação e pelas tendências *online* em constante mudança, potencialmente diluindo a mensagem pretendida e redirecionando a atenção para diferentes assuntos, em sua maioria, desviados para bolhas específicas. A construção das narrativas em circulação com a *hashtag* *#bolsonarosatanista*, por exemplo, podem ser destinadas a bolhas distintas, sejam para apoiadores de Bolsonaro ou como reforço de seus opositores. Ainda assim, não sabemos exatamente como os algoritmos operam em sua viralização ou seu poder de transcender entre essas bolhas.

2.3.2 Os impactos dos filtros bolha e da desinformação no Twitter

A nova geração de filtros *online* cria bolhas de informações personalizadas com base em nossas preferências e comportamento explícito. Esses preditores superam dados para formar teorias sobre quem somos e o que queremos, criando um universo de informações exclusivo para cada indivíduo conhecido como "filtros bolha" (Pariser, 2011). Essas bolhas mudam fundamentalmente a forma como acessamos ideias e informações de três maneiras principais, que, podemos sucintamente descrever, de acordo com Pariser (2011): o isolamento — os filtros bolha isolam os indivíduos baseada na experiência compartilhada, ou seja, a bolha nos separa dos outros. A invisibilidade — os consumidores de informações podem ter noção da inclinação política do que consomem, entretanto, isso não fica totalmente esclarecido pela plataforma, dificultando a percepção do viés nas informações que recebemos. Ainda, em terceiro lugar, estar nessa bolha faz com que os filtros personalizados cheguem até nós em um processo passivo, o que dificulta evitar seus efeitos.

Dessa maneira, os filtros bolha nos mantêm em um ambiente de informação fechado e personalizado, com tendência a alienação de pontos de vista, afetando a experiência partilhada e a compreensão holística do mundo. Como plataforma de compartilhamento de informações de alcance massivo, o acesso à informação “por um clique” trouxe uma sensação de que a

sociedade hiperconectada estivesse inteirada de forma convicta de todos os acontecimentos. Este deslumbre desmantela-se com a viralização das notícias falsas.

O termo "*fake news*" (ou notícia falsa) apenas arranha a superfície do problema. A maior parte desse conteúdo nem sequer é completamente falso; muitas vezes, é verdadeiro, mas manipulado fora de contexto. Esse conteúdo é habilmente usado por indivíduos que compreendem que distorções baseadas em núcleo de verdade têm maior probabilidade de serem aceitas como verídicas e compartilhadas amplamente, conforme destacado por Wardle (2020). A desinformação, de acordo com a autora, tem um propósito inerente de causar danos intencionais. O uso de diferentes linguagens, adaptações e enquadramentos torna-se altamente viral, demonstrando a ampliação e intervenção de diferentes atores sociais, sejam eles individuais, coletivos, organizações e instituições.

A sensação de “terra de ninguém” que as redes sociais podem ocasionar é extremamente problemática. Os direitos autorais acabam sendo desrespeitados e os discursos de ódio são direcionados às pessoas e comunidades. Vimos como a reprodução de informações falsas e irracionais podem interferir politicamente, como ocorreu nas eleições de 2018, quando “o engajamento das *fake news* sobre presidentiáveis brasileiros foi até três vezes maior do que o engajamento em conteúdos de veículos de comunicação tradicionais [...]” (Ferreira, 2018, p. 20) e, até mesmo na saúde de uma população, quando, durante a pandemia de Covid-19, mensagens contra o isolamento social, uso de máscara e mitos sobre a vacina foram difundidos.

Ainda, em uma pesquisa realizada pelo DataSenado⁹ sobre a influência das redes sociais na sociedade brasileira, foi ressaltado que as *fake news* além de atuarem com algoritmos, em um cenário de polarização política, exercem ainda mais influência em pessoas com opiniões tendenciosas e em bolhas. Os comportamentos comunicacionais mencionados são comuns em interações sociais e representam expressões de conflito, emoções intensas e paixão, especialmente quando as diferenças entre as pessoas se destacam. A polarização política, explicada por Braga (2020), negligencia a necessidade de encontrar entendimento para resolver as tensões em um espaço de diferenças, desenvolvendo riscos para interação e até a violência simbólica ou física, refletindo a midiaticização como palco dos embates.

Fake news não correspondem à simples midiaticização de boatos, de imprecisões factuais e de mentiras. São processos orquestrados em função de estruturas polarizadoras. O objetivo é duplo: demarcar o adversário como mostrando um perfil abaixo da dignidade humana; e no mesmo passo, com base nessa distinção radical,

⁹ DataSenado. **Pesquisa aponta que WhatsApp é a principal fonte de informação de 79% dos entrevistados.** 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2019/12/12/pesquisa-aponta-que-whatsapp-e-a-principal-fonte-de-informacao-de-79-dos-entrevistados>. Acesso: 10 jan. 2023.

fazer pretendidos aliados esquecerem as diferenças que poderiam entreter com o polo disseminador de fake news. (Braga, 2020, p.311).

Recuero, Zago e Soares (2017) observam que as bolhas tendem a isolar os participantes em grupos onde apenas determinados tipos de informação são compartilhados, criando uma falsa percepção de unanimidade de opiniões (em outras palavras, "todos" parecem concordar) e de representação da opinião pública (em que a "maioria" supostamente compartilha a mesma visão).

Em uma convergência de fatores, circulam também as teorias da conspiração, as quais invariavelmente constroem explicações fundamentadas na dinâmica do poder e no seu exercício. Essas teorias atribuem a causa fundamental dos eventos a um pequeno grupo de figuras influentes que supostamente operam em busca de interesses próprios, muitas vezes em oposição do que é considerado um "bem maior" (Alzamora; Mendes; Ribeiro, 2021). Esse entendimento é considerável ao analisarmos nosso objeto de estudo, uma vez que há uma conspiração que aciona a religião, satanismo e Maçonaria durante uma disputa eleitoral.

As teorias da conspiração e a desinformação não se limitam a afetar apenas a esfera política, elas também exercem um impacto profundo nas religiões, dando espaço para interpretações alternativas de textos sagrados e crenças espirituais. Por exemplo, no contexto religioso, tais teorias podem sugerir a existência de uma conspiração global para subverter princípios religiosos tradicionais em prol de uma agenda ou posicionamento.

Ainda, uma narrativa dualista de "nós contra eles" pode ser reforçada, levando a demonização de grupos religiosos ou políticos específicos. Apesar disso, a religião é muito mais abrangente que qualquer dicotomia, o que engloba história, vertentes, contextos sociais, culturais e teologias, estratos que nos aprofundaremos a seguir.

3. O AVANÇO DO CONSERVADORISMO

Propomos ao longo deste capítulo adentrar a complexa relação entre a política e a religião sob um olhar comunicacional. Começaremos com um desenvolvimento histórico até a ascensão dos evangélicos nas articulações políticas. Neste trajeto, propomos também dialogar sobre o papel que as mídias desempenham para o elo entre os evangélicos e a política, sendo um meio de circulação de pautas conservadoras e atuação de líderes religiosos dentro e fora das igrejas, o que contribui diretamente para a formação de opinião de seus fiéis e demais grupos conservadores.

Ao longo da história, o Brasil manteve laços profundos com a religião, cujas raízes se confundem com o processo colonial, nascido de uma simbiose cooperativa com a Igreja Católica. De acordo com Oliveira da Cruz (2022), ao longo do período colonial, a esfera religiosa esteve restrita ao catolicismo, indicando uma ativa repressão a outras expressões de fé. Após a Proclamação da República no Brasil, em 1889, um dos desdobramentos mais significativos foi a disjunção entre Estado e Igreja, oficializada em 1890 e ratificada pela primeira Constituição republicana, promulgada em 1891. Com isso, o Estado brasileiro adotou em sua legislação um modelo de laicidade que buscava regular o espaço público por meio de um regime jurídico de leis penais e sanitárias.

A laicidade é um pressuposto importante para uma relação organizada e pacífica entre religiosos e não religiosos, bem como entre diferentes religiões. Diante disso, a liberdade religiosa pode ser conquistada, pois existe um ambiente, até mesmo legal, para que diferentes cosmovisões tenham espaço para se manifestar tanto na esfera pública informal quanto na esfera pública formal. Ainda que pareça contraditório, é somente em um Estado laico que há liberdade religiosa e que a religião tem espaço para ser autêntica, assim como a expressão religiosa de seus fiéis, porque em um Estado onde há uma religião oficial e não há sem liberdade religiosa, os cidadãos sim não têm a opção de seguir e praticar sua fé, apenas lhes é dada a opção de praticar os ritos religiosos já estabelecidos. (Oliveira da Cruz, 2022, p.16-17).

Ainda que em lei, algumas outras manifestações religiosas — como os cultos espíritas e afro-brasileiros — sejam baseadas em fenômenos como mediunidade, transe e práticas curativas, elas eram consideradas pelas elites intelectuais da República como patológicas e prejudiciais à ordem pública e à saúde, como discutido por Giumbelli e Camurça (2024). Dessa forma, a Igreja Católica se tornou o ponto de referência central para definir o que era considerado "religião" no Brasil. Todavia, a base legal para a liberdade de prática religiosa oportunizou que diferentes credos ganhassem apoio popular.

Oro (2005) revisita a proliferação da população religiosa perante a realidade das décadas, como exemplo, durante o Regime Militar (1964-1985), no qual a postura da Igreja

Católica em relação ao governo foi ambígua. Inicialmente a Igreja apoiou o golpe militar, mas posteriormente tornou-se uma força pela democratização e pelos direitos humanos. As igrejas evangélicas, assim como a Igreja Católica, não tinham uma posição unânime em relação ao regime militar, contudo, tinham menos envolvimento com a política. Elas começaram um maior engajamento durante a Nova República, atuando principalmente em questões comportamentais e morais alinhadas à direita política (Oro, 2005).

Assim como a Assembleia de Deus ingressou na política partidária durante a Constituinte, a Igreja Universal, por exemplo, além de eleger bancadas parlamentares, estabeleceu seu próprio partido político, o PRB. Essas mudanças não foram apenas resultado da vontade das novas lideranças pentecostais de se adaptar às transformações sociais, mas também foram impulsionadas pela concorrência religiosa e pelas demandas de mudança de seus fiéis, clientes e diferentes públicos-alvo (Mariano, 2012).

Ainda, a década de 1980 foi marcada pela ascensão do neopentecostalismo na América Latina, o que levou os evangélicos a passarem de invisíveis para publicamente visíveis, já no Brasil, “O avanço evangélico tem duas explicações socioculturais e comunicacionais: a capacidade dos pentecostais e outras igrejas não tradicionais de acolher, socializar e proteger os marginalizados, e a capacidade de criar mídias que os representem.” (Canclini, 2020, p.37).

O movimento evangélico no Brasil é bastante diverso em suas igrejas, vertentes e tradições, como a Assembleia de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Batista, a Congregação Cristã no Brasil, a Igreja Quadrangular e a Presbiteriana. Essas igrejas apresentam diferentes termos dentro da teologia, práticas, cultos e adorações. Segundo Mariano (2003), o neopentecostalismo, surgido a partir da segunda metade dos anos 1970, representa uma significativa transformação no movimento pentecostal, trazendo consigo mudanças abrangentes em diversos aspectos.

Teoricamente, de acordo com Mariano (2012), a diferença entre pentecostais e neopentecostais reside na mudança na ênfase teológica e prática, especialmente no que diz respeito à participação política e à compreensão da relação entre a espiritualidade e o mundo. Enquanto os pentecostais tradicionais eram apolíticos e enfatizavam a santidade pessoal, os neopentecostais são mais propensos a se envolver em questões políticas e a ver a espiritualidade como uma ferramenta para alcançar sucesso material e influência social.

Outro ponto relevante é a ênfase na imediatez das recompensas divinas. Enquanto o pentecostalismo tradicional muitas vezes enfatizava a espera pelo Messias e pela vida após a morte, o neopentecostalismo introduziu uma perspectiva mais imediatista, prometendo bênçãos e recompensas tangíveis ainda nesta vida, ou seja, uma salvação terrena. Esse enfoque em

promessas mágicas de prosperidade imediata contrasta com a tradicional visão de uma vida eterna no além. Essa transformação impactou também os valores, a estética e o comportamento dos fiéis, refletindo uma adaptação às demandas e às expectativas da sociedade contemporânea (Mariano, 2003).

Quando mencionamos uma forte eclosão desse movimento, identificamos a articulação de cinco fenômenos impulsores, que de acordo com Cunha (2017) seriam: o fortalecimento do segmento Pentecostal; o investimento nos espaços de mídias tradicionais; o crescimento do mercado da religião; a ascensão conservadora na política institucional; e o ativismo político entre os evangélicos que se intensificou nas mídias digitais, uma vez que elas foram utilizadas como o principal meio de informação e disseminação de informações.

O conservadorismo religioso, enfoque deste capítulo, é reconhecido por sua natureza diversificada, composta por um amplo coletivo de grupos fragmentados que variam em tamanho, composição, crenças doutrinárias e relações com instituições eclesiásticas e autoridades governamentais. Alguns deles se alinham mais estreitamente com a chamada "onda conservadora", enquanto outros mantêm uma relação mais distante ou dialogam de forma mais moderada com essas ideias (Oro, 2024).

O avanço do conservadorismo na política brasileira representa uma tendência marcante nos últimos anos, arrojado por fatores que ecoam em diferentes terrenos. Seja pela emergência de lideranças carismáticas com discursos polarizadores ou pela disseminação das vozes conservadoras nas redes sociais. Desse modo, o conservadorismo manifesta em diferentes aspectos e reflete em diferentes estratos. Esse cenário não ocorreu individualmente no Brasil, em outros países latino-americanos os avanços e implementações de políticas públicas e sociais, que abraçam minorias, sofreram uma contraofensiva.

O discurso conservador, muitas vezes ancorado em valores tradicionais e pautado por uma visão moral específica, adquiriu espaço considerável nos debates políticos. Assim, “[...] grupos cristãos conservadores, católicos e evangélicos, até então posicionados de forma marginal na arena política, por meio de articulações com partidos políticos existentes, ganham visibilidade.” (Cunha, 2020, p.7). As ações embasadas em discursos conservadores e neoliberais alastraram-se pela Argentina, Colômbia, Peru e, quando não fortalecida no poder Executivo, a agenda moral passou a ser popularmente acolhida. De acordo com Cunha (2020), é possível detectar elementos em comum desse movimento na América Latina: a intensa expansão reacionária, o gênero como elemento, a matriz religiosa, as pautas pró-família, o modelo neoliberal e a sua crise.

Não podemos descartar o papel influente da mídia e das redes sociais, que leva jornalistas e cientistas políticos a reconsiderarem a teoria sobre a manipulação das massas através da comunicação, demonstrando uma perplexidade diante do aumento da influência das igrejas evangélicas conservadoras em seus discursos populistas que geram ilusões. Assim, as crises culturais de cidadania revelam novos acordos entre os cidadãos comuns e os líderes políticos, econômicos, comunicacionais, legais e ilegais, destacando a diversidade de sistemas de sobrevivência e prosperidade incluídos sob o rótulo de neoliberalismo (Canclini, 2020).

Contudo, relativizar toda a religião cristã dentro do que chamamos de “onda conservadora” é um equívoco. Dentro do campo evangélico é possível reconhecer movimentos progressistas como, por exemplo, a Bancada Evangélica Popular. Quando estamos dialogando com a democracia e o avanço de políticas públicas dos marginalizados, de acordo com Vital da Cunha (2021), a Bancada Evangélica Popular (BEP) tem desde sua criação, o objetivo de desafiar a dominância política da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional e a associação exclusiva dos evangélicos com a direita política, conservadorismo moral e capitalismo. Os candidatos evangélicos apoiados pela BEP deveriam compartilhar valores como a defesa do estado laico, a luta contra a pobreza, a promoção das liberdades individuais e a luta contra a desigualdade social, racial e de gênero, sob uma perspectiva cristã igualitária.

Neste contexto, a formação da Bancada Evangélica Popular levanta questões sobre suas conexões potenciais com o Movimento Evangélico Progressista (MEP), que surgiu na década de 1990. Segundo Vital da Cunha (2021), ambos se posicionaram como grupos de esquerda, identificando sua base religiosa em uma interpretação do Evangelho que enfatiza amor, igualdade e paz. Logo, os dois se diferenciam de outras correntes evangélicas que exerceram influência no Congresso Nacional em períodos distintos da história.

O progresso nos direitos sexuais e reprodutivos tem sido gradual, apesar da forte influência conservadora do catolicismo e dos grupos evangélicos na política nacional desde 1986 (Cunha, 2020). Além do debate dessas pautas, mais recentemente, durante os anos de Lula e Dilma, houve avanços significativos na implementação de um programa de governo com foco especial para os direitos humanos, especialmente os direitos das mulheres, da comunidade LGBTQI e de comunidades tradicionais, como povos indígenas e quilombolas.

Posteriormente, a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, pelo Partido Liberal (PL), que desde 2016 destacou a defesa da “Família Tradicional”. Apesar de manter sua fé católica, o ex-presidente forjou alianças religiosas com líderes evangélicos conservadores dentro e fora da ordem política. Ele construiu sua imagem em torno de um governo religioso, antigênero e anticomunista,

Da mobilização desses medos, pânicos e repulsa, a chave parece estar em dois elementos estruturantes que se materializam em variações em torno da combinação da acusação de “comunismo” e “ideologia de gênero”. No caso do comunismo, na prática, posições de esquerda, centro e centro-direita têm sido alvo de acusações, para expressar um medo que se sente diante de uma ideia de “esquerda”, associada à pobreza, ao autoritarismo, à corrupção, ao “bolivarianismo”, ao petismo, etc. Da mesma forma, a “ideologia de gênero” tem sido mobilizada para expressar um amplo espectro de acusações que vão desde a pedofilia, passando pela crítica à educação sexual nas escolas, até uma forte associação entre “anticomunismo” e “ideologia antigênero”. (Corrêa; Kalil, 2020, p. 88).

O governo Bolsonaro teve uma agenda clara que incluía políticas neoliberais e o regresso de políticas de inclusão. Além disso, se beneficiou da disseminação coordenada de informações falsas nas redes sociais pelos seus apoiantes, por exemplo, associando o governo petista ao comunismo. No contexto das eleições de 1989, Lula foi acusado de ser "ateu" e "comunista", o que evidencia uma tentativa de associar sua figura à esquerda política com uma suposta aversão à religião (Oro, 2005).

Embora muitas vezes utilizados de forma intercambiável, o conservadorismo e o bolsonarismo representam fenômenos políticos distintos, com características e objetivos diferentes. Conservadores geralmente promovem valores tradicionais e atualizam políticas neoliberais (Cunha, 2020). Por outro lado, o bolsonarismo é um movimento político mais radical e disruptivo, caracterizado por uma retórica populista e autoritária, promovendo uma visão de mundo polarizadora e confrontativa. Ou seja, enquanto o conservadorismo busca manter a ordem social, o bolsonarismo propõe uma transformação profunda e, muitas vezes, agressiva das estruturas sociais e políticas, atacando diretamente adversários ideológicos e instituições estabelecidas através da retórica do ódio (Rocha, 2023).

Com respaldo dos repertórios políticos mencionados, nos deparamos com um conflito não apenas de ideais, mas um reforço a uma retórica polarizada de uma batalha para além das urnas, que mobiliza credos e crenças, na política ou amparada pela religiosidade, uma luta de um bem contra um mal e um esvaziamento de diálogo de projetos a fim de um bem comum social. Neste cenário posto, pretendemos agora conectar definições teóricas referentes à guerra espiritual e à ultra política que, juntas, fomentam o delineamento da conjuntura em que o acontecimento despontou.

3.1 A GUERRA ESPIRITUAL E A ULTRA POLÍTICA

Os neopentecostais compreendem por mal e por bem. Essa abordagem, refletida por Mariano (2003), traz a perspectiva de que os problemas enfrentados pelos indivíduos — como

doenças, baixos salários, desemprego, conflitos familiares, vícios, solidão entre outros males — são atribuídos ao diabo e aos demônios, enxergando essas entidades como causadoras de todos os problemas enfrentados pela humanidade. “A guerra espiritual e as concepções de bem e mal dos neopentecostais derivam, em parte, do dualismo hierárquico cristão, isto é, do eterno conflito entre Deus e o diabo, presente no cerne da doutrina cristã.” (Mariano, 2003, p.25). Essa percepção alimenta a crença na guerra espiritual e na necessidade de proteção divina contra as influências malignas.

Na Bíblia, podemos encontrar sobre a guerra espiritual em diversos versículos. Tendo isso em vista, trazemos um deles para o diálogo que propomos,

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mal e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. (Bíblia, Efésios 6:11-13)¹⁰.

Mariano (2012) enfatiza que a guerra espiritual contra o diabo ampliou a oferta de soluções mágico-religiosas nos cultos e na mídia e desenvolveu uma gestão denominacional com características empresariais. Investiu em tele-evangelismo, música gospel e na aquisição de emissoras de rádio e TV, além de enfrentar a pluralidade religiosa e sociocultural como um desafio evangelístico e de mercado.

Presente no título desta pesquisa, a guerra espiritual mostra-se pertinente a ser aprofundada junto à ultra política, que para Fernandes (2019) é um fenômeno político no qual se cria antagonistas sociais e despreza os reais problemas da sociedade. No contexto apresentado, o Partido dos Trabalhadores e tudo o que ele representa é o inimigo da nação. A noção de ultra política, conforme delineada por Slavoj Žižek e discutida por Fernandes (2021), representa uma abordagem que militariza o conflito político ao conceber a política como uma forma de guerra social, centrada na identificação de um "Inimigo". Esta definição simples, porém rica em significado, revela as múltiplas facetas da despolarização ultra política.

É entendido que a guerra espiritual reforça a crença de uma luta em nível espiritual invisível do bem contra o mal, luz e trevas, Deus e Satanás. Ela atinge e influencia a sociedade, de modo a existir um combate ou resistência.

O outro braço dos neopentecostais seria a 'teologia da prosperidade' que, ao contrário da guerra espiritual (mais em estrita complementaridade), observa o lado positivo ou a conquista do mundo por dois setores cristãos. Em resumo, podemos dizer que a base

¹⁰ Todos os versículos consultados para esta dissertação foram retirados da Bíbliaon. Disponível em: <https://www.bibliaon.com> Acesso: 30 maio 2024

da 'guerra espiritual' é a crítica ao mundo, mas centrada nas estruturas sociais e políticas influenciadas pelo mal estrutural personalizado ao nível da hierarquia satânica (espíritos territoriais), contra quem é necessário combater fazer guerra. Com essa perspectiva, os 'guerreiros de oração' —ou digamos, os líderes especializados na guerra espiritual— passam da posição tradicional e defensiva de resistência e rejeição ao mundo para uma ofensiva neopentecostal que se concentra no campo da 'possessão demoníaca' além do espaço individual, para invadir o espaço público. Portanto, faz parte de um mapeamento ou 'cartografia espiritual' que identifica lugares sagrados das culturas pré-hispânicas latino-americanas (huacas), lugares de diversão urbana questionados pela ética evangélica (bares, cantinas, prostíbulos) e repartições públicas do governo. , ao publicar leis ou políticas públicas contrárias à visão evangélica (palácio, prefeituras, ministérios ou secretarias de governo). (Guadalupe; Grundberger, 2019, p.63)

O avanço de líderes religiosos na política brasileira está intimamente ligado ao desenvolvimento dessas teologias. Nesta condição, os pastores evangélicos têm assumido um papel ativo nas questões políticas, alinhando-se com candidatos e partidos que se igualam às suas crenças morais e sociais. Ao reunir as suas congregações em torno de agendas políticas específicas, estes líderes são capazes de exercer uma influência significativa sobre as eleições e a definição de políticas públicas.

A coalizão entre religião e política tem o potencial de gerar controvérsia. Isso se deve ao fato de que, num país laico como o Brasil, a religião não deveria ter impacto direto nas escolhas governamentais, sequer ser usada como um instrumento eleitoral. Além disso, há críticas às teologias da prosperidade e da guerra espiritual, especialmente por parte de estudiosos e teólogos que as consideram distorções da mensagem original do Evangelho. Ou seja, reduzindo-a a um mero instrumento para alcançar sucesso material ou interpretando questões complexas como resultado de influências demoníacas (Oro, 2024).

Ainda, o sucesso das teologias da "prosperidade" e da "guerra espiritual" pode ser atribuído à sua integração com as sociedades neoliberais que pregam a abertura total aos mercados globais, reduzindo o papel do Estado na economia e promovendo o consumo e a tecnologia. Essa situação reflete um fenômeno político-religioso que evidencia o renascimento político da religião e desafia a ideia de que a religião está completamente secularizada na esfera pública, pois a religião ainda desempenha um papel importante socialmente.

De acordo com Guadalupe e Grundberger (2019), a associação de Bolsonaro com elementos do universo pentecostal é multifacetada, incluindo seu batismo no rio Jordão em 2016, concedido pelo pastor Everaldo da Assembleia de Deus, bem como o uso de *slogans* imbuídos de referências religiosas, como o evocativo "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Bíblia, João 8, 32), e o *slogan* "Brasil acima de todos e Deus acima de todos". Bolsonaro prioriza uma retórica simplista e polarizadora, muitas vezes distanciada de questões fundamentais para o país, como descrevemos anteriormente a ultra política.

Em vez de engajar discussões sobre políticas públicas, economia ou questões sociais complexas, seus discursos apelam às emoções e aos valores religiosos. Nesse sentido, ele tem utilizado da fé como uma ferramenta para mobilizar apoio e criar uma base sólida de seguidores. Esse movimento de instrumentalização da fé proporcionou um terreno fértil no qual floresceu uma relação estreita entre líderes religiosos e aspirantes a parlamentares, baseada em valores compartilhados e objetivos comuns.

Os eventos evangélicos nos quais o casal Bolsonaro tem participado, até mesmo no interior das igrejas, consistiram em claros momentos de instrumentalização política do religioso. Pareciam comícios políticos nos quais se falava pouco em Cristo e na palavra de Deus, e mais “nele”, o Jair Messias. Também era comum nesses eventos a menção de que toda a autoridade vem de Deus e que importa orar pelos governantes. E quando Bolsonaro e sua esposa Michelle tomavam a palavra, geralmente falavam em favor da família tradicional, contra o aborto, a ideologia de gênero e a legalização das drogas, afirmavam que a presidência é uma missão, faziam alguma referência bíblica e, sobretudo, evocavam a teologia da batalha espiritual, muito cara aos neopentecostais, referindo-se à existência na política brasileira de uma “guerra do bem contra o mal”. Nesse caso, é óbvio, assumiam o lado do “bem” e demonizavam todos os que não estavam com eles, especialmente os seus principais oponentes na campanha eleitoral, Lula e os partidos tidos de esquerda, sempre, também, associados ao “comunismo”(Oro, 2024, p.124).

Existe uma crescente cooperação entre líderes políticos evangélicos, figuras midiáticas ligadas ao segmento evangélico, líderes católicos, políticos sem filiação religiosa, empresários e ruralistas alinhados com ideias reacionárias (Cunha, 2020). Essa colaboração forma um grupo diversificado de liderança que promove e difunde pautas conservadoras, contando com um amplo respaldo da população eleitoral.

Diante do sistema neoliberal, que defende a liberdade econômica e a interferência limitada do Estado na economia, essas crenças religiosas alinham-se frequentemente com uma mentalidade individualista. Devemos reconhecer a realidade reforçada da demarcação entre o público e o privado, o sagrado e o profano, quando essas esferas se confundem na ação dos partidos confessionais e da mídia (Fernandes, 2019b).

Analisando o cenário de polarização, Fernandes (2019b) pontua que o declínio do desenvolvimento substantivo de uma democracia plena, baseada na participação popular, manifesta-se num esvaziamento gradual, incapaz de contrariar de modo eficaz a emergência de facções políticas de direita não democráticas e conflitos de natureza fascista. O uso das chamadas “notícias falsas” e da incitação ao ódio como influências primárias têm alimentado o processo de despolitização, enquanto a esquerda tem exposto falhas em sua capacidade de usar o medo como tática de mobilização. A busca por fins emancipatórios requer uma compreensão holística da luta de classes e da resistência antagônica como meios interdependentes de promover a mudança social.

O resultado é preocupante, pois o que poderia ser o desenvolvimento material de uma democracia plena pautada pelo poder popular (povo empoderado coletivamente, politizado e organizado por si e para si) acaba se esvaziando. O que poderia realmente ser capaz de contrapor os avanços da direita não democrática – e os ataques fascistas – se reduz a processos, plataformas, métodos decisórios que embora inovadores terminam na formação de coletivos sem coletividade orgânica. (Fernandes, 2021, p.38).

Desse modo, no âmbito ultra político, o conflito é militarizado ao construir e promover a figura do "Inimigo" como o cerne das relações sociais e políticas. Isso contrasta com o antagonismo de classe, onde a relação entre proletariado e burguesia é definida pela exploração de uma classe pela outra. Os conflitos despolitizados favorecem aqueles que se beneficiam do *status quo*, muitas vezes apoiados por um moralismo conservador e pela vitimização de um grupo que não deseja comprometer seu *status* dominante. Ao contrário do antagonismo de classes, a guerra ultra política é travada contra um inimigo construído, cujas características são atribuídas pelos agentes ultra políticos.

Um exemplo emblemático dessa dinâmica é a transformação da "corrupção" e do "corrupto" em Inimigos, cujas características são definidas pelos agentes ultra políticos. Isso desloca os conflitos em torno de uma crise de representação para uma "guerra contra a corrupção", tornando-a a explicação predominante para crises políticas e negando outras fontes de antagonismo. Esse processo de despolitização evolui para a ultra política adicionando mais inimigos na forma de ameaças percebidas.

A esquerda pode ser um agente ativo na promoção da ultrapolítica, especialmente se ceder a falsas polarizações e aos afetos negativos como mobilizadores. Como os resultados ultrapolíticos serão antitéticos aos objetivos da esquerda contra-hegemônica, é importante que a esquerda evite ceder à dinâmica da ultrapolítica a todo custo. (Fernandes, 2021, p.219).

Termos como "democracia radical" e "aprofundamento da democracia" são subestimados no imaginário popular, limitando sua capacidade de transmitir significados influentes. A análise da crise da prática revela um emaranhado de conflito relacionado à incapacidade da esquerda de unificar não apenas a consciência teórica e prática da classe trabalhadora, mas também a dos ativistas e lideranças envolvidas na construção da consciência política.

Nesse contexto, o ódio se tornou o afeto predominante, enquanto a esquerda mobilizou o medo em certos momentos, o que se configurou como uma tática falha. O medo é contrário às utopias. Quando se tem um projeto emancipador, deve-se entender que o medo pode ser uma consequência da conjuntura, mas nunca uma resposta a ela. (Fernandes, 2019b, p. 65).

Com o ódio e o fanatismo se perpetuando, evidencia-se que a falta de um projeto de verdade e reconciliação desde a ditadura militar contribui para que a população seja influenciada pelas mensagens do oligopólio midiático. A despolitização de ambos pólos não promoveu o poder popular, mas sim negociou com a elite brasileira. Isso resultou em desmobilização, fragmentação e o emergir do discurso autoritário de algumas lideranças políticas, além da manipulação de informações em escalas jamais vistas.

As teologias da prosperidade e da guerra espiritual reproduzem a noção de que a riqueza é uma indicação da aprovação divina, desconsiderando os fatores sociais e estruturais, bem como, esgotando o debate de tais fatores, fabulando um inimigo nacional a ser combatido e perpetuando o ódio e o pânico moral. Temos em vista fenômenos que discorrem sobre as mais variadas guerras narrativas em diferentes âmbitos do tecido social, mobilizando crenças, esvaziando a criticidade política e flertando com estratégias que colocam em risco a democracia e a integridade cívica.

Assim, em nossa última seção trabalhada neste capítulo, traremos à tona a conjuntura política brasileira que engloba esses aspectos que teceram as escaladas das eleições de 2022, visto que, o número das candidaturas de religiosos no ano em questão superou em 31% o total de 2018, chegando ao poder legislativo 21 candidatos, destes 7 pelo PL¹¹. Ainda, o número de policiais e militares cresceu em 36% na Câmara dos Deputados¹². Podemos visualizar que a entrada de pentecostais e protestantes neopentecostais nas eleições e na política pública desempenhou um papel vital nesse processo, tornando esses grupos mais visíveis e atuantes na arena política.

3.2 O CONTEXTO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022

No Brasil, o golpe de 1964 e a subsequente ditadura militar representaram uma ruptura institucional impulsionada pela percepção de que a manutenção do regime democrático, inaugurado em 1945, estava se tornando inviável. As forças armadas assumiram o poder com o

¹¹ Cresce número de candidatos religiosos eleitos em 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/03/cresce-numero-de-candidatos-religiosos-eleitos-em-2022.ghtml>. Acesso: 29 jun. 2023.

¹² Número de policiais e militares cresce 36% na Câmara dos deputados. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/10/numero-de-policiais-e-militares-cresce-36percent-na-camara-dos-deputados.ghtml>. Acesso: 29 jun. 2023.

objetivo de reprimir demandas por igualdade, associadas à suposta ameaça comunista, e garantir a ordem social hierárquica (Pinheiro-Machado, 2019).

As primeiras eleições diretas, em 1989, marcaram a transição para um novo período no país, com a vitória de Fernando Collor, emplacada pela direita. No entanto, desafios persistentes, como as desigualdades sociais, acompanharam a formalização da democracia. De acordo com a autora, o governo de Lula, eleito em 2002, implementou políticas sociais centradas em programas de garantia de renda, promovendo acesso ao mercado de consumo (Pinheiro-Machado, 2019). Apesar das concessões, o Partido dos Trabalhadores (PT) enfrentou oposição, especialmente da mídia corporativa. As manifestações de junho de 2013 trouxeram novidades ao cenário político, destacando a polarização e o antipetismo.

A sucessora eleita após os dois mandatos de Lula, Dilma Rousseff (PT), enfrentou desafios de recomposição de apoio diante de uma crise e crescente polarização política. Sua reeleição em 2014, apesar das fortes críticas e denúncias de corrupção nos governos Lula, gerou uma forte articulação de opositores de partidos conservadores, empresários, agricultores e figuras do setor financeiro. Além disso, o governo de Dilma Rousseff teve o apoio, na época, do vice-presidente Michel Temer e de seu partido, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (Cunha, 2020).

O discurso anticorrupção tornou-se proeminente, associando o PT a práticas ilícitas. Pinheiro-Machado (2019) enfatiza que a retórica anticomunista, a desconfiança na política tradicional e a figura do "inimigo" foram exploradas para justificar ações autoritárias. Ainda conforme a autora, a continuidade e a intensificação da Operação Lava Jato, juntamente com a postura oposicionista dos principais meios de comunicação, exacerbaram a crise.

Grandes manifestações contra o governo perduraram centradas no discurso anticorrupção e, predominantemente, no antipetismo. O que em 2016 se agravou com mais acusações de corrupção, delações premiadas e vazamentos de ligações telefônicas, impulsionando os pedidos de *impeachment* da então presidenta. A politização do judiciário, Ministério Público Federal e Polícia Federal também desempenhou um papel significativo, levando a radicalização política crescente no país (Pinheiro-Machado, 2019). O *impeachment* de 2016 marcou uma nova fase que contou com Michel Temer assumindo a presidência e implementando medidas impopulares. No mesmo ano, uma direita radical encontrou uma brecha para acenar à população descrente da "politicagem".

[...] os congressistas mais à direita, ligados à bancada evangélica, ruralista e da bala, incorporaram os temas sobre valor nos discursos e atitudes políticas, fortalecendo um campo até então praticamente inexplorado pela classe política. Esses deputados tornaram-se membros das Comissões dos Direitos Humanos, Meio Ambiente e da

Constituição e Justiça com uma estratégia de barrar os projetos de lei que garantiriam mais liberdade aos indivíduos. A evolução política do antipetismo acompanhou a ascensão do conservadorismo evangélico, bem como o nascimento de diversos movimentos de direita que ganharam volume à medida que o PT não deu respostas contundentes à Lava Jato, não conseguiu estancar o impeachment e, principalmente, perdeu o debate sobre costumes dentro do Congresso. (Costa, 2019, p.101).

Jair Messias Bolsonaro, até então deputado federal e militar reformado, consagrou-se como um mito para uma direita enraivecida e para os descrentes. Em seu pronunciamento ao voto a favor pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, saudou o torturador Ustra¹³, e alçou-se para a política incitando discursos que seriam proferidos ao longo de sua campanha e veementemente por seus eleitores em defesa da família, da inocência das crianças e da liberdade, articulando também o que seria mais tarde, o *slogan* de sua campanha presidencial em 2018: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Na cronologia política, um pêndulo de mudanças, corrupção, crises econômicas e discursos afetaram a dinâmica do país. Pesquisada por Costa (2019), a opinião pública que no início dos anos 2000 movia-se predominantemente para o campo da esquerda e centro-esquerda — período marcado pelo segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso e pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva — oscilou para o campo da centro-direita. Desse modo, ela esteve junto diante de uma forte onda conservadora que pode ter contribuído para a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.

Já presente nos estudos atuais, o texto de Guadalupe e Grundberger (2019) aponta que, no período que antecedeu 2018, as pesquisas do Instituto Datafolha apontavam Lula na liderança, com 36% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro seguia com 18%. No entanto, em 7 de abril de 2018, Lula foi detido pela Polícia Federal em decorrência de uma condenação por corrupção e lavagem de dinheiro relacionada ao caso Operação Lava Jato. Essa situação não o impediu de continuar liderando as pesquisas por algum tempo.

Com sua candidatura posteriormente contestada pelos tribunais brasileiros, Bolsonaro assumiu a liderança nas intenções de voto e obteve apoio dos setores conservadores, grupos religiosos, empresariais e parte das Forças Armadas. Seu discurso antipetista também foi fundamental para uma convergência partidária, o que garantiu o apoio de lideranças políticas de direita, como o ex-presidente Michel Temer e o então juiz Sérgio Moro (Guadalupe; Grundberger, 2019).

¹³ Carlos Alberto Brilhante Ustra foi um coronel da ativa do Exército Brasileiro, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército que atuou no período da ditadura militar do Brasil. Sua história e métodos de tortura foram noticiados em diversos portais de notícia, bem como, a declaração de algumas de suas vítimas. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/quem-e-coronel-ustra-heroi-de-bolsonaro/743884519>. Acesso: 15 abr. 2024.

No embate, Fernando Haddad, representante do PT que concorreu à presidência nos dois turnos eleitorais, defendeu políticas sociais, inclusão e a continuidade dos programas implementados durante os governos de seu partido. Em uma sociedade fragmentada por grandes diferenças ideológicas, os movimentos sociais feministas, antirracistas e em defesa dos direitos humanos ficaram evidentes contra a violência policial e a militarização de áreas urbanas. Os setores da esquerda buscaram uma frente ampla¹⁴ com o apoio do PSOL, do PCdoB e de lideranças progressistas. Apesar dos esforços, a vitória de Jair Bolsonaro sucedeu e representou a ascensão de uma liderança de direita após anos de governos de esquerda.

O então deputado e ex-militar conseguiu angariar 55,1% dos votos válidos no segundo turno, derrotando Haddad, ex-prefeito de São Paulo e deputado do PT, que obteve 44,9% dos votos (Guadalupe; Grundberger, 2019). A consolidação de uma “agenda moral” e uma campanha bem promovida nas plataformas junto a seus eleitores, representou, assim, um marco importante no contexto da influência política da fração conservadora e demonstra a assertividade e alcance dessa força política emergente.

Tendo todo esse quadro como pano de fundo, ocorreram as eleições de 2018, que acabariam por confirmar a guinada à direita esboçada no Brasil nos últimos anos. Esta se consolida não somente com a eleição de Jair Bolsonaro (PSL) para a Presidência da República, mas também com a ampliação da maioria direitista no Congresso Nacional, fazendo com que a bancada eleita seja ainda mais conservadora que a da legislatura anterior. (Pinheiro-Machado. 2019, p.19).

Após a derrota de Haddad e a “derrocada” do que se reconhece por esquerda brasileira, o PT voltou aparecer à frente nas pesquisas eleitorais com Lula como candidato em 2022, numa disputa que incluía Simone Tebet (MDB), Soraya Thronicke (UNIÃO), Ciro Gomes (PDT), Felipe D Avila (NOVO), Padre Kelmon (PTB) e, novamente, seu maior adversário, Jair Bolsonaro (PL)¹⁵. No decorrer do segundo turno das eleições, Bolsonaro baseou sua campanha reiteradamente pautando a segurança pública, a política econômica liberal, o combate à corrupção e os valores morais da família e de sua base conservadora. Sua estratégia de comunicação foi fortalecida pelo uso das redes sociais, como mencionamos anteriormente.

Por outro lado, Lula buscou construir uma ampla coalizão de partidos de esquerda e centro-esquerda, recebendo apoio de 16 dos 32 partidos políticos brasileiros¹⁶. Sua estratégia

¹⁴ G1. Saiba quais partidos definiram apoio no segundo turno da eleição presidencial. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/09/saiba-quais-partidos-ja-adotaram-posicao-no-segundo-turno-das-eleicoes-presidenciais.ghtml>. Acesso: 15 abr. 2024

¹⁵ Consideramos aqui os candidatos que estiveram presentes nos debates eleitorais, contudo, tivemos outros seis candidatos, que podem ser conferidos no site de notícias Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/2022/candidatos/>. Acesso : 29 jun. 2023.

¹⁶CNN. 16 partidos apoiam Lula para o 2º turno; cinco aderem a Bolsonaro. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/15-partidos-apoiam-lula-para-o-2o-turno-cinco-aderem-a->

envolveu uma intensa agenda de viagens pelo país, participação em eventos e articulações políticas para consolidar apoio popular e partidário. Nos debates, o petista enfatizou as políticas sociais, o combate à desigualdade e críticas à gestão de Bolsonaro, especialmente no que diz respeito à pandemia da COVID-19 e a crise econômica, como noticiado pelo portal CNN.

Ainda, de acordo com a BBC¹⁷, nos debates eleitorais entre Lula e Bolsonaro, houve cinco pautas com maior enfoque. A pandemia foi um ponto crucial, Lula culpou Bolsonaro pelo alto número de mortes e pela lentidão na compra de vacinas, enquanto Bolsonaro defendeu sua gestão, destacando o início da vacinação em 2021. Esse embate refletiu a polarização em torno das políticas de saúde e da responsabilidade do governo durante a crise sanitária.

A discussão sobre benefícios sociais evidenciou diferenças nas propostas dos candidatos. Bolsonaro prometeu manter o Auxílio Brasil, enquanto Lula argumentou sobre propostas anteriores do PT para benefícios maiores. Isso revelou visões distintas sobre o papel do Estado na assistência social e na mitigação da desigualdade. A questão ambiental trouxe à tona divergências sobre preservação e desenvolvimento. Lula defendeu políticas de proteção ambiental e atrair investimentos internacionais, contrastando com Bolsonaro, que enfatizou a soberania nacional sobre a Amazônia e criticou a gestão anterior.

A corrupção foi um tema recorrente, com ambos os candidatos se acusando mutuamente. Lula mencionou investigações de corrupção durante a pandemia, enquanto Bolsonaro apontou casos de corrupção ligados ao PT. Isso refletiu a desconfiança generalizada em relação à classe política e influenciou a percepção dos eleitores sobre a integridade dos candidatos, também fortalecendo o discurso antipetista e, sem nenhuma proposta palpável de ambos os lados.

O tema das *fake news* ilustrou a batalha pela narrativa. Bolsonaro acusou Lula de difamação, enquanto Lula apontou processos de Bolsonaro por disseminação de informações falsas. Essa troca de acusações destacou a preocupação com a desinformação e sua influência no processo eleitoral, principalmente na circunstância em que esses temas reverberaram na internet, alimentando um fluxo de debates por uma narrativa “verdadeira”. O público participou ativamente, compartilhando opiniões, memes e análises, moldando assim narrativas em torno das eleições e influenciando as percepções sobre os candidatos.

bolsonaro/#:~:text=Entre%20os%20partidos%20que%20apoiam,%2C%20Pros%2C%20Avante%20e%20Agir. Acesso: 22 maio 2024.

¹⁷ BBC. Eleições 2022: os cinco temas que dominaram o debate entre Lula e Bolsonaro. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63280658>. Acesso: 15 abr. de 2024.

A coalizão foi essencial para exemplificar o *modus operandi* de estratégias discursivas em defesa aos candidatos, principalmente nas redes sociais. Dentre grandes nomes que apoiaram Bolsonaro, além da ala de religiosos como o pastor Silas Malafaia e o bispo Edir Macedo, houve a mobilização de artistas como a atriz Regina Duarte, ex-secretária do Ministério da Cultura no Governo Bolsonaro, e os cantores Sérgio Reis e Gusttavo Lima, dentre diversos artistas outros advindos da música sertaneja. Empresários como Luciano Hang, dono da rede Havan, e Marco Aurélio Raymundo, fundador da Mormaii, também estiveram à frente de grandes campanhas.

Ao lado de Lula, uma ampla massa de artistas, cantores, esportistas, jornalistas e *influencers* movimentaram suas redes, shows e aparições públicas declarando apoio ao petista. Nomes como Mark Ruffalo, Leandra Leal, Camila Pitanga, Roger Waters, Caetano Veloso, Chico Buarque, Nando Reis, Walter Casagrande, Chico Pinheiro, Bianca Andrade, dentre outros, usufruíram de seu alcance e públicos distintos. Ex-ministros, economistas e diplomatas também declararam apoio ao atual presidente¹⁸. Neste ponto, é pertinente a nossa análise posterior, evidenciamos o destaque de André Janones, ex-candidato à Presidência pelo Avante e deputado federal por Minas Gerais, que atuou como principal articulador de Lula nas redes sociais, adotando um estilo "troll" para engajar a favor do petista e provocar bolsonaristas¹⁹, ou seja, os eleitores do candidato Jair Bolsonaro.

Janones abandonou sua candidatura para apoiar Lula no primeiro turno, passando a desempenhar um papel mais agressivo e poupando o presidente de ataques diretos. Com mais de 7 milhões de seguidores nas redes, o deputado, advogado e também conhecido como *influencer* político, utilizou uma linguagem incisiva, atacando bolsonaristas e políticos opositores. Suas postagens sobre temas sensíveis ao governo renderam grande engajamento e são vistas como uma estratégia para dar movimento à campanha, enquanto o PT adotou uma maior discrição.

Posteriormente, trajando seu lado *influencer*, Janones desenvolveu aulas/cursos e *lives*, como a Aula de Guerrilha Digital com Eduardo Moreira, que foi ofertada pelo Instituto Conhecimento Liberta, em uma *live* no Youtube²⁰ no dia 30 de março de 2023. O deputado

¹⁸ Fizemos o levantamento dos apoiadores de Bolsonaro e de Lula a partir de portais de notícias como Estadão, GZH, UOL e Valor (O Globo), além das repercussões nas redes sociais de cada artista. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/famosos-que-apoiam-bolsonaro-lula-eleicoes-2022/>. Acesso: 15 abr. 2024.

¹⁹G1. André Janones usa perfil 'troll' para engajar Lula nas redes sociais. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/28/de-presidencia-avel-a-cabo-eleitoral-andre-janones-usa-perfil-troll-para-engajar-lula-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso: 15 abr. 2024

²⁰ Disponível na plataforma YouTube: <https://www.youtube.com/live/gLb0gMNOEgc?si=bDE4TxX18EnT7x4i>. Acesso em 15 abr. 2024.

esclarece que durante o combate contra as *fake news*, não há uma solução única, mas sim um processo abrangente. Uma das medidas importantes envolve o endurecimento das penas e maior rigor das leis em ambiente digital, no entanto, é preciso entender que, no mundo contemporâneo, quando se trata da rápida propagação de desinformação, muitas pessoas são influenciadas pela fé racional. Isso permite questionamentos e confirmações de suas próprias convicções. Em outras palavras, as *fake news* “falam sobre o que o povo quer ouvir”, alinhadas às crenças pré-existentes do público-alvo.

Compreendendo a correnteza do fluxo de informações da esfera bolsonarista, detectamos a inclusão de discursos reativos pela esquerda, como por exemplo, a circulação da *hashtag* *#bolsonarosatanista*, que associa o ex-presidente Jair Bolsonaro à Maçonaria e, por extensão, a práticas satânicas. Esta *hashtag*, circulada no segundo turno das eleições de 2022, foi uma dentre outras formas de desacreditar e/ou atacar o político na internet. Ela mostrou que a religião foi utilizada como arma para desacreditar adversários políticos.

Essa abordagem, no entanto, levanta questões importantes sobre a liberdade religiosa e a moralidade na política diante de um universo de acontecimentos que vinham ocorrendo naquele período. O que denominamos “guerra espiritual” entre os candidatos nas eleições brasileiras reflete uma busca por apoio e legitimidade por meio da associação com determinadas crenças e valores religiosos. Observamos assim, a religião e a fé instrumentalizadas como ferramentas de campanha, além de uma simplificação e distorção de problemas sociais reais e das questões religiosas.

O resultado das eleições foi uma tentativa de reeleição de Jair Bolsonaro frustrada, comemorada pela oposição e confrontada por seus familiares e apoiadores, com falas controversas e manifestos antidemocráticos. Lula se tornou o presidente mais votado da história da democracia brasileira, obtendo grande vantagem nas regiões Norte e Nordeste. Já no aspecto religioso, de acordo com Alves (2022), as diferenças foram marcantes. Bolsonaro manteve uma maioria entre os evangélicos, enquanto Lula liderava entre católicos, outras religiões e o segmento dos eleitores sem religião. Este último grupo foi determinante para a vitória de Lula, compensando a vantagem de Bolsonaro entre os grupos cristãos.

Essa dinâmica reflete não apenas as divisões religiosas da sociedade brasileira, mas também o impacto dessas diferenças nas escolhas eleitorais e na configuração do cenário político do país. A instrumentalização da fé como uma ferramenta influente e mobilizadora revela a complexidade das interações entre religião, política e sociedade. Portanto, compreender esse acontecimento permite não apenas entender as eleições em si, mas também compreender

uma disputa de sentidos que paira sobre os estratos presentes, interferindo no processo eleitoral e seus desdobramentos.

4. ANÁLISE

Neste capítulo, iremos analisar como se deu o acontecimento *#bolsonarosatanista* a partir de conteúdos coletados dentro da plataforma Twitter. Para alcançar nossos objetivos de pesquisa, faremos uma análise do acontecimento de acordo com as categorias dadas pelas autoras França e Lopes (2017) e da circulação inspirada por Braga (2012, 2017a, 2017b) através da categorização dada por Bardin (2011).

4.1 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Visto a condição imposta pela alteração de acesso aos API's do Twitter, a coleta de dados ocorreu de forma manual. Ao realizar uma busca no HTML do *site* ou no aplicativo para dispositivos iOS e Android, o usuário tem a opção de filtrar os resultados de acordo com suas preferências. Esse recurso permite escolher entre diferentes categorias, como “Em destaque”, “Mais recente”, “Pessoas”, “Fotos” e “Vídeos”. Ao selecionar a categoria “Em destaque” evidencia-se os *tweets* que provavelmente serão considerados mais relevantes para o usuário. É imprescindível destacarmos que esta seleção não mostra os resultados de escolha própria. Em vez disso, um algoritmo é responsável por determinar quais *tweets* são mais relevantes baseados em vários critérios, incluindo a quantidade de interações e palavras-chave contidas nos *tweets*.

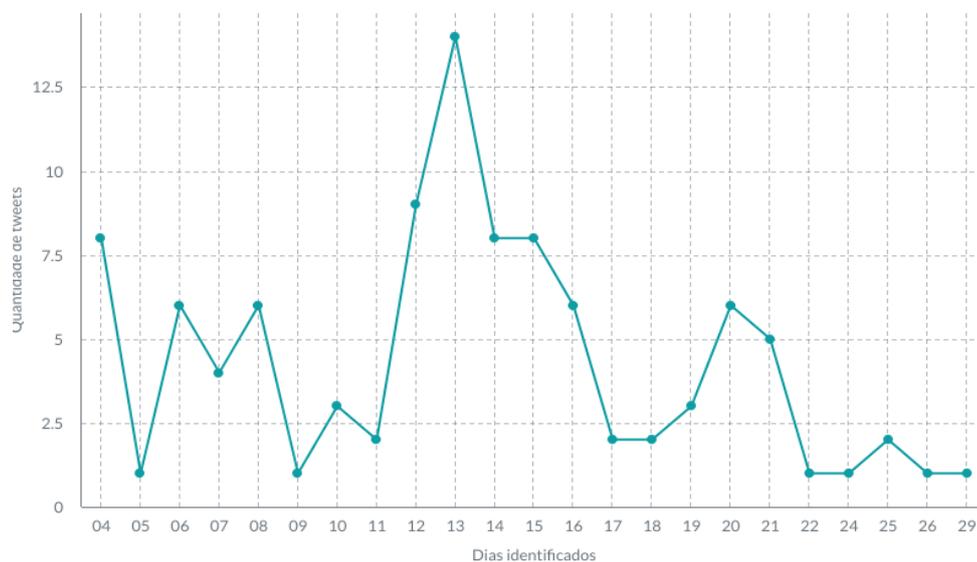
Para a coleta de dados, além de utilizarmos a seleção anterior, tentamos a opção de especificar o período de datas — ou seja, do dia 04 de outubro de 2022 a 30 de outubro de 2022 — no “*Advanced search*” (pesquisa avançada), contudo, ocorreu um erro na plataforma ao tentarmos operar este comando. Assim, focamos nos *tweets* deste período a fim de melhorar a relevância e a qualidade dos resultados, uma vez que possuem alto valor informativo e contextual para o nosso trabalho.

Nosso primeiro contato com todo o material a ser analisado ocorreu em 24 de agosto de 2023. Realizamos uma coleta de 100 *tweets* que apareceram no filtro “Em destaque” com a *#bolsonarosatanista*. Nesse processo, foi tabelado todas as informações textuais e salvamos os *prints*, para termos o material armazenado, ou seja, todas as imagens circuladas junto aos

textos. As postagens que continham vídeo foram salvas na minha²¹ conta pessoal do Twitter utilizando a opção “Bookmarks²²”.

Embora estejamos tecendo uma pesquisa qualitativa, a partir dos discursos tabelados, compreendemos ser essencial a elaboração de gráficos para visualizarmos recorrências textuais. Ademais descrevemos e hierarquizamos as informações de dados para prosseguirmos com o movimento analítico. Dado que, a aba “Em destaque” seleciona postagens a partir de algoritmos, a fim de evidenciar se contemplamos o período definido, elaboramos um gráfico com a frequência do material de cada dia do mês de outubro de 2022.

Figura 1 – Gráfico de frequência diária



Fonte: Autora (2024)

A partir da Figura 1, identificamos que o acontecimento irrompe com uma recorrência de 8 postagens no primeiro dia e alcança o seu auge no dia 13 de outubro e, posteriormente, seguido pelo dia 12 de outubro. Percebemos também uma estabilidade dentre os dias 14 e 16 e apenas 1 *tweet* nos dias 22, 24, 26 e 29 do mesmo mês.

Essa prévia de resultados nos auxilia a detectar agentes que causaram maior “viralização” da *hashtag* #bolsonarosatanista e camadas mais profundas das construções

²¹ Licença para o uso da primeira pessoa do plural para indicar que os tweets foram salvos na conta pessoal da pesquisadora Maria Eduarda Mathias.

²² Ferramenta disponível no Twitter para salvar todos os formatos de tweets em uma aba privada da conta pessoal.

narrativas e simbólicas, além de fornecer uma base para a linha temporal construída adiante que envolve outros acontecimentos, personagens e elementos com nuances aprofundadas para a compreensão das informações. Todas as postagens que continham elementos textuais podem ser consultadas no **APÊNDICE A**. Dentre todo o material, apenas um que conteve a *hashtag* não dispôs de textos e imagens, mas sim um vídeo, identificado na figura a seguir.

Figura 2 – Vídeo: Quem é o candidato que participa de rituais de Maçonaria? (20 out. 2022)



Fonte: Twitter (2022)

Na Figura 2, vemos o *print* de um vídeo de autoria desconhecida que demonstra evidências de que Bolsonaro seria maçom. Dentre as supostas evidências apresentadas, além do vídeo de Bolsonaro discursando em uma loja maçônica, a imagem de Baphomet é detectada na prateleira do ex-presidente durante uma *live*. Ainda, na tentativa de comprovar a teoria, uma notícia do indicado ao ministro do STF por Bolsonaro, Kássio Nunes, que continha informações sobre “ser um mestre maçom” é mostrada. O ritual chamado necromancia é associado no vídeo ao satanismo — para o contato com entidades malignas. Além disso, ele é rapidamente relacionado ao coração de Dom Pedro I, também maçom, que foi trazido ao Brasil durante o governo de Bolsonaro.

Diante dessas informações e/ou conspirações, percebemos no exercício de construção deste *corpus* a ausência de materiais que adentrassem a Maçonaria. Portanto, para nos aprofundarmos sobre o tema pouco difundido em trabalhos acadêmicos, abrimos novamente nosso quadro teórico. Barata (2021) resgata uma importante dinâmica política e social do Brasil no final do século XIX, onde o liberalismo brasileiro, inspirado pelas ideias do direito natural,

confrontou-se com a resistência da Igreja Católica, vista como um bastião do conservadorismo. Nesse período, a Maçonaria emergiu como uma instituição com potencial para influenciar opiniões e o curso dos eventos políticos. Por um lado, a Maçonaria era vista como uma força progressista, promovendo ideais como liberdade, igualdade e fraternidade, alinhados com os princípios do liberalismo. Por outro lado, a Igreja Católica, com sua forte influência sobre a sociedade e o Estado, representava um obstáculo para a realização desses ideais, especialmente quando se tratava de questões como a abolição da escravidão e a democratização das instituições. Contudo,

Resgatar a Maçonaria como uma instituição formadora de opinião implica na necessidade de pensá-la, antes de mais nada, como uma forma específica de sociabilidade que possui no caráter secreto/fechado um elemento definidor, mas que, ao mesmo tempo, impõe um forte limite às suas ações. Esta limitação diz respeito às dificuldades em administrar as divergências entre seus membros, evitando as constantes cisões e o conseqüente enfraquecimento da instituição. (Barata, 2021 p. 128-129).

No entanto, ela também se apresentava como uma associação altamente política, buscando educar o povo através do progresso. Nesse contexto, a Maçonaria encontrou na Grande Oriente do Brasil (GOB) um importante meio de divulgação para suas teses republicanas e de construção de uma nova identidade nacional, a qual já citamos anteriormente. Ainda, encontramos a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB)²³, que é composta por 27 Grandes Lojas Maçônicas regulares do Brasil, congregando mais de três mil lojas e cem mil membros ativos. Fundada em 27 de julho de 1966, em São Paulo, durante a XIV Mesa Redonda das Grandes Lojas, a CMSB teve sua origem no desejo de unificar as Grandes Lojas do Brasil, que enfrentavam desafios como a proibição da Maçonaria durante o Estado Novo de Vargas, a Segunda Guerra Mundial e a difamação pela Igreja Católica.

De acordo com o Correio Braziliense (2022), no Brasil, figuras importantes da história, como Dom Pedro I e Marechal Deodoro da Fonseca, eram maçons. Apesar disso, o catolicismo ainda mantém sua rejeição à Maçonaria, conforme reiterado pelo Vaticano em 1985. Conseqüentemente, a participação é considerada um pecado grave para os católicos, já para as igrejas evangélicas há aquelas que consideram a Maçonaria como pecado, enquanto outras aceitam fiéis participantes. No entanto, a Maçonaria não é uma religião nem um grupo político, segundo a CMSB.

²³ Todas as informações sobre a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) podem ser conferidas no site oficial. Disponível em: <https://cmsb.org.br/sobre/>. Acesso: 14 abr. 2024.

Com base nessas referências, poderemos ter um melhor entendimento das relações simbólicas criadas discursivamente a partir do acontecimento que sucederam e as correlações com o satanismo. Aqui, partiremos de uma significação e personificação evangélica do que corresponde o satanismo — diretamente ligado ao mal, diabo e demônios — como exploramos no Capítulo 3. Dessa maneira, a dissertação não pretende adentrar em doutrinas e/ou vertentes existentes do satanismo e luciferianismo.

4.2 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tendo em vista que “[...] a metodologia é um *desdobramento natural* da problematização do objeto, é resultado da *operacionalização dos conceitos* norteadores” (França; Lopes, 2017, p.72), como primeiro percurso metodológico utilizaremos o conceito de acontecimento dado pelas autoras. Ele nos dará aporte para analisar a produção e circulação de sentidos.

Ao olhar para essas diferentes movimentações de sentidos dos acontecimentos e ao eleger as materialidades a partir das quais eles podem ser analisados, o pesquisador buscará perceber os sentidos em circulação, suas variações, formatações e contradições, analisando o que eles revelam sobre o acontecimento em si e, a partir dele, o que apresentam da sociedade. (França; Lopes, 2017, p.77).

O acontecimento possui variadas concepções que podem agregar nesta pesquisa. Morey (1988) traz uma perspectiva de que a consciência empírica é articuladora de uma trama na qual a nossa identidade é definida, em grande parte, pela maneira como narramos o que nos acontece. Desse modo, existe uma razão subjacente, um propósito que orienta uma direção,

[...] é também desta forma que os acontecimentos são recortados e individualizados narrativamente - até tal ponto em que narrativa e acontecimento são solicitados no âmbito da consciência empírica, que poderíamos dizer não apenas que uma narrativa é uma sequência seguível de acontecimentos e que um acontecimento é tal por sua capacidade de se integrar a uma narrativa, mas também que é tão legítimo caracterizar a narrativa como um macroacontecimento quanto fazer do acontecimento um microrrelato. (Morey, 1988, p.44).

A forma como as pessoas se envolve e interpreta o que acontece — seja agindo, refletindo mentalmente sobre eles ou sentindo-os como paixões — é influenciada por uma estrutura que confere valor e significado aos acontecimentos. Para Morey (1988) não parece ser uma questão do senso comum, mas sim, da consciência empírica e do saber narrativo.

A inscrição de um acontecimento mobiliza a atribuição de significações e desses valores, com condições e complexidades próprias. Para enriquecer este percurso, acionamos as atribuições de Quéré (2005) que diferencia dimensões do acontecimento elencados como: seu

poder hermenêutico, que se refere à capacidade do acontecimento de gerar sentidos e discursos, instaurando novos horizontes de compreensão. Sua passibilidade, a qual destaca sua capacidade de afetar os sujeitos e gerar experiências, sendo relevante para analisar públicos e comportamentos decorrentes. A dupla vida do acontecimento, ou seja, a vida existencial do acontecimento e sentidos na busca de defini-lo — sua potencialidade simbólica. A espetacularização do acontecimento, que implica em evidenciar como a mídia os utiliza de maneira sensacionalista e comercial, convertendo-os em produtos para promover a alienação da audiência. Por fim, o autor trabalha também com a individualização do acontecimento.

A individualização do acontecimento assim apreendido excede o momento da sua ocorrência: o acontecimento continua, de facto, a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que afecta. Não efeitos causais, mas efeitos na ordem do sentido. (Quéré, 2005, p.67).

Em outras palavras, essa individualização envolve um processo de configuração no qual é imprescindível considerar o contexto. Para isso, o conceito de “indivíduo” é ampliado para incluir qualquer entidade suscetível de individuação e diferenciação. Isso também envolve estruturação, integração, resolução de tensões e significação, essas, envoltas de dimensões sociais. Desse modo, é possível analisar e interpretar melhor os significados elucidados na inscrição desse acontecimento.

A análise sobre as dimensões do acontecimento e a sua utilização metodológica parte, segundo França e Lopes (2017), de que uma reflexão metodológica deve ser inseparável da reflexão teórica, e a metodologia deve derivar naturalmente da problematização do objeto de estudo. Assim, para que o conceito “acontecimento” se transforme em um conceito-operador e gerar indicadores de análise, as autoras propõem uma estruturação/análise baseada em cinco etapas: descrição; narrativização; identificação do pano de fundo pragmático; caracterização do problema público e normalização. Descreveremos a seguir, de forma sintetizada, as etapas citadas.

Quadro 1 – Síntese das cinco etapas

Descrição	Os enquadramentos do acontecimento pela mídia e/ou pela sociedade.
Narrativização	Articulação dos momentos, identificação dos agentes e estruturação temporal.
Identificação do pano de fundo pragmático	Como o acontecimento foi recebido, ações e reações (advindo do senso comum).
Caracterização do problema público	Atinge/prejudica a sociedade como um todo?
Normalização	A curva de interesse e mobilização em torno do acontecimento.

Fonte: Elaboração da autora a partir de França e Lopes (2017)

Por fim, o interesse do uso do acontecimento se dá pela possibilidade de abordagens em diferentes aspectos comunicacionais, desde a experiência, a produção, a circulação e a disputa de sentidos, revelando valores e facetas sociais. A partir da linha do tempo construída durante a observação do acontecimento, temos subsídio para contextualização e delineamento das narrativas religiosas nas eleições, alcançando dois de nossos objetivos específicos.

4.2.1 Primeiro percurso: a análise do acontecimento

Como cuidado ético da pesquisa, em todas as figuras e transcrições dos tweets que usaremos durante esta análise, não iremos expor o *user* dos autores, a fim de preservar suas imagens. De mesmo modo, para as informações transcritas, usaremos como codinome Autor e sua respectiva numeração, com objetivo de detectar a repetição desses autores.

4.2.2 Descrição

A *hashtag* *#bolsonarosatanista* foi propagada após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, que ocorreu no dia 02 de outubro. Depois da grande repercussão de um vídeo de Bolsonaro discursando em uma loja maçônica, a religião foi acionada como pauta eleitoral novamente. Segundo a Grande Oriente do Brasil (GOB)²⁴, a Maçonaria não é uma religião e sim uma instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista, entretanto, durante esse período, foi relacionada ao satanismo.

²⁴ A mais antiga associação de lojas maçônicas brasileiras. Dúvidas frequentes sobre a Maçonaria. Disponível em: <https://gob-pr.org.br/conteudo/duvidas-frequentes-sobre-a-Maçonaria/1832>. Acesso: 4 jan. 2023.

Por meio das informações obtidas e seleções empreendidas, buscamos primeiramente situar o acontecimento na mídia. De acordo com Braga (2012), a partir do enquadramento jornalístico é quando se sai da tessitura do acontecimento e se ingressa no ir adiante. Ainda, assumindo essas lógicas interacionais de circulação as quais estamos expostos, absorvemos junto a Braga (2017a; 2017b) que os sistemas de interação abrangem uma diversidade de circunstâncias, participantes, processos, direcionamentos e objetivos.

Em uma primeira pesquisa realizada no Google, após o resultado das eleições de 2022, usando os termos “Bolsonaro satanista”, especificamente no tópico “notícias”, encontramos 6.680 resultados. As fontes de imprensa Estadão, CNN, Valor (Globo) e a Folha de São Paulo aparecem com grande frequência em notícias que, em comum, contêm as palavras “Bolsonaro” e “satanista”.

Percebemos que nenhuma das matérias em destaque fala de maneira específica sobre a *hashtag* #bolsonarosatanista, mas sim, tentam esclarecer a movimentação que se instalava nas redes em torno de pautas religiosas e de associações indevidas com o uso desse recurso. De acordo com os portais de notícias, os termos “satanismo” e “satanista”, que primeiramente estavam sendo associados ao candidato eleito Lula, são citados em mais de 60 mil postagens, o que foi superado pelas menções a Bolsonaro, que no mesmo contexto, somou 92.2 mil postagens²⁵.

Também realizamos buscas com os termos “Lula satanista” e “Bolsonaro Maçonaria”, selecionamos as fontes que foram encontradas nas três variações de busca e que contemplam o intuito do tema. Todas essas fontes são abertas para não assinantes, assim, após realizar um afunilamento, verificamos a CNN, Yahoo, Estadão e UOL, por ordem das datas das notícias para visualizarmos o enquadramento midiático que o acontecimento teve.

²⁵ Conteúdos sobre golpes e fraudes nas eleições estão com difusão intensa no whatsapp. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/07/satanismo-e-Maçonaria-turbinam-fake-news-nas-redes.ghtml>. Acesso: 29 jun. 2023.

Quadro 2 – Manchetes dos portais de notícias

Fontes	Manchetes	Datas
CNN	“TSE manda redes sociais removerem publicações que associam Lula ao satanismo”	05/10/2022
Yahoo	“Maçonaria e satanismo: O que é real e o que é fake sobre Bolsonaro e Lula?”	06/10/2022
Estadão	“Postagens enganam ao associar Bolsonaro e a Maçonaria ao satanismo”	07/10/2022
UOL	“Satanismo e fechamento de igrejas: as fake news do 2º turno das eleições”	28/10/2022

Fonte: Autora (2024)

A partir das manchetes contidas no Quadro 2 e do conteúdo de cada portal, verificamos que em 5 de outubro, a CNN²⁶ noticiou que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) havia ordenado a remoção de publicações nas redes sociais que associavam o ex-presidente Lula ao satanismo, lançando luz sobre a polarização ideológica e a disseminação de *fake news* durante o período eleitoral. No dia seguinte, o Yahoo²⁷ abordou a veracidade das conexões entre Maçonaria e satanismo no contexto político brasileiro, especialmente em relação aos candidatos Jair Bolsonaro e Lula. Já o Estadão²⁸ contribuiu para o debate em 7 de outubro, alertando para a disseminação de postagens enganosas que vinculavam Bolsonaro e a Maçonaria ao satanismo, destacando a importância da verificação de fatos em um cenário de desinformação generalizada. Por fim, em 28 de outubro, o UOL²⁹ abordou as *fake news* que circularam durante

²⁶ CNN. **TSE manda redes sociais removerem publicações que associam Lula ao satanismo**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-manda-redes-sociais-removerem-publicacoes-que-associam-lula-ao-satanismo/>. Acesso: jan. 2023.

²⁷ Yahoo!notícias. **Maçonaria e satanismo: O que é real e o que é fake sobre Bolsonaro e Lula?** Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/Maçonaria-e-satanismo-o-que-e-real-e-o-que-e-fake-sobre-bolsonaro-e-lula-132917579.html>. Acesso: 04 jan. 2023.

²⁸ ESTADÃO. **Postagens enganam ao associar Bolsonaro e a Maçonaria ao satanismo**. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/postagens-enganam-ao-associar-bolsonaro-e-a-Maçonaria-ao-satanismo/>. Acesso: 04 jan. 2023.

²⁹ UOL. **Satanismo e fechamento de igrejas: as fake news do 2º turno das eleições**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/10/28/fake-news-religiao-2-turno.htm>. Acesso: 04 jan. 2023.

o segundo turno das eleições, focando em temas como satanismo e o suposto fechamento de igrejas, comprovando os desafios enfrentados no período eleitoral diante da manipulação de informações e da polarização política.

Essas manchetes demonstram as tensões da nossa democracia diante da desinformação nas redes sociais, como dialogamos teoricamente neste trabalho. Além disso, constatamos a importância do jornalismo responsável e da educação midiática na luta contra a desinformação e para a preservação democrática. Essas notícias, que foram enquadradas no período de 5 a 28 de outubro de 2022, no entanto, não mencionaram outros episódios paralelos que avistamos nas postagens que circulavam no Twitter, os quais tonificaram a circulação da *hashtag*.

4.2.3 Narrativização

Para a segunda operação analítica, a narrativização nos auxiliará a organizar os dados e narrativas de forma que dê sentido ao acontecimento e demais eventos visualizados. Esta abordagem inclui a identificação de agentes responsáveis por relações de causa e efeito e uma compreensão mais profunda e contextualizada do fenômeno em estudo. Isso posto, criamos a linha do tempo a seguir, com o que chamaremos de *micro acontecimentos* de extrema relevância para nossa pesquisa.

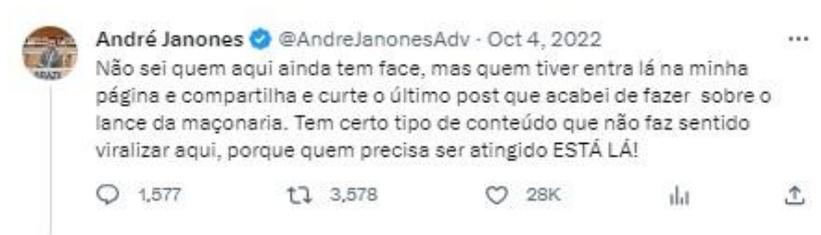
Figura 3 – Linha do tempo



Fonte: Autora (2024)

Após uma análise das datas fornecidas, observa-se um padrão de eventos e discussões que se desdobraram paralelamente ao longo de outubro de 2022. Eles foram empregados contra a reeleição de Bolsonaro, podendo ser considerados indicativos de uma estratégia. No dia 4 de outubro, o vídeo envolvendo Bolsonaro durante um discurso em uma loja maçônica foi amplamente compartilhado, despertando suspeitas sobre sua autenticidade e associações. Simultaneamente, observou-se uma forte presença *online* do deputado André Janones — das 7 postagens coletadas nesta data, 6 aparecem com menção ao perfil do deputado. Atrás de indícios dos rastros digitais do acontecimento analisado, pesquisamos a *hashtag* *#bolsonarosatanista* em sua conta oficial do Twitter. Encontramos a declaração de que ele havia criado essa notícia para circular em seu Facebook, o que fortalece a hipótese do irrompimento do acontecimento ter dado a partir de Janones.

Figura 4 – - Declaração de Janones no Twitter (4 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

Figura 5 – Maçonaria e satanismo: a declaração de Janones no Facebook (4 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

Na Figura 4, notamos que Janones adota um tom de estratégia, já que o foco utilizado por ele era uma viralização no Facebook por ter um alcance maior a quem precisaria ser atingido. Logo, a *hashtag* e as associações descritas em sua postagem (Figura 5) viralizaram no Twitter com as mesmas conotações escritas pelo Deputado, como a menção a pactos de sangue e a uma insinuação de que os verdadeiros cristãos agiriam. Apesar da nossa consulta ter mostrado o repúdio da Igreja Católica à Maçonaria, não reconhecemos o forte elo que se deu sobre o satanismo.

Nos aprofundando nesse questionamento, encontramos um personagem que não apareceu nos discursos coletados, contudo, ganhou visibilidade neste período eleitoral. Vicky Vanilla, influenciador digital e autodenominado líder da Igreja de Lúcifer do Novo Aeon, fez uma *live* no dia 5 de outubro de 2022 e declarou sua inclinação política em apoio ao presidente Lula. Segundo uma matéria do Estadão (2022), a partir de checagens feitas pelo Projeto Comprova³⁰, as afirmações de Vanilla, não consideradas teorias conspiracionais, foram interpretadas pelo eleitorado bolsonarista como uma suposta união de diversas correntes religiosas, incluindo o luciferianismo e o satanismo, para garantir a vitória de Lula nas eleições.

³⁰ O Projeto Comprova consiste em uma coalizão de veículos de comunicação formada em 2018 para investigar conteúdos suspeitos sobre as eleições presidenciais. Em 2022, ele reuniu 42 veículos de comunicação para checar a desinformação durante as eleições presidenciais.

A repercussão do vídeo fez com que a campanha de Lula negasse qualquer ligação com as afirmações de Vanilla, enquanto seus apoiadores tentavam desvincular a imagem dele com a figura do influenciador, sugerindo que Vanilla fosse, na verdade, um apoiador de Bolsonaro.

No mesmo dia, outro acontecimento ganhou destaque: Bolsonaro foi criticado por suas declarações gravadas em 2016 sobre o consumo da carne indígena (antropofagia). Em um cenário em que Lula estava sendo relacionado ao satanismo, o resgate e circulação da fala de Bolsonaro foi bem mais evidenciada, diminuindo o impacto da situação do petista e gerando revolta, acusações de traição, associações ao anticristo e ao canibalismo com ascensão da *hashtag* #Bolsonarocanibal.

O deputado André Janones permaneceu como uma figura proeminente. Dentre as 100 postagens examinadas, 29 delas fazem menção a André Janones, seja como resposta a algum conteúdo do Deputado seja como uma simples menção solicitando, geralmente, assistência. Essa observação torna-se substancial, uma vez que pode oferecer *insights* da mobilização iniciada por essa conexão. Contrariando a intenção inicial do uso da *hashtag* mobilizada por Janones, percebemos que ela foi apropriada de maneira diferente, principalmente para denúncias, manifestações de insatisfação política e dúvidas sobre as condutas pessoais perante a religiosidade de Bolsonaro. Todavia, entendemos que a estratégia de guerrilha de André Janones acaba se concretizando, principalmente por seu alvoroço contra o bolsonarismo. Ainda, no dia 9 de outubro, o único *tweet* coletado faz um elogio honroso à sua estratégia.

Autor 1: @andrejanonesadv @roxmo A esquerda deveria ter tido uma atitude "Janones" desde campanha do Haddad em 2018 Contra gente baixa como bolsominion 🐼 não adianta diálogo É chute nas bol@s ⚽️👉 direto e dedão no olho 👁️ até fascista chorar 😭 #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista #LulaPresidente13. 9 de out. 2022.

Nesta ocasião, percebemos fortemente o entendimento de subversão de estratégia de campanha pela esquerda. Uma vez que antes de Janones, a esquerda ainda não havia adotado essa postura ativa nas redes sociais, já que o PT escolheu uma abordagem discreta, como mencionamos no contexto eleitoral.

Em 12 de outubro, houve uma grande incidência de postagens, coincidentemente com a chegada de Bolsonaro ao Santuário Nacional de Aparecida, o terceiro micro acontecimento apontado em nossa linha. Com uma grande movimentação, surgiram questionamentos sobre a verdadeira religião de Bolsonaro, evocando um sentimento de revolta ao seu “desrespeito” já que, Nossa Senhora Aparecida não é intercessora de sua crença. Nesse momento, houve um fortalecimento da união para que verdadeiros cristãos se levantassem e respondessem esse

“desrespeito” nas urnas. Ao mesmo tempo, a discussão se ampliou para incluir apoio ao presidente Lula e às *tags* que estavam a favor do petista.

No dia 13 de outubro, com 14 postagens coletadas, a repercussão de Bolsonaro em Aparecida foi ainda maior. Os católicos passaram a discutir uma perseguição religiosa vindo da direita e do bolsonarismo. A indignação perdurou dias, com repressão ao caráter do bolsonarismo como um todo, o que foi aprofundado com o micro acontecimento do dia 15 de outubro. Diversas contas na plataforma passaram a mencionar o perfil de Bolsonaro com pedidos de prisão por seu episódio de uma fala pedófila, o que foi identificado como mais uma de suas faces, além de maçônico, satanista e canibal.

Do dia 16 de outubro em diante, percebemos a circulação referente a todos esses eventos, muitos questionamentos sobre princípios, moral e crimes são alusivos a sua religiosidade. Sendo assim, isso nos permite aprofundar as significações atribuídas na próxima seção metodológica.

4.2.4 A identificação do pano de fundo pragmático

O “[...] pano de fundo pragmático é alimentado pelo conhecimento advindo do senso comum, das estruturas normativas de uma cultura [...]” (França; Lopes, 2017, p. 83), o que agrega a comoção, emoções, orações, dentre outras formas de recepção. Logo, identificamos nesta etapa que o principal pano de fundo entre a direita e a esquerda brasileira é a polarização advinda de sentimentos diferentes entre as esferas políticas, contudo, não viabilizando uma união.

Invocamos o significado literal da alusão de Bolsonaro ao satanismo, que aparece com superficialidade na tentativa de dismantelar o sustentáculo de valores como a “defesa da família”, “liberdade” e “anticomunismo” capitalizados por Bolsonaro, que também advém de um senso comum sem quaisquer respaldos em seu discurso eleitoral. Com esse cenário posto, a participação de Janones como articulador da campanha do presidente Lula nas eleições de 2022 demonstraram às críticas a um posicionamento mais silencioso do PT, bem como, uma cobrança de uma reação, uma comunicação mais eficaz para o combate ao bolsonarismo e à extrema direita.

A conjuntura das eleições de 2022 no Brasil, conseqüentemente, tiveram um pano de fundo que revelou a ausência de uma estratégia eficaz ao combate das *fake news*, à instrumentalização da religião, ao debate sobre problemas sociais reais e ao uso eficiente das redes sociais. O bolsonarismo, ao contrário, mostrou-se altamente articulado na construção de

uma visão de mundo bélico e na utilização da retórica do ódio e de teorias conspiratórias, conforme descrito no texto de Rocha (2023).

A "acefalia bolsonarista" mencionada pelo autor ilustra como as políticas de Estado relativas à educação e à cultura foram moldadas por uma guerra cultural conduzida por figuras que hostilizam o conhecimento e a educação. Assim, em debates e estratégias, a esquerda brasileira falhou em contrapor essa narrativa de maneira a não engajar a desinformação e entender sua estrutura de pensamento e linguagem específica. Mesmo com a vitória de Lula, a "esfinge" do bolsonarismo segue permanente e trilha um caminho de desinformação e divisão.

4.2.5 Caracterização do problema público

Nessa categoria mais abrangente, nem sempre o acontecimento se caracteriza como um problema público, o qual, a partir das autoras França e Lopes (2017), afeta ou prejudica a sociedade como um todo e deve ser objeto de tratamento ou combate. Dessa maneira, o problema público se constitui, principalmente, pelo que compõem parte de nosso estudo teórico já posicionado anteriormente, ou seja, toda a escalada de acontecimentos de diferentes dimensões que contribuíram para o irrompimento da *hashtag* aqui estudada.

O que Rocha (2023) denomina estratégia de guerra cultural adotada pelo bolsonarismo se manifesta em uma linguagem do ódio, que desqualifica o outro e busca eliminar simbolicamente aqueles que divergem da narrativa “oficial”, contribuindo para a polarização e o enfraquecimento do tecido social. Desse modo, a polarização e a ultra política, descritas em nossos capítulos teóricos, fortalecem uma ambiência hostil e de forte viralização de desinformações e teorias conspiracionais. Nelas, a educação, a saúde e a cultura são âmbitos confrontados e desvalorizados de forma radical, o que ultrapassa pautas conservadoras e passa a flertar com uma mentalidade bélica e ameaça às instituições democráticas.

O bolsonarismo, como fenômeno de massa enraizado em diversos setores da sociedade, como o 3 de outubro de 2022 comprovou, é a expressão brasileira de uma onda transnacional que levou a extrema direita ao poder por meio do voto, ou seja, conquistando corações e mentes – e é preciso reconhecê-lo para ampliar o horizonte estreito que nos ameaça. Trata-se de uma constelação inédita, favorecida pela onipresença das redes sociais. A fim de enfrentar esse desafio, proponho dois conceitos: “dissonância cognitiva coletiva” e “mídiosfera extremista”. Dissonância cognitiva é um desconforto subjetivo causado pela consciência da distância entre crenças e comportamentos. (Rocha, 2023, p. 69-70).

O que poderiam ser rastros de um governo anterior, solidificou-se de forma perene. Enfrentar esse desafio requer um esforço coletivo para compreender as raízes e as dinâmicas do bolsonarismo, bem como desenvolver estratégias eficazes para promover o diálogo e a

inclusão. Contudo, observamos que o acontecimento *#bolsonarosatanista* sinalizou, mesmo que de forma pontual, uma adesão a estratégias confrontativas com o uso de desinformação, nesse caso, o acionamento da religião durante o período eleitoral.

Por conseguinte, a esquerda parabenizou Janones pela sua estratégia que mostrou o movimento de despolitização como o bolsonarismo fez. Ao ceder a falsas afirmações e afetos negativos, a esquerda acaba caindo na armadilha de reforçar a ultra política, desviando o foco de discussões substanciais e construtivas, o que poderia ter grande alcance pelas redes sociais. Prospera assim, um fenômeno de antagonismos exacerbados e fragmentação social, oposto a uma esquerda que visa a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e solidária.

4.2.6 Normalização

A categoria de normalização, conforme abordada por França e Lopes (2017), revela um processo através do qual determinados acontecimentos, após um período de efervescência, tornam-se parte do cotidiano. Isso envolve a análise da curva de interesse e mobilização em torno do acontecimento, destacando suas especificidades e como ele se insere na vida diária das pessoas após o ápice de atenção.

Nesse processo, relevando que a *hashtag #bolsonarosatanista* não inferiu como um acontecimento, mas sim, um micro acontecimento — dado um macro acontecimento maior e variável dependendo do contexto —, observamos que nesta categoria ela ilustra essa dinâmica por motivos e justificativas imprecisas. Inicialmente, a *hashtag* ganhou destaque nas redes sociais, provocando discussões e debates intensos no Twitter e aglomerando narrativas que foram noticiadas por portais de notícias durante o segundo turno das eleições de 2022.

No entanto, de acordo com o recorte feito nesta pesquisa, a frequência de circulação da *hashtag* diminuiu gradativamente, principalmente após a repercussão dos fatos que compõem a linha temporal que destacamos. Ainda, verificamos que seu último uso havia sido no dia 02 de abril de 2023. Contudo, estamos expostos às modulações algorítmicas que não nos fornecem com precisão todos os *tweets* presentes na plataforma, o que influencia diretamente os resultados daquele período e posteriormente. Logo, não podemos estipular que uma normalização tenha de fato ocorrido.

Neste ano, em 2024, “Bolsonaro satanista” alcançou os *Trending Topics* do Twitter no dia 30 de março, após a Sexta-Feira Santa, com mais de 20 mil postagens. A *hashtag*, menos utilizada que essa expressão, passou novamente a ser circulada. Essa movimentação dá indícios de que a denominação e correlação de Bolsonaro ao satanismo volta a circular próximo a datas

cristãs e/ou diante de notícias, vídeos e declarações que impactam sua imagem religiosa e a imagem de líderes religiosos que lhe apoiaram. Vale ressaltar que no dia 31 de março, o golpe militar de 1964 fez 60 anos, o que pode ser outro indicativo de acionamento da *hashtag*, principalmente quando ela é relacionada a crimes e torturas, como podemos verificar na imagem abaixo.

Figura 6 – O acontecimento após a normalização no Twitter (31 mar. 2024)



Fonte: Autora (2024)

Na figura 6, vemos uma relação da Sexta-Feira Santa com a declaração de Bolsonaro ser favorável a tortura, estabelecendo sentidos e questionamentos semelhantes ao do período eleitoral de 2022. Apesar de sua efervescência inicial, o uso da *#bolsonarosatanista* tende a se normalizar ao longo do tempo, contudo e eventualmente, ela ainda é relevante para as discussões nas redes, em outros contextos e macro acontecimentos. Essa normalização reflete não apenas a natureza transitória das discussões nas redes sociais, mas também a forma como os acontecimentos discursivos são absorvidos e integrados à vida diária das pessoas.

A partir dessa análise, podemos chegar a um ponto interessante que nos permite comparar objetos de pesquisa mesmo que tenham diferentes temporalidades e dimensões, o que também é característico do acontecimento: reverberar em diferentes temporalidades. Na dissertação de Frigo (2018), quando a ditadura militar é mencionada, ela evoca a memória de todos os anos desse período, por isso é considerada como um macro acontecimento.

O discurso de Jair Bolsonaro no *impeachment* de Dilma em 2016 e a circulação do *#bolsonarosatanista* em 2022 são acontecimentos que envolvem uma narrativa criada por Bolsonaro e outra para subverter sua imagem religiosa, respectivamente. Ambos ocorreram de forma relacionada a macro eventos, neste trabalho, identificamos as eleições de 2022 nesta condição, bem como a ascendência de pautas conservadoras, regresso às políticas públicas e forte apoio a forças militares.

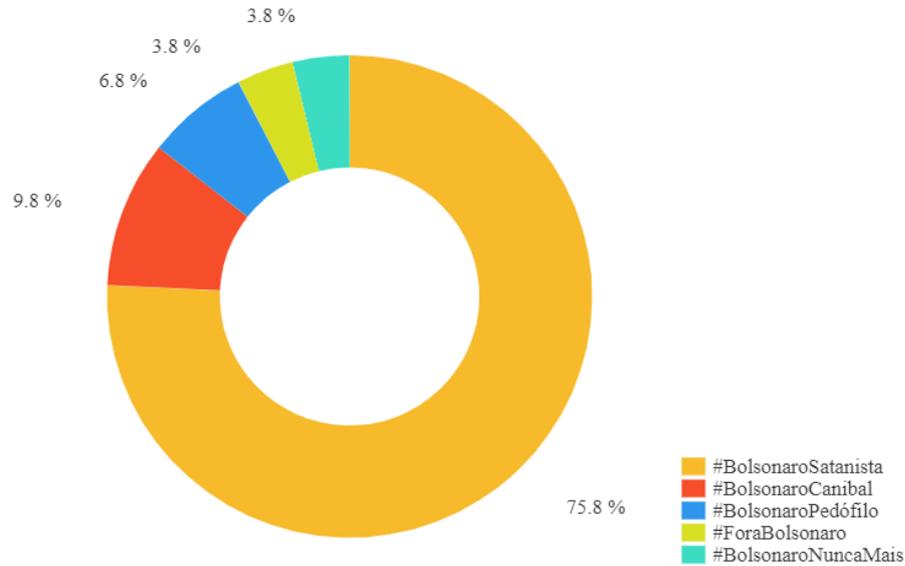
4.3 SEGUNDO PERCURSO: A CIRCULAÇÃO DO ACONTECIMENTO

Um dos aspectos importantes do estudo da circulação é reconhecer que os circuitos envolvidos não se limitam a domínios sociais particulares, mas são processos intrincados (Braga, 2017a; 2017b). Para compreender as características sistemáticas, as associações entre produtos midiáticos, discussões e outros tipos de interação, é essencial compreender os circuitos específicos.

Além disso, a circulação persistente e o fluxo adiante, em que a reação esperada do público influencia a produção, são elementos cruciais quando se examina o processo de mediação, fator imprescindível em nossa análise, uma vez que possibilita entender como a interação através das mídias influencia a produção, a recepção, a transformação e a circulação dos sentidos.

Em nosso primeiro movimento deste percurso, consideramos importante identificar as *hashtags* mais utilizadas, a fim de detectar quais outros temas e/ou micro acontecimentos estavam circulando juntamente ao acontecimento analisado neste trabalho. As *hashtags* também apresentam um panorama de disputa de sentidos, visto que foram utilizadas mobilizando diferentes repúdios, questionamentos e interpretações.

Figura 7 – Gráfico das hashtags mais circuladas no Twitter em 2022



Fonte: Autora (2024)

Ao realizar uma análise preliminar dos dados coletados, nos certificamos que a *hashtag* *#BolsonaroSatanista* aparecesse em todos os *tweets*, o que totalizou o número de 100 vezes e representou 55.87% em um universo com outras *hashtags*. Em seguida, observamos o uso da *hashtag* *#BolsonaroCanibal*, presente em 7.26% das postagens. É importante destacar que consideramos apenas as *hashtags* mencionadas três vezes ou mais para a constituição do infográfico.

Nos cálculos realizados automaticamente, podemos nos aprofundar nas demais *hashtags* mais mencionadas. Em relação a Jair Bolsonaro destacam-se *#BolsonaroPedófilo*, representando cerca de 4.74% do total e *#ForaBolsonaro* com aproximadamente 2.63% das menções, juntamente com *#BolsonaroNuncaMais* e *#Bolsonaronacadeia*. Ademais, outras *hashtags* também ganham espaço, como a *#BolsonaroMaçom*, a *#Bolsonarocorrupto*, e a *#catoliconao votanoJair* (lê-se católico não vota no Jair), cada uma com cerca de 2.11% das menções, demonstrando a diversidade de críticas e posicionamentos presentes nas redes sociais. Enquanto isso, *hashtags* como *#BolsonaroPerverso* e *#Bolsonarogenocida* representam, cada uma, aproximadamente 1.58% das menções.

Entre as *hashtags* relacionadas ao atual presidente, conferimos que *#LulaPresidente2022* e *#LulaPresidente13* alcançaram aproximadamente 2.11% das menções cada. Já *#LulaNoSegundoTurno*, *#LulaPresidente*, *#BolsonarismoMata* e *#BolsonaroVagabundo* seguiram com cerca de 1.58% das menções respectivamente. Esses

números refletem parte das opiniões e debates e evidenciam não apenas um posicionamento contra Bolsonaro, mas também a favor de Lula, dentre a alternativa de optar por um voto nulo.

A partir do material, identificamos a recorrência de muitas expressões semelhantes além das *hashtags*, o que poderíamos reconhecer como algo natural, já que uma das funções delas é o agrupamento de postagens geralmente com o mesmo teor ou intenção, como explicamos na seção 2.3.1. Contudo, as expressões são usadas com diferentes intencionalidades, diferenciando a atribuição de significações que nos aprofundaremos adiante. Quando pesquisamos pelo termo “católico”, vemos a recorrência de 15 vezes, com o ápice de uso entre os dias 12 e 13 de outubro, já o termo “cristão” aparece 15 vezes, enquanto “evangélicos” apenas 3 vezes.

No intuito da hierarquização dessas recorrências textuais, optamos pelo uso do gráfico nuvem (Figura 7). Como nuvens de palavras são representações visuais de dados textuais, elas possuem uma importância significativa em pesquisas para que haja a visualização de conceitos-chaves, discernimentos de temas e tópicos centrais, pistas que facilitam a compreensão e interpretação. Esses padrões podem não ser imediatamente aparentes em uma leitura superficial, e sim uma maior análise exploratória de dados para uma rápida familiarização com o conteúdo de um *corpus* de texto. Logamos da plataforma Wordclouds.com, a qual nos permite uma customização e personalização de acordo com nossas necessidades e preferências. A partir de todos os *tweets* coletados, transcritos e tabelados, escolhemos uma amostra de 56 palavras com a recorrência de 3 vezes ou mais para compor este gráfico, de modo que as informações ficassem visíveis.

a partir de um recorte já definido anteriormente e, para o tratamento desses resultados, optamos pela categorização.

A categorização é o processo de classificação de elementos de um conjunto por diferenciação e posterior ao reagrupamento de acordo com critérios previamente definidos. As categorias, ou classes, são títulos genéricos que agrupam elementos com características comuns, como unidades de registro na análise de conteúdo. Os critérios de categorização podem ser semânticos, sintáticos, léxicos ou expressivos, agrupando elementos com base em seus significados, estrutura gramatical, palavras ou expressões (Bardin, 2011).

A partir das propostas da autora, nossa categorização foi feita pela pertinência, ou seja, apropriada para o material de análise selecionado e que se alinhou com o quadro teórico estabelecido, com o intuito de representar fielmente os objetivos da pesquisa e refletir as características das mensagens analisadas. Portanto, os *tweets* foram categorizados de acordo com os sentidos religiosos articulados que foram visíveis para identificar o objetivo geral proposto para esta pesquisa (Quadro 3).

Quadro 3 – Categorias de análise dos sentidos religiosos

Categorias de análise	Descrição
Valores religiosos	Análise das crenças, princípios e ideais fundamentais associados a uma determinada religião ou conjunto de religiões.
Imagens e personalidades religiosas	Exploração das representações visuais e referências e figuras religiosas, líderes espirituais e ícones sagrados.
Concepções anticristãs	Investigação das visões, críticas ou oposições expressas em relação ao cristianismo e/ou pentecostalismo, duas doutrinas, práticas e instituições.
Preceitos satanistas	Menção a ideologias, valores e práticas associadas erroneamente ou não ao satanismo, incluindo crenças, rituais e filosofias.
Referência à Maçonaria	Observação das referências, alusões ou discursos direcionados à Maçonaria.

Fonte: Autora (2024)

4.3.1 Valores religiosos

Os valores religiosos são explorados de maneiras diversas nos *tweets*, refletindo a diversidade religiosa do Brasil e suas complexas relações com a política. Há menções diretas aos princípios cristãos, como verdade, amor e moralidade. Muitos *tweets* destacam a incompatibilidade entre os discursos e ações de Bolsonaro com os princípios éticos e morais defendidos pela fé cristã.

Termos como "estuprador de criança", "femicida" e "pastora assassina" (referente à ministra Damares) são usados para denunciar comportamentos considerados antiéticos e contrários aos valores religiosos. Além disso, há uma tentativa de desacreditar Bolsonaro ao associá-lo a líderes espirituais corruptos ou controversos, como pastores envolvidos em escândalos de corrupção. Essas representações visuais contribuem para a construção de uma narrativa que retrata Bolsonaro como uma figura negativa do ponto de vista religioso.

Autor 2: @AndreJanones @revistaforum Traição dupla. Vamos subir a tag #BolsonaroSatanista @AndreJanonesAdv Bolsonaro nunca foi, não é e nunca será cristão. Um cara que quis que a mulher abortasse, defende torturador, debocha da morte de várias pessoas por covid e etc. Esse Bolsonaro é o anti Cristo. #BolsonaroSatanista. 5 out. 2022.

Autor 3: @alinne_wb @PedroRonchi2 @AndreJanonesAdv Os evangélicos não podem aceitar isso. Diz que é contra o aborto, mas quis abortar o filho. Mentiroso #BolsonaroSatanista #BolsonaroMentiroso. 5 de out. 2022.

Há uma profunda preocupação com a autenticidade da fé professada pelo ex-presidente, em outras palavras, questionam se ele realmente é um cristão verdadeiro, o que imputa camadas mais profundas sobre o que seria um “verdadeiro cristão”. Cabe lembrarmos que Bolsonaro proferiu em diversas aparições o versículo “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Bíblia, João 8:31-32).

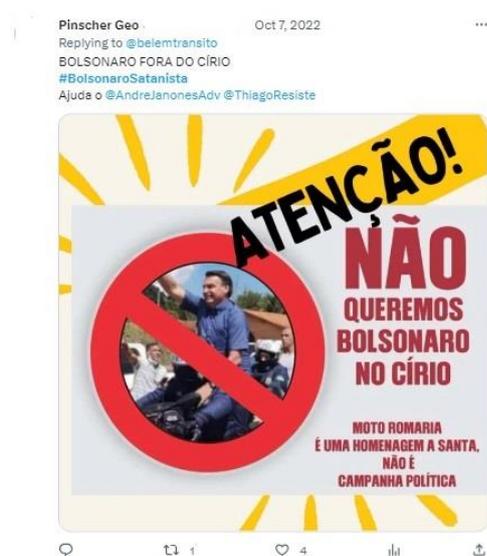
A verdade mencionada no versículo é um conceito central no cristianismo e em muitas teologias. Para os cristãos, a verdade não é apenas um conceito abstrato, mas é personificada em Jesus Cristo. Dentro das várias teologias cristãs, a verdade é uma constante, embora a compreensão e a ênfase possam variar. No entanto, todas elas reconhecem que a verdade está em Deus e é revelada através de Jesus Cristo. Os cristãos usam a verdade como uma âncora para suas vidas, portanto, acreditam que conhecer a verdade, que é Jesus, é fundamental para experimentar a verdadeira liberdade espiritual.

Figura 9 – Valores católicos (tweet 12 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

Figura 10 – Bolsonaro fora do Círio (tweet 7 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

Na Figura 9, o questionamento direcionado aos cristãos carrega simbolicamente o respeito acerca da religião católica, em vista ao desrespeito de Bolsonaro e seus apoiadores no micro acontecimento em Aparecida do Norte. A expressão “Católicos, uni-vos”, indica uma união entre grupos com valores semelhantes, contra episódios que envolveram uma afronta religiosa. A mesma, pode ser relacionada à Figura 10, de outra autoria, mas que mobiliza uma rejeição da presença e campanha política de Bolsonaro em lugares e festejos católicos, como o Círio de Nazaré. Tendo isso em vista, detectamos mais dúvidas quanto a verdadeira crença do ex-presidente quando relacionado a Nossa Senhora, ao Círio de Nazaré e a práticas do catolicismo,

Autor 4: Me desculpem a ignorância, mas o Bolsonaro é evangélico e estar indo fazer o que no Círio de Nazaré? Evangélicos não aceitam nossa Sra. Como nossa intercessora. Círio de Nazaré é uma manifestação em devoção a Nossa Sra. #lula #LulaPresidente #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista. 8 de out. 2022.

Autor 5: #BolsonaroCanibal #BolsonaroMentiroso #BolsonaroSatanista RT: Bolsonaro vai rezar terço com uma hora de duração em Aparecida. Uma oração-caçavotos do falso religioso. 11 de out. 2022.

Deste modo, observamos um desprazer dos católicos perante o uso da religião como instrumento eleitoral, principalmente em locais sagrados. Esse sentimento foi mobilizado também mencionando as imagens religiosas, cabendo em mais de uma dessas categorias de análise.

4.3.2 Imagens e personalidades religiosas

O apelo a entidades, personalidades religiosas e bíblicas podem ser profundamente comoventes para os crentes e católicos devido ao significado espiritual, emocional e cultural que essas figuras representam em suas vidas. A devoção a essas personalidades pode ser vista como uma esperança em um tempo de adversidades, aqui, uma forte polarização política, que também é movida por esse sentimento. Dessa maneira, a invocação dessas figuras pode ser vista como intercessora e protetora, elas podem fortalecer o sentimento de identidade e pertencimento entre os crentes e católicos.

Quando líderes políticos fazem referência a figuras religiosas ou passagens bíblicas, eles podem buscar inspirar confiança e autoridade em suas propostas e decisões. Ao associarem suas políticas ou visões de mundo a princípios religiosos, eles buscam validar suas posições aos olhares religiosos. A instrumentalização da religião, como já discorremos anteriormente, causa a mobilização de eleitores, legitimação de políticas e agendas, além de coalizões políticas. Entretanto, vemos aqui, uma circulação que ressoa divergente de uma aprovação. Verificamos opiniões contrastantes no que tange o respeito e liberdade religiosa, direitos humanos e questões sociais.

As representações visuais e referências a figuras religiosas são utilizadas de forma simbólica para criticar Bolsonaro e seus apoiadores. Elementos religiosos como imagens bíblicas, orações e referências ao diabo são empregados para enfatizar a oposição entre a figura de Bolsonaro e os ideais religiosos,

Autor 6: “No tempo do Anticristo, as pessoas vãs se perderão por dinheiro, as simplórias por milagres e as letradas por disputas”, São Francisco Ferrer. #ForaBolsonaro TV APARECIDA #Bolsonaro Satanista Damares Nikolas #DebateCNN #Lula13 Jair não é cristão. 12 de out. 2022.

Autor 7: O bolsonarismo é o mais ardiloso plano do Satanás contra a fé no país. Ele sequestrou liturgias, símbolos, dogmas e transformou Bolsonaro em divindade. BOLSONARISMO NÃO É DE DEUS #BolsonaroSatanista #BolsonaroNuncaMais #bolsonaroéodemônio. 12 de out. 2022.

Autor 8: @BolsonaroSP Mais uma utilização da mentira no intuito de enganar os eleitores... quem se diz cristão procura a verdade! Quem tem veneno na boca e fala mentira é a serpente que todo mundo sabe o que representa na Bíblia! #BolsonaroSatanista. 19 de out. 2022.

Algumas postagens fazem referência a passagens bíblicas ou a figuras teológicas para embasar as críticas contra Bolsonaro. Por exemplo, o Autor 6 e sua citação a São Francisco Ferrer sobre o tempo do Anticristo é usada para contextualizar a situação política atual em termos religiosos e proféticos. Evidenciamos também resquícios das mudanças do neopentecostalismo e do pentecostalismo, em aspectos como a Teologia da Prosperidade relacionada à perdição da humanidade pelo dinheiro, e os inocentes à espera do milagre.

Ainda, o Autor 7, de encontro com o que exemplificamos teoricamente como uma estratégia de Bolsonaro, discursa sobre a apropriação religiosa em diversos âmbitos para sua construção política, como se fosse não apenas um governante, mas se colocando em um patamar superior e inalcançável: o de um Deus. Já o autor 8, faz menção ao versículo de Gênesis 3:4-5, 22, conhecido como "A Queda", que descreve como a humanidade desobedeceu a Deus no jardim do Éden. A serpente, a qual Bolsonaro é comparado, é geralmente interpretada como Satanás ou símbolo do mal, retratada como enganadora, estabelece a origem do pecado e da condição humana caída.

Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos e se apartem da simplicidade e da pureza que há em Cristo. Porque, se alguém vem e vos prega outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, de boa mente o suportais! (Bíblia, Coríntios 11:3-4.).

Outros tweets, disponíveis no **APÊNDICE A**, fazem apelos à autoridade religiosa, como o Papa, sugerindo que medidas como a excomunhão seriam apropriadas diante das alegadas transgressões de Bolsonaro contra os valores religiosos. Pessoas descrentes de sua reeleição afirmam que “quem está com Deus não está com Satanás e está protegido”, aqui, com alusão ao seu governo. Ainda observamos que a maioria dessas contas se apresentam como católicas e a frase “católico não vota no Jair” é expressa também sem o uso de *hashtag*.

Figura 11 – O falso Messias (21 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

A Figura 11 faz outra referência bíblica que foi muito utilizada nas redes durante as Eleições com alusão a Bolsonaro. Contudo, não a encontramos em passagens bíblicas, sendo a que mais se aproxima é em Mateus 24:23-47: “Se, então, alguém disser: “Vejam, aqui está o Cristo” ou: “Ali está ele! não acreditem. Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas, que realizarão grandes sinais e maravilhas, para, se possível, enganar até os escolhidos”. Ao final do cartaz, notamos a autoria da “Corrente de cristãs pela verdade”, porém não identificamos mais informações sobre a mesma. No entanto, simbolicamente, em uma união pela verdade, ele aufere um forte sentido quando conectado a uma passagem que evoca “falsos cristos” e a mentira.

Figura 12 – A ultra política (15 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

Na Figura 12, a imagem bíblica é acionada para relacionar Lula a uma possível salvação. Podemos visualizar nela o petista ao lado de uma representação de Deus, esse, com uma luz nas mãos, uma alusão ao poder. Essas imagens são circuladas juntamente com a *hashtag* *#LulaPresidente13*.

Quando observamos a oposição sendo retratada como “o salvador”, percebemos a presença da ultra política e de uma suposta guerra espiritual como fundamentamos no capítulo 3.2. É entendido desse modo pois na visão social, estaríamos em uma luta do bem contra o mal. Na mesma figura, uso de emojis de diabo são usados para representar Bolsonaro, enquanto a bandeira do Brasil é subvertida em apoio a Lula e a Haddad para governador de São Paulo. A bandeira do Brasil tornou-se um elemento simbólico para direita, representando o nacionalismo e patriotismo, uma luta do verde e amarelo contra o vermelho, por isso neste caso observamos a subversão.

4.3.3 Concepções anti-cristãs

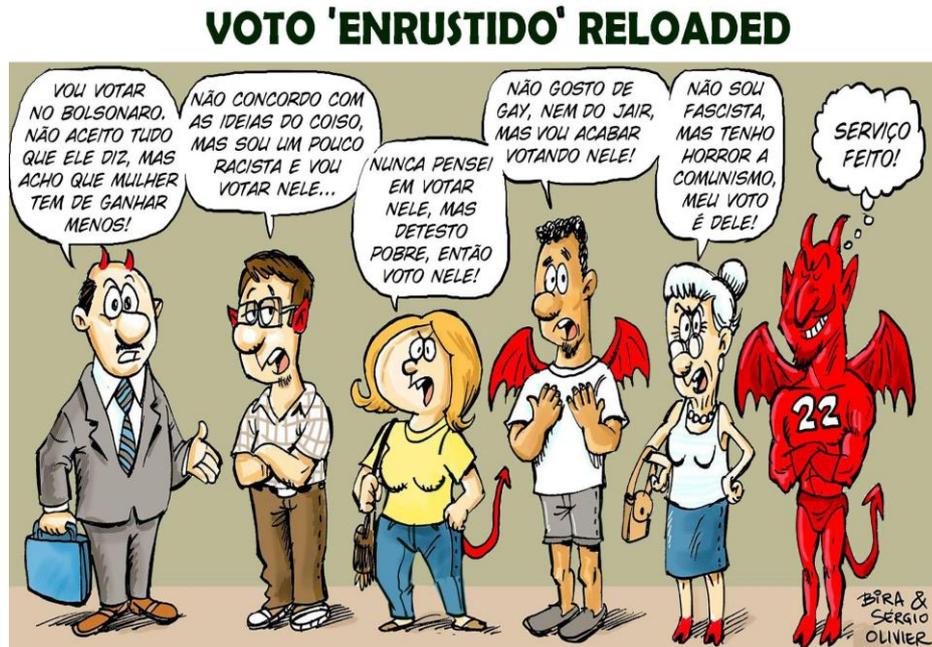
As concepções anticristãs podem abranger uma variedade de ideias, atitudes e práticas que desafiam ou contradizem os ensinamentos fundamentais do cristianismo. Poderíamos discorrer aqui suas formas de manifestações, como ateísmo, agnosticismo, satanismo dentre outras visões. Contudo, nesta categoria observaremos somente seus discursos, nos quais encontramos expressivamente uma generalização de cristãos como votantes de Bolsonaro ou adeptos aos seus princípios.

Assim, certos movimentos políticos, sociais ou culturais podem adotar ideologias que entram em conflito com os princípios cristãos, levando a tensões entre a fé e as crenças predominantes em uma determinada sociedade. Muitos *tweets* desafiam a interferência de Bolsonaro na esfera religiosa, destacando que suas ações estão em desacordo com os princípios religiosos.

Autor 9: URGENTE Bolsonaroístas desrespeitam os católicos, está mais claro que a perseguição religiosa está vindo pela direita. BOLSONARISMO NÃO É DE DEUS
 #BolsonaroSatanista #bolsonaronaodedeus #ForaBolsonaroVagabundo
 #bolsonaronaocristao. 13 out. 2022

Há uma ênfase na suposta hipocrisia percebida daqueles que se autodenominam cristãos, mas apoiam Bolsonaro, sugerindo uma desconexão entre sua fé declarada e suas ações públicas e políticas. O Autor 9 concebe essa crítica acionando uma reflexão sobre a perseguição religiosa. Esta foi amplamente difundida no meio evangélico no período eleitoral pela crença de que a ascensão da esquerda causaria fechamento das igrejas, o que, em um Estado Laico, seria institucional e inviável, já que há garantia da liberdade religiosa no Brasil, como comentamos no capítulo 3. Vemos aqui, uma subversão de discurso, tendo em vista as ações bolsonaristas em relação aos católicos, expandindo a disputa de sentido em torno de diferentes grupos religiosos quanto a imagem de Bolsonaro.

Figura 13 – Charge voto ‘enrustido’ reloaded



Fonte: Bira; Oliver (2022)

Na charge autoral da Figura 13, vemos a imagem de diversas personificações de eleitores do Bolsonaro, cada uma contendo argumentos recorrentes de seus votantes como a desigualdade de salário entre gêneros, o racismo, o ódio ao pobre, a homofobia, o temor ao comunismo. Percebemos a ação da ultra política nos discursos dos personagens, acrescentando mais inimigos e fortalecendo o antagonismo entre gênero, classes e raças. Com o nome “Voto enrustido reloaded”, a charge ainda se refere àqueles que se consideram neutros na política, mas cujos discursos tendem ao que o bolsonarismo defende. Ao lado dos seus eleitores vemos a imagem de uma figura que se refere a um demônio com o número 22 estampado em sua roupa, número de Bolsonaro nas eleições. Com isso, o bolsonarismo é explicitamente associado à imagem do Diabo.

4.3.4 Preceitos satanistas

Muitos dos preceitos satanistas mencionados podem ir de encontro com a categoria de Imagens e personalidades religiosas, visto que, Bolsonaro é frequentemente associado à imagem de Satanás e não à alguma doutrina satanista. A palavra "Satanás", de origem hebraica, tem significado de "acusador" ou "adversário". Inicialmente, sua conotação não implicava a uma entidade oposta a Deus ou representante do mal, mas sim alguém que acusava (Veiga, 2018).

Contudo, aos moldes do cristianismo, outras palavras para sua referência como “diabo” e “demônio” foram criadas. Dialogando pela lógica do neopentecostalismo, a própria teologia da guerra espiritual coloca Satanás e seus representantes terrenos como um mal a ser combatido, assim, o Homem a garantir a plenitude do Espírito deve ser obediente ao Criador (Mariano, 2002). Desse modo, Bolsonaro é associado a Satanás como uma forma de denunciar as ações de seus apoiadores que conflitam com a moralidade cristã. Essa relação é usada como uma crítica poderosa enfatizando sua suposta falta de valores éticos e espirituais, cabendo ainda a exposição de sua vida pessoal e fatos sociopolíticos durante seus anos de gestão. No entanto, é importante notar colocações hiperbólicas que fazem alusão a pactos de sangue.

Autor 11: @AndreJanonesAdv O que ocorreu hoje é prova cabal de que Bolsonaro entregou seus eleitores a Satanás num ritual. Eles ficaram claramente odiosos e descontrolados num ambiente e evento sagrados. É Satanás os influenciando. Afaste-se de tudo que se refere a esse #BolsonaroSatanista enquanto há tempo. 13 de out. 2022

O micro acontecimento identificado na linha temporal, como a presença de Bolsonaro em Aparecida, repercutiu amplamente por dias, já pontuados anteriormente. Considerado uma blasfêmia contra fé, o *tweet* anterior relaciona esse episódio a uma prova cabal de que Bolsonaro entregou seus eleitores a Satanás em um ritual. A imagem do ex-presidente e a de seus eleitores foram previstas como uma reação desse pacto: odiosos e descontrolados em ambiente sagrado.

Figura 14 – Bolsonaro é do Demônio (14 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

A Figura 14 apresenta Bolsonaro ardendo em chamas, uma referência ao inferno. Além da explícita designação de Bolsonaro ser “do demônio”, a acusação de profanação à Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, acaba trazendo camadas mais profundas.

Considerados demônios de elevada posição na hierarquia satânica, os espíritos territoriais estão distribuídos pelo diabo para agir sobre áreas geográficas (bairros, cidades, países), grupos étnicos, tribais e religiosos. No Brasil, tais demônios são frequentemente identificados pelos evangélicos, neopentecostais ou não, com os santos católicos, entre eles sobretudo Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país. (Mariano, 2003, p. 32-33).

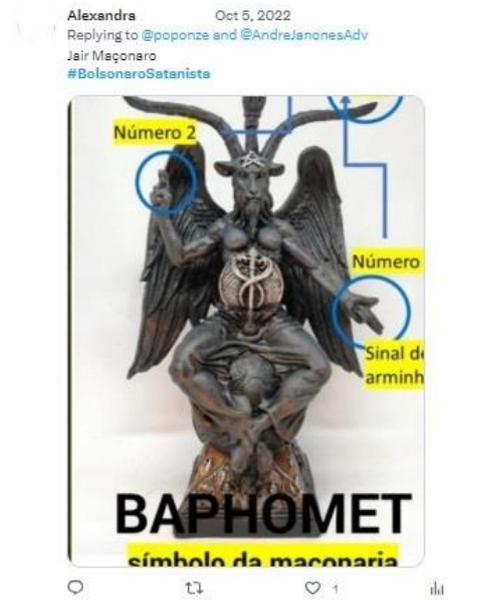
Inferimos que nesta categoria, o satanismo é associado a práticas consideradas desviantes ou contrárias aos preceitos éticos e morais tradicionais. No entanto, quando associada a Bolsonaro, isso não ocorre sobretudo por manifestações que desafiam as normas estabelecidas pela sociedade, incluindo aquelas relacionadas à moralidade, sexualidade e comportamento social. Entretanto, ocorre uma moralidade incondicionalmente atrelada ao religioso, seja em parâmetros católicos ou evangélicos, de modo que os mesmos intuitos são circulados de diferentes maneiras.

4.3.5 Referências à Maçonaria

No âmbito do evangelicalismo, a associação com a Maçonaria pode ser caracterizada por distintas opiniões, muitas vezes inclinadas à crítica. Uma dessas razões é a crença de que existe um conflito entre princípios, rituais e doutrinas evangélicas maçônicas, especialmente no que diz respeito à compreensão de Deus, à salvação e aos rituais clandestinos. A percepção que Maçonaria abraça uma ideologia sincrética, misturando elementos de diferentes religiões e tradições espirituais parece contraditória aos princípios fundamentais da fé cristã relativamente à transparência e ao alinhamento destas práticas com os princípios da revelação e da verdade defendidos pelos evangélicos.

Assim, vemos que referências à Maçonaria nos *tweets* são exploradas como parte de uma narrativa mais ampla que associa Bolsonaro a instituições secretas e controversas. As alusões à Maçonaria são utilizadas para questionar a sinceridade da fé de Bolsonaro, algo que percebemos em todas as categorias de análise. Há acusações de que Bolsonaro teria feito um pacto espiritual com a Maçonaria para garantir sua reeleição, o que é visto como uma prova de sua suposta falta de compromisso com os valores cristãos. Essas menções à Maçonaria refletem também a desconfiança e a suspeita em relação a Bolsonaro e suas ligações com instituições poderosas e influentes, argumento que poderia ser reforçado caso o vídeo da Figura 2, presente na seção 4.1, tivesse viralizado, fator que não foi constatado a partir desta coleta e também do engajamento do próprio vídeo no Twitter.

Figura 15 – Jair Maçonaro (5 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

Na Figura 15, vemos a imagem de Baphomet, a designação para um símbolo desenvolvido no século XIX pelo ocultista Éliphas Lévi. Ele é normalmente associado ao satanismo e não faz parte do simbolismo maçônico (Xavier, 2022). A reprodução dessa imagem aconteceu de forma amplificada por meio de *prints* que circularam do vídeo que mobilizou o acontecimento *#bolsonarosatanista*. Além de uma tentativa de conspiração e estereótipos infundados, ele aparece como uma forma de provocação e como uma tentativa de subverter ou distorcer significados tradicionais quando aliado à maçonaria. No entanto, seu uso, neste contexto, faz um apelo a Bolsonaro, relacionando-o a práticas satânicas. Isso pode ser observado na figura dos dedos que formam o número 22, referente ao então candidato, e o sinal de arma, uma marca de reprodução bolsonarista que são circuladas para defender essa associação.

Figura 16 – O malho e o cinzel: Jair Maçonaria (25 out. 2022)



Fonte: Autora (2024)

A Figura 16 mostra explicitamente um dos símbolos mais reconhecíveis da maçonaria, o compasso e o esquadro, muitas vezes acompanhados por uma letra "G" no centro, que de acordo com o Dicionário de Símbolos, pode remeter à Deus (*God*, em inglês) ou, ainda, à geometria. Ao invés da letra G, foi colocada a ilustração do rosto de Jair Bolsonaro com os dizeres "Jair Maçonaria". Este *tweet* foi feito com mais de 20 dias após o início da circulação da *hashtag* *#bolsonarosatanista*, entretanto, manteve a mesma pauta que fez o acontecimento se irromper, demonstrando o aspecto relevante da normalização do acontecimento, que toca a frequência, contextos e o tempo, sem descartar a hipótese de picos de circulação ainda com uma mesma atribuição de sentidos.

Ao fim deste último percurso e pelo prisma de todo um conjunto, a relação entre os sentidos religiosos e políticos vista e usada discursivamente sob diferentes perspectivas, tanto do senso comum quanto de possibilidades teóricas. Isso demonstra a circulação de sentidos a partir de uma bagagem empírica de cada *user*, contudo, essas conexões interpretativas atreladas ao satanismo, no que tange a imagem e personificação do diabo, aciona uma estratégia de mobilização de todas as crenças para demonizar Jair Bolsonaro.

Essa articulação ainda é favorecida pela estratégia que o próprio ex-presidente usufruiu para a construção de suas campanhas políticas. Em suma, a relação entre o satanismo e práticas religiosas que não cumprem os valores morais cristãos é complexa e envolve ideologias e interpretações individuais, contudo, num cenário percorrido de polarização, ultra política e guerra espiritual, um alvo em comum foi detectado: Bolsonaro.

Concluimos que a análise não pode revelar uma disputa de sentidos devido às oscilações algorítmicas da plataforma, conforme indicado por nosso quadro teórico e informações disponíveis. Isso inclui a possibilidade de que outros *users* e pesquisadores obtenham resultados completamente diferentes em suas pesquisas, o que reforça a existência dos filtros bolha.

Além disso, notamos que o primeiro rastro digital da *hashtag*, o que consideramos uma estratégia de Janones, não foi facilmente identificado nas principais buscas, nem se fez constitutivo discursivamente nos circuitos comunicacionais, que se apropriaram de modo homogêneo contra bolsonaro, todavia, com diferentes apropriações religiosas, de pautas e tonalidades. As mudanças nas funcionalidades e ferramentas do Twitter também dificultaram a criação de gráficos precisos e outros aprofundamentos que observamos em nossas referências de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa mergulhou nas complexas inter-relações entre política, religião e mídia no cenário da democracia brasileira, utilizando como objeto de estudo a *hashtag* *#bolsonarosatanista*, que viralizou no Twitter após o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022. Ao longo desse estudo, exploramos as dinâmicas desses elementos, desde o uso do discurso religioso como estratégia política até as implicações mais amplas nas interações digitais e na esfera pública.

A circulação da *hashtag* *#bolsonarosatanista* revelou a intrincada interação entre discursos políticos e religiosos nas plataformas digitais, bem como sentidos circulados nos materiais coletados. Nos debruçando em uma abordagem que combinou o acontecimento como operador metodológico (França; Lopes, 2017) e a análise da circulação dos sentidos no Twitter (Braga, 2017a, 2017b), já discutida nos capítulos anteriores. Assim, pudemos desvendar alguns dos múltiplos significados atribuídos a esse evento, seus atravessamentos e seus possíveis impactos em um acontecimento ainda maior: a escolha de um governante nacional para os próximos quatro anos.

Além de tramas que já circundam a nossa sociedade, já que absorvemos temáticas pilares de nossa civilização, como religião, Estado laico e nossa democracia, a midiatização em decurso e o uso das redes sociais para informação, desinformação e mobilização de sentidos, sentimentos e diversas narrativas. Observamos também que o uso do acontecimento como operador metodológico é relevante para revelar fatores sociais que englobam um evento, independentemente de sua natureza, quando observado de maneira jornalística, midiática ou através de sua circulação e interpretação agregada ao discurso. Assim, os acontecimentos na sociedade são capazes de trazer à tona diferentes temporalidades e se tornarem atemporais através da memória, do discurso e do reforço de valores morais, éticos, religiosos e democráticos.

O objetivo geral da pesquisa foi realizar uma análise da disputa de sentidos em torno da religião no acontecimento *#bolsonarosatanista* no Twitter. Isso foi envolvido ao examinar como diferentes atores sociais atribuem significados à religião, como esses significados foram contestados e negociados e como isso influenciou as discussões políticas e sociais durante o período das eleições presidenciais de 2022 no Brasil. Em essência, o objetivo geral foi atingido, pois compreendemos como a religião foi utilizada como uma ferramenta de expressão política e como isso impactou a esfera pública e as interações sociais na plataforma digital do Twitter.

Durante o desenvolvimento do trabalho, vimos a necessidade de destacar a importância de compreender contextos. A palavra foi empregue inúmeras vezes aqui, pois sua compreensão, em todos seus significados, fornece uma moldura, uma estrutura na qual podemos entender e interpretar acontecimentos, fenômenos e comunicações. Ele inclui não apenas o que está escrito de forma literal, mas também o que está implícito ou subjacente. Sua importância na análise engloba o meio, também fatores sociais, culturais e situacionais que influenciam a produção e interpretação de narrativas, assim como a circulação. Os contextos foram essenciais em cada um dos capítulos aqui elaborados, históricos, datados e também fluidos, contextualizamos o desenvolvimento das tecnologias, suas operacionalizações e seus usos em uma imensa teia de conexões, que nos levaram à *hashtag* e ao acontecimento *#bolsonarosatanista*, como estipulado em nosso primeiro objetivo.

Identificamos os desdobramentos das pautas religiosas nas eleições de 2022, inferimos demandas do crescimento de setores evangélicos e a lógica neopentecostal perante o sistema liberal em que vivemos, tal como a ascensão do conservadorismo e seu conflito a políticas públicas que progridem lentamente. Destacamos o papel das forças conservadoras e evangélicas na política brasileira, evidenciando a polarização e os estereótipos associados aos candidatos, como no caso de Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Teoricamente e em análise, nos deparamos com movimentos e discursos que subvertem as propostas conservadoras sem deixar a religião de lado.

Nesse curso, atingimos o nosso terceiro objetivo específico, investigamos então a apropriação do discurso religioso no Twitter. Ao analisar detalhadamente a *#bolsonarosatanista*, pudemos detectar de perto a dinâmica das interações políticas e religiosas, as quais envolvem questionamentos sobre ética, moralidade e sinceridade religiosa dos líderes políticos e seus fiéis. Atestamos a instrumentalização da fé como uma estratégia de campanha eleitoral e de dissipação de uma agenda moral em busca de poder e, paralelamente, de subversão dessas narrativas que guiaram as eleições por votantes e/ou perfis na rede social. Elas indagaram a contradição do que o evangelho prega e o que de fato a imagem e ações de Bolsonaro representaram.

Os *tweets* analisados refletem uma ampla gama de sentimentos religiosos e um engajamento significativo com questões éticas e morais. Além das críticas políticas dirigidas ao ex-presidente, encontramos preocupações sobre a integridade espiritual e ética de Bolsonaro, revelando uma reflexão profunda sobre valores religiosos e o que esses seriam, a partir de significações empíricas. A linha do tempo construída sinalizou as maiores incongruências dos indivíduos que se manifestaram usando a *hashtag*.

Consideramos válido destacar a dificuldade na seleção do objeto de estudo, especialmente em um ambiente midiático onde as informações são abundantes e em constante fluxo. Como autora desta dissertação³¹, creio que seja importante ressaltar alguns aspectos do processo de produção deste trabalho. Embora tenha familiaridade com a escrita sobre política e esteja diariamente presente nas redes sociais, adentrar o campo da religião representou um desafio significativo, proporcionando uma ruptura com o senso comum e levantando questões que, por vezes, pareciam provocativas. Isso ressalta a riqueza e potencialidade da pesquisa, especialmente na área da Comunicação, que permite explorar uma variedade de temas sob diferentes perspectivas.

Portanto, esta pesquisa não apenas enriquece o meio acadêmico, ao oferecer uma análise das interações entre política, religião e mídia, mas também contribui para o campo das Mídias e Estratégias Comunicacionais. Ao investigar um evento de grande relevância nas redes sociais, ampliamos nossa compreensão dos processos de construção de significados e das dinâmicas de poder, circulação e fluxo adiante no meio digital, oferecendo *insights* valiosos para pesquisas futuras nessa área. Trabalhar com uma *hashtag* específica e todo o contexto das eleições presidenciais de 2022 não implica que esse objeto não possa ser analisado posteriormente, com diferentes abordagens e contextos, o que enriquece ainda mais nosso entendimento dos fenômenos comunicacionais.

³¹ Peço licença para o uso da primeira pessoa do singular neste momento.

REFERÊNCIAS

- AGGIO, Camilo; CASTRO, Filipe. “MEU PARTIDO É O POVO”: Uma proposta teórico metodológica para o estudo do populismo como fórmula de comunicação política seguida de estudo de caso do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 42, n. 2, p. 429-465, 2020. Disponível em: https://ctpol.unb.br/wp-content/uploads/2019/05/gt4_Aggio_Castro.pdf. Acesso em: 16 abr. 2024.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **O eleitorado sem religião foi o fiel da balança da vitória de Lula**. EcoDebate, Rio de Janeiro, n. 3.924, 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2022/10/31/oeleitorado-sem-religiao-foi-o-fiel-da-balanca-da-vitoria-de-lula/>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado Moreira; RIBEIRO, Daniel Melo. Sociedade da Desinformação e Infodemia. **Olhares Transversais**, v. 1. Belo Horizonte, MG. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.
- ARAÚJO, Victor. **Surgimento, trajetória e expansão das Igrejas Evangélicas no território Brasileiro ao longo do último século (1920-2019)**. Disponível em: https://github.com/araujosvictor/igrejas_UF_100milhab. 2023. Acesso em: 16 abr. 2024.
- AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estudos Avançados**, v.18, n.52, p.109-120, set. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300009> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PxyzJ9rN5q4CQGBPxfpbNqG/?lang=pt&format=html#>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- BARATA, A. M. Os Maçons e o Movimento Republicano (1870-1910). **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20406>. Acesso: 28 maio 2024.
- BENJAMIN, Ruha. **Race after Technology: abolitionist tool for the new Jim Code**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- BÍBLIA on. Bíblia Sagrada Online. Disponível em: <https://www.bibliaon.com> Acesso: 30 maio 2024.
- BRAGA, J. L. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**. E-Compós, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011. DOI: 10.30962/ec.665. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- BRAGA, J. L.. Circuitos versus campos sociais. *In: Mediação & Mdiatização*. JUNIOR, Jeder Janotti Junior; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (orgs) Salvador : EDUFBA ; Brasília : Compós, 2012, p.31-52. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf Acesso: 28 maio 2024
- BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and

PARES, A.D. Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017a, 449 p. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. <https://doi.org/10.7476/9788578795726>.

BRAGA, J.L. Circulação e Circuitos. *In*: CASTRO, Paulo César (org). **A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento**. Maceió, Edufal, 2017b, p. 49-64.

BRAGA, J.L. **Polarização como estrutura da intolerância (uma questão comunicacional)**. *In*: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Paulo Gilberto; ROSA, Ana Paula da (orgs). Santa Maria, RS: Facos UFSM. 2020, p. 297-316
CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. Alemanha: Bielefeld University Press, 2020.

CARREIRO, Rodrigo; MATOS, Eurico. **PRESIDENTE ELEITO, E AGORA? Analisando as estratégias de comunicação digital no Twitter do Governo de Jair Bolsonaro. COMPÓS 2019**. Disponível em: https://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT1/gt1_Carreiro_Matos.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

CHOMSKY, Noam. **Mídia Propaganda política e manipulação**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

CORRÊA, Sonia; KALIL, Isabela. **Políticas antigênero en América Latina: Brasil – ¿La catástrofe perfecta? Observatorio de Sexualidad y Política (SPW)/ABIA**. Disponível em: <https://sxpolitics.org/GPAL>. Acesso: 03 ago. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. **Maçonaria tem relação com satanismo? Entenda regras e história da organização. 2022**. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/holofote/2022/10/5042498-Maçonaria-tem-relacao-com-satanismo-entenda-regras-e-historia-da-organizacao.html>. Acesso: 15 abr. 2022.

COSTA-MOURA, Fernanda. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 141- 158, ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/yzCXysYcfvRFnZj9r7ZGZnw/?lang=pt>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CUNHA, Magali. **Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico**. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 26, n. 1, p. e30691, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30691>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CUNHA, Magali. **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação**. Salvador [Bahia]: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço. 2020.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Mídia, religião e eleições**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/37451-midia-religiao-e-eleicoes-entrevista-especial-com-magali-do-nascimento-cunha>. Acesso em: 24 out. 2022.

INTERSECÇÃO entre política, religião e mulheres evangélicas na campanha eleitoral de 2022. 1 vídeo (1h12min). Entrevista concedida a Viviane Borelli por Magali Cunha para o Centro Internacional de Semiótica e de Comunicação (CISECO), [s.l.], 2022. Publicado pelo canal CISECO. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c1nRxs1VCxI&ab_channel=CISECO. Acesso: 29 jun. 2023.

DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS. **Símbolos da Maçonaria**. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-maconaria/>. Acesso: 14 abr. 2024.

ESPINER, Tom; NANJI, Noor. Por que Elon Musk resolveu trocar logo do Twitter por 'X'?. BBC. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjlwyyy3rl3o>. Acesso: 26 jul. 2023.

PROJETO COMPROVA. Lula não tem relação com luciferianismo nem com satanismo; entenda o contexto das postagens sobre o tema. **Estadão Verifica**. São Paulo: Estadão, 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/lula-nao-tem-relacao-com-luciferianismo-nem-com-satanismo-entenda-o-contexto-das-postagens-sobre-o-tema/>. Acesso: 14 abr. 2024.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. **Revista Alceu**. Rio de Janeiro, v. 10, n.20 - p. 55-69, jan./jun. 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? *In*: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. (org.). **10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo/RS: Ed. Unisinos, 2013, p. 43-64.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>. Acesso: 29 jun. 2023.

FAUSTO NETO, Antônio. Processos midiáticos e construção das novas religiosidades: dimensões discursivas. **Galáxia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica 3. n.3, p. 151-164, 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1261/764> Acesso: 28 maio 2024.

FERNÁNDEZ, José Luis. Circulación / circulaciones en la investigación en plataformas mediáticas. **Rizoma**. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p.76-94, 2018.. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/12958/7735>. Acesso: 21 set. 2023.

FERNÁNDEZ, José Luis.. **Vidas mediáticas: Entre lo masivo y lo individual**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2021.

FERNANDES, Sabrina. **Precisamos construir a ideia de que a esquerda é uma alternativa agora'**. Entrevista concedida a Juliana Sayuri. The Intercept Brasil. 2019a. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/06/05/entrevista-sabrina-fernandes/>. Acesso: 10 jun. 23.

FERNANDES, Sabrina.. **Sintomas Mórbidos: A Encruzilhada da Esquerda Brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019b.

FERREIRA, Ricardo Ribeiro. Rede de mentiras: a propagação de fake News na pré-campanha presidencial brasileira. **Observatorio (OBS*)**, v. 12, n. 5, 2018.

FRANCESCO, Wagner. **Documentos dizem que Roberto Marinho (Rede Globo) foi principal articulador da Ditadura Militar. JUSBRASIL 2015**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/documentos-dizem-que-roberto-marinho-rede-globo-foi-principal-articulador-da-ditadura-militar/167727889>. Acesso: 29 jun. 2023.

FRANÇA, V. V.; LOPES, S. C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **MATRIZES**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 71-87, 2017.

FRIGO, Diosana. **Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento o "Voto de Jair Bolsonaro" no impeachment de Dilma Rousseff**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16890>. Acesso: 24 out. 2022.

FRIGO, Diosana. BORELLI, Viviane; DALMOLIN, Aline. **Acontecimento, discursos de ódio e intolerância: uma análise da circulação do voto de Jair Bolsonaro no impeachment de Dilma Rousseff**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344772529_Acontecimento_discursos_de_odio_e_intolerancia_uma_analise_da_circulacao_do_voto_de_Jair_Bolsonaro_no_impeachment_de_Dilma_Rousseff#fullTextFileContent. Acesso: 15 abr. 2024.

GARCIA, Ana Paula Munhoz. **O Caso #VazaJato e a utilização de hashtags na construção de acontecimentos jornalísticos no Twitter**. 2021. 69 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) - Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, 2021.

GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo. **Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação**. ABA Publicações. 2024.

GOMES, Wilson. . A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Fronteiras – Estudos midiáticos**. [s.l.], v. 7, n.3, p.214-222,set/dez 2005

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 12, n. 27, p. 58–78, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2005.27.3323. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3323>. Acesso: 19 fev. 2024.

GUADALUPE, José L. P., GRUNDBERGER, Sebastian (orgs). **Evangélicos y Poder en America Latina**. 2 ed.. Perú: Instituto de Estudios Social Cristianos (IESC) eKonrad Adenauer Stiftung (KAS), 2019.

HUR, Domênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Revista. psicol. polít.** São Paulo, v. 21, n. 51, p. 550-569, ago. 2021 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200018&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 15 abr. 2024.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Religião e política: A instrumentalização recíproca. Entrevista especial com Ricardo Mariano.** RS: São Leopoldo, 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/515175-religiao-e-politica-a-instrumentalizacao-reciproca-entrevista-especial-com-ricardo-mariano> Acesso: 28 maio 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Comunicação e polarização política: o papel das mídias na crise da democracia.** In: ANAIS DO 30º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS , 2021, São Paulo. Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/comunicacao-e-polarizacao-politica-o-papel-das-midias-na-crise-da-democracia?lang=pt-br> Acesso: 16 Abr. 2024.

LESSA, Henrique. **Após divulgar carta a evangélicos, Lula recebe orações durante evento em SP. Correio Braziliense. 2022.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5045607-apos-divulgar-carta-a-evangelicos-lula-recebe-oracoes-durante-evento-em-sp.html>. Acesso: 15 abr. 2024.

MALINI, Fábio. Narrativas no twitter-o fenômeno no Brasil e suas implicações na produção de verdade. **Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 31-32, 2010.

MARIANO, R. **Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais.** Debates do NER, [S. l.], v. 1, n. 4, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/2718>. Acesso: 15 abr. 2024.

MARIANO, R.. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 238–258, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/9647>. Acesso: 16 abr. 2024.

MATHIAS, M.E. **Comunicação política, redes sociais e feminismo: A percepção política na página mulheres unidas contra o Bolsonaro.** TCC — Curso de Publicidade e Propaganda. Universidade Federal do Pampa, RS, 2019. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/6326/1/Maria%20Eduarda%20Mathias%202019.pdf>. Acesso: 15 abr. 2024.

MEIO&MENSAGEM. **História do Twitter: da origem da rede social até a compra por Elon Musk.** Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/historia-do-twitter>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MOREY, Miguel. **El orden de los acontecimientos sobre el saber narrativo.** Península, 1988.

OLIVEIRA DA CRUZ, Fabio Henrique. Evangelicals in Brazil: the relationship between religion and politics in the public sphere. **Franciscanum** [s.l.], v. 64, n.178, p. 1-34, jul./dez 2022. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/frcn/v64n178/0120-1468-frcn-64-178-12.pdf> Acesso: 29 maio 2024

ORO, Ari Pedro. **Religião e política no Brasil**. Cahiers des Amériques latines, 2005.

ORO, Ari Pedro.. Bolsonaro e a laicidade brasileira. *In: Transformações da laicidade: Estado, religião e sociedade em relação*. GIUMBELLI, Emerson; CAMURÇA, Marcelo (org). ABA Publicações. 2024.

PANKE, Luciana. Verbete Comunicação Eleitoral. *In: SOUZA, Cláudio André; ALVIM, Frederico; BARREIROS NETO, Jaime; DANTAS, Humberto (Org.). Dicionário das Eleições*. Curitiba: Editora Juruá, 2020. p. 178- 179

PARISER, Eli. **The Filter Bubble**. New York: The Penguin Press, 2011.
O filtro invisível O que a internet está escondendo de você Tradução: Diego Alfaro editora Zahar.

POSSMOZER, Michelli; MALINI, Fábio. O poder em rede: a utilização das Hashtags no Twitter. **IV Simpósio Nacional ABCiber**, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/14336770/O_poder_em_rede_a_utiliza%C3%A7%C3%A3o_das_Hashtags_no_Twitter. Acesso: 07 abr. 2024.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajector. Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, n. 6, 2005. p. 59-75.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: Um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**. São Paulo, n. 41, p.31-47, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/39035/28669> Acesso: 29 maio 2024

RECUERO, Raquel ZAGO, Gabriela; SOARES, Felipe Bonow. **Mídia Social e filtros-Bolha nas Conversações Políticas no Twitter**. Anais do XXVI Encontro Anual da Compos, São Paulo, 2017.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico. Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva**. São Paulo, SP: Autêntica. 2023.

SANTINI, Marie. **Entrevista concedida a Manuelle Bordallo**. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/11/alinhado-a-extrema-direita-musk-muda-equilibrio-de-forcas-politicas-com-twitter-diz-pesquisadora-da-ufrj.ghtml> Acesso: 28 maio 2024.

SANTOS, R.M., CIOCCARI; MORAES, T.P. O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social. **Mediapolis**. [s.l.], n.10, 2020. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_10_5. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_10_5. Acesso: 19 set. 2024.

SBARDELOTTO, Moisés. **@Pontifex e a reconstrução do religioso em dispositivos conexiais. Logos**, [S.l.], v. 20, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/6221>. Acesso: 15 ago. 2023.

TESSEROLI, R. G.; PANKE, L. . Da comunicação política ao marketing eleitoral: reflexões sobre estratégias e ferramentas de campanha. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 9, n. 21, p. 94–122, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3981>. Acesso: 24 jun. 2023.

VAN DIJCK, J; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society**. Public Values in a Connective World. Nova York: Oxford University Press 2018.

VEIGA, Edison. **Como o Cristianismo moldou a figura de Satanás para combater outras religiões** - BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45108192> . Acesso: 7 abr. 2024.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social**. Fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1996.

VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um Tecido. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>. Acesso em: 27 dez. 2022.

VITAL DA CUNHA, Christina. **Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas Eleições 2020 no Brasil**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 21, n. 39, p. 13-80, 2021

WARDLE, Claire. **Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional**. 2020. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440. Acesso: 6 jul. 2023.

XAVIER, C. **Maçonaria e satanismo: O que é real e o que é fake sobre Bolsonaro e Lula? Yahoo Notícias**. 6 out. 2022. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/maconaria-e-satanismo-o-que-e-real-e-o-que-e-fake-sobre-bolsonaro-e-lula-132917579.html>. Acesso: 04 jan. 2023.

APÊNDICE A — DADOS TEXTUAIS COLETADOS COM A HASHTAG #BOLSONARO SATANISTA

Data	Texto
04 de outubro	@CarlosBolsonaro Falando mal do seu pai de novo Carluxo Coisa feia rapaz Respeite os mais velhos Mesmo que seja um mentiroso patológico contumaz, ele é seu pai #ForaBolsonaro #ForaBolsonaroVagabundo #BolsonaroNuncaMais #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista
04 de outubro	@AndreJanonesAdv sobe a TAG #BolsonaroSatanista
04 de outubro	@AndreJanonesAdv Os caras entrando em parafuso #BolsonaroSatanista
04 de outubro	@AndreJanonesAdv driblei todo mundo, até o goleiro. É só empurrar a bola pra dentro #Maçonaria #BolsonaroSatanista #ForaBolsonaro RT: Primeira pergunta, no primeiro debate tem que ser sobre a #Maçonaria
04 de outubro	Eu sempre soube que Jair não é cristão! Se ele é maçom eu não sei, @Bolsonaromaçom #BolsonaroPresidente22 #BolsonaroSatanista Bolsonaro22 @AndreJanonesAdv
04 de outubro	@AndreJanonesAdv JAIR MAÇONARO BOLSONARO SATANISTA #CristãoDeSatanás #BolsonaroSatanista #BolsonaroCristãoSatanista
04 de outubro	CORAÇÃO DE DOM PEDRO VEIO PARA RITUAIS SATÂNICOS???????? @AndreJanonesAdv @ThiagoResiste #satanismo #BolsonaroSatanista
04 de outubro	BOMBA 🚩 Bolsonaro cortou o piso dos Enfermeiros dos profissionais de saúde, Para colocar no orçamento secreto @AndreJanonesAdv@AnonNovidades #BolsonaroSatanista

05 de outubro	@AndreJanones @revistaforum Traição dupla. Vamos subir a tag #BolsonaroSatanista @AndreJanonesAdv Bolsonaro nunca foi, não é e nunca será cristão. Um cara que quis que a mulher abortasse, defende torturador, debocha da morte de várias pessoas por covid e etc. Esse Bolsonaro é o anti Cristo. #BolsonaroSatanista
05 de outubro	@AndreJanonesAdv Sabemos que o falso messias é: #BolsonaroMaçom #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista
05 de outubro	@AndreJanonesAdv #maçonaristas se entendem muito bem, pelo fim da demonização do Brasil, nossa bandeira jamais será #maçônica! Fora #BolsonaroSatanista
05 de outubro	@AndreJanonesAdv Os evangélicos estão sendo enganados por um falso profeta, que está cooptando esse povo de Deus pro pacto de sangue que ele tem. #BolsonaroSatanista
05 de outubro	@alinne_wb @PedroRonchi2 @AndreJanonesAdv Os evangélicos não podem aceitar isso. Diz que é contra o aborto, mas quis abortar o filho. Mentiroso #BolsonaroSatanista #BolsonaroMentiroso
05 de outubro	AINDA BEM Q O JANONES EXISTE #BolsonaroSatanista @AndreJanonesAdv
05 de outubro	@AndreJanonesAdv Bolsonaro é satanista!?! Os símbolos que ele usa dão sinal que sim. E o grande sacrifício dele em troca do poder veio do incentivo às mortes de COVID-19 e o armamento da população. É dívida de sangue! #BolsonaroSatanista
06 de outubro	Bolsonaro Canibal Estuprador apoia Bolsonaro #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista #BolsonaroMaçom #bolsonarocorrupto
06 de outubro	@poponze @AndreJanonesAdv Jair Maçonaro #BolsonaroSatanista

06 de outubro	@selenadehekate @AndreJanonesAdv Nosso Brasil não pode ser entregue a vampiros nem ao #BolsonaroSatanista e muito menos ao #BolsonaroCanibal
06 de outubro	Olha a audácia desse cara "Quem é Deus perto de mim" Deus é a nossa salvação e esse comentário trará sua ruína #BolsonaroSatanista #BolsonaroMaçonaria
07 de outubro	BOLSONARO FORA DO CÍRIO #BolsonaroSatanista Ajuda o @AndreJanonesAdv @ThiagoResiste
07 de outubro	(comparação com Dahmer) Por enquanto é isso: #BolsonaroSatanista #BolsonaroCanibal #bolsonarocorrupto #bolsonaromata #bolsonaroMaçonaria #forabolsonarogenocida #LulaPresidente #LulaNoSegundoTurno #LulaPresidente2022
07 de outubro	#BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista Jornal de Portugal Hoje!!
07 de outubro	#BolsonaroSatanista #BolsonaroCanibal (imagem)
08 de outubro	Bolsonaro assassino Bolsonaro canibal Bolsonaro maçom Tchutchuca do centrão #bolsonaro #JairNaoECristao #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista #BolsonaronaCadeia #BolsonaroNuncaMais
08 de outubro	Crete na tv, putinha do capiroto no sigilo. #BolsonaroSatanista
08 de outubro	Socorro! #BolsonaroSatanista Rt: Quando estudante eu lia coisas como o genocídio do Açougueiro da Bósnia, e pensava “nossa, olha esse apelido, como as pessoas convivem sem perceber?”. Hoje vivo em um país presidido por Canibal e Genocida. E apoiado por igreja e um goleiro que deu a mulher para o cachorro comer.
08 de outubro	@PASTORMALAFAIA #Bolsonarosatanista (imagem fake)

08 de outubro	O número correto bozo é 666. Repassem #bolsonarosatanista
08 de outubro	Me desculpem a ignorância, mas o Bolsonaro é evangélico e estar indo fazer o que no Círio de Nazaré? Evangélicos não aceitam nossa Sra. Como nossa intercessora. Círio de Nazaré é uma manifestação em devoção a Nossa Sra. #lula #LulaPresidente #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista
09 de outubro	@AndreJanonesAdv @roxmo A esquerda deveria ter tido uma atitude "Janones" desde campanha do Haddad em 2018 Contra gente baixa como bolsominion 🤡 não adianta diálogo É chute nas bol@s ⚽ 🤪 direto e dedão no olho 👉 👁 até fascista chorar 😭 #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista #LulaPresidente13
10 de outubro	#BolsonaroSatanista #Bolsonaro Vagabundo
10 de outubro	#BolsonaroSatanista Rt: Ele ri de nossos MORTOS #ForaBolsonaroVagabundo #LulaPresidente
10 de outubro	#ForaBolsonaro #BolsonaroCanibal #BolsonarismoMATA #BolsonaroSatanista #PEC32NÃO #ForaBolsonaroeSuaQuadrilha @AndreJanonesAdv @randolfeap @reinaldoazevedo @LulaOficial @gleisi @monicabergamo @veramagalhaes
11 de outubro	#BolsonaroCanibal #BolsonaroMentiroso #BolsonaroSatanista RT: Bolsonaro vai rezar terço com uma hora de duração em Aparecida. Uma oração-caça-votos do falso religioso
11 de outubro	A verdade sobre bolsonaro Bolsonaro queria abortar jair renan Bolsonaro está armando a milícia Bolsonaro é corrupto Espalhem esse vídeo #bolsonarocorrupto #bolsonarosatanista #bolsonaromiliciano #bolsonaonuncamais #bolsonaroabortista
12 de outubro	Falta de respeito desses safados. A resposta será nas urnas. Católicos uni-vos!!! #JN #BolsonaroSatanista

12 de outubro	“No tempo do Anticristo, as pessoas vãs se perderão por dinheiro, as simplórias por milagres e as letradas por disputas”, São Francisco Ferrer. #ForaBolsonaro TV APARECIDA #Bolsonaro Satanista Damares Nikolas #DebateCNN #Lula13 Jair não é cristão
12 de outubro	CRISTÃO? Evangélico ou católico? Maçom? Satânico? Desavergonhado, safado, bandido, ladrão, judas! #BolsonaroSatanista #EvangelhoDeHoje
12 de outubro	O coiso ruim junto com seus simpatizantes transformou um lugar sagrado num inferno, essa turma tem que voltar pra escuridão de onde nunca deveriam terem saído! #BolsonaroSatanista
12 de outubro	PARA SER PÁTRIA AMADA, NÃO PODE SER PÁTRIA ARMADA! OS VERDADEIROS CRISTÃOS SE LEVANTAM CONTRA BOLSONARO #BolsonaroSatanista
12 de outubro	Os maiores assassinos do Brasil apoiam Bolsonaro. Nunca foi tão fácil! Agora é Lula de novo! Compartilhe esse vídeo! #ForaBolsonaro #BolsonaroSatanista #BolsonaroCanibal #LulaNoSegundoTurno #LulaPresidente
12 de outubro	O bolsonarismo é o mais ardiloso plano do Satanás contra a fé no país. Ele sequestrou liturgias, símbolos, dogmas e transformou Bolsonaro em divindade. BOLSONARISMO NÃO É DE DEUS #BolsonaroSatanista #BolsonaroNuncaMais #bolsonaroéodemônio
12 de outubro	Uma pessoa que está cumprindo pena em um presídio pode votar desde quando? Só na propaganda fake do #BolsonaroMentiroso #BolsonaroGenocida #BolsonaroNuncaMais #BolsonaroSatanista #fakenews
12 de outubro	Quem ainda não assistiu a essa série muito bem feita sobre o clã Bolsonaro e seus milicianos do canal @uol? Eu recomendo fortemente. Compartilhem com os minions que vocês conhecem @UOLNotícias @Thiadoresiste @AndreJanonesAdv #lula #LulaPresidente13 #BolsonaroSatanista

13 de outubro	Joga nos grupos de ZAP das tias, no telegrama, facebook, instagram, tiktok #bolsonarosatanista
13 de outubro	CATÓLICO NÃO VOTA NO JAIR #BolsonaroSatanista #ForaBolsonaro
13 de outubro	Católico não vota em quem é contra a igreja! #BolsonaroSatanista #BolsonaroNuncaMais
13 de outubro	URGENTE Bolsonaroistas desrespeitam os católicos, está mais claro que a perseguição religiosa está vindo pela direita. BOLSONARISMO NÃO É DE DEUS #BolsonaroSatanista #bolsonaronaodedeus #ForaBolsonaroVagabundo #bolsonaronaocristao
13 de outubro	CATÓLICOS, VOCÊS AINDA VÃO VOTAR NESSE SUJEITO QUE DESPREZA E ESCULACHA NOSSA RELIGIÃO? @CNBBNacional quando vocês irão se posicionar? Quando ele for reeleito e o estrago maior tiver sido feito? BOLSONARO NÃO É DE DEUS #BolsonaroSatanista
13 de outubro	@UOLNoticias Por culpa desse DESgoverno irresponsável e criminoso. “É só uma gripezinha!” dizia ele durante as entrevistas. Em plena pandemia arrastou multidões de idiotas e sem máscaras pegava até as crianças em seu colo. Cadeia é pouco pra essa criatura das trevas. #BolsonaroSatanista
13 de outubro	Uma vergonha... não respeita nada... pedir votos em pleno dia de Nossa Senhora Aparecida... esses malditos bebendo dentro da basílica xingando ofendendo o padre bispo... ninguém falou EU VI... RAÇA #BolsonaroSatanista #Bolsonaronaodedeus
13 de outubro	#bolsonarosatanista RT: Bolsonaro está incendiando o país, propagando ódio e terror de forma irresponsável, usando seus seguidores cegos e fanáticos, agora com reforço de alguns moroloides fanáticos também. Bolsonaro deveria ser preso a ter a candidatura impugnada.

13 de outubro	Ah gente o papa tem de excomungar o Jair #BolsonaroSatanista Sem perdão pro Jair junto com a mentirosa Damares CATÓLICO NÃO VOTA NO JAIR Viu católicos do Brasil Norte e Nordeste Recife Sul Sudeste
13 de outubro	Negacionismo derramou muito sangue em nosso país! Mas isso está perto de acabar! #ForaBolsonaro #ForaBolsonaroeSuaQuadrilha #ForaBolsonaroCorruptoEGenocida #BolsonaroSatanista (vídeo, necropolítica)
13 de outubro	#LulaPresidente13 #LulaNoSegundoTurno #HaddadGovernador13 #BolsolãoDoAsfalto @andrejanonesAdv EU AUTORIZO a denunciar a #corrupçãoBolsonarista no #Asfalto #ChargePirralha #RevistaPirralha #LULAPRESIDENTE2022 #bolsonaromaçom #bolsonarosatanista
13 de outubro	Se ele não respeita nem o papa, vai respeitar o ELEITOR? São Paulo NÃO merece alguém como você @tarcisiogdf Estou esperando os projetos disse ter feito no tempo que foi ministro do #BolsonaroSatanista. @AndreJanonesAdv @Haddad_Fernando
13 de outubro	#BolsonaroGenocida #BolsonaroSatanista #BolsonarismoMATA #Bolsonaristas #catoliconao votanoJair Agora eu entendi porque esse ser das trevas não deu a mínima para as 700 mil vidas na Pandemia. Tem coragem de comer carne humana. RT: @estadao Bolsonaro diz que vídeo sobre canibalismo seria de '30 anos atrás', entrevista ocorreu em 2016.
13 de outubro	@AndreJanonesAdv O que ocorreu hoje é prova cabal de que Bolsonaro entregou seus eleitores a Satanás num ritual. Eles ficaram claramente odiosos e descontrolados num ambiente e evento sagrados. É Satanás os influenciando. Afaste-se de tudo que se refere a esse #BolsonaroSatanista enquanto há tempo

Data	Texto
14 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista

14 de outubro de 2022	Na fila do pão, escuto um crente dizer: “Bolsonaro só não vai pro inferno porque o capeta tem medo que ele tome o seu lugar”. A voz do povo é a voz de Deus. #BolsonaroSatanista
14 de outubro de 2022	@pastormalafaia #BolsonaroSatanista
14 de outubro de 2022	No time de Bolsonaro há estuprador de criança, feminicida, pastora assassina... Ele não representa valores morais e #cristãos. Pense nisso. O brasil não aguenta mais o Bolsonaro. #catoliconaoivotanoJair #BolsonaroNãoéCristão #CristãoNãoVotaEmBolsonaro #BolsonaroSatanista
14 de outubro de 2022	Se o dom Mauro Morelli diz, está dito: Dia 30 é #LulaPresidente. O outro? Nem é gente! É 13 com força, p/ derrotar o #Anticristo VIVA N. SENHORA #CatolicoNãoVotaemSatanista #CristãoNãoVotaemSatanista #BolsonaroSatanista #JairSatanaro #BolsonaroCanibal #BolsonaroAnticristo RT: Vote 13! O país está dividido de alto a baixo, se votar 22 o racha vai aumentar a partir de sua casa. Vamos de gangorra tentar o equilíbrio democrático. Lula presidente não faz o que quer, nem vai apelar para os militares, nem apoiar milicianos! Muito caluniado, não é rancoroso.
14 de outubro de 2022	@AndreJanonesAdv Bolsonaro odeia pobre! #LulaPresidente2022 #LulaPresidente2022 #BolsonaroSatanista
14 de outubro de 2022	@AndreJanonesAdv Sangue de Cristo tem poder! #catoliconaoivotanoJair #CatolicosNaoVotamEmBolsonaro #BolsonaroSatanista
14 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista (imagem)

15 de outubro de 2022	Sono veio e vou com ele, mas antes: #LulaPresidente #HaddadGovernadorSP13 #jeronimo13 BAHIA #TarcisioNao com ele é continuar o confisco #BolsonaroSatanista BOLSONARO PEDÓFILO #PoetasDePazEnVenezuela
15 de outubro de 2022	Cada dia que @jairbolsonaro abre a boca ele comete uma gafe e crime #bolsonaropedofilo #BolsonaroSatanista #BolsonaroPervertido
15 de outubro de 2022	@AndreJanonesAdv Esse animal precisa ser preso urgente. #BolsonaroSatanista #bolsonaropedofilo
15 de outubro de 2022	@AndreJanonesAdv A cara do #Maçonario tem muitas faces. Descobrimos: #BolsonaroSatanista #BolsonaroCanibal e agora #Pedonaro
16 de outubro de 2022	“Apareceu vídeo do satanista apoiando o Lula” No dia seguinte surgem materiais do Bolsonaro na Maçonaria e #Bolsonaro Satanista “Damares traz denúncias sobre pedofilia” Na mesma semana já pegam material e sobem #BOLSONAROPEDÓFILO “Acuse os seus inimigos do que vc é”
16 de outubro de 2022	Vc quer falar em respeitar padres e freiras @jairbolsonaro?! O que foi o dia 12 de outubro de 2022 em Aparecida com os seus apoiadores hein? Vc foi até Aparecida para tumultuar e fazer campanha com o nome de Deus em vão! Fariseu! #BolsonaroSatanista
16 de outubro de 2022	Semana 1: Satanista Semana 2: Canibal Semana 3: Pedófilo Curioso pra saber o que ainda vem por ai? Tô mais curioso pra saber como o GADO vai defender seu deus mitológico. #BrasildaEsperança #BolsonaroPervertido #BOLSONAROPEDÓFILO #BolsonaroCanibal #BolsonaroSatanista

16 de outubro de 2022	E de Bolsonaro tomar de vez o poder, adeus evangelismo!!! Na verdade sua intenção é acabar de vez com TODAS as religiões do #Brasil, lei que garante liberdade religiosa pela CF. O Objetivo de Bolsonaro é instalar o satanismo no país. #BolsonaroSatanista #bolsonaropedofilo
16 de outubro de 2022	Enquanto um combate a pedofilia, o outro pratica esse ato repugnante. NUNCA FOI TÃO FÁCIL ESCOLHER. Se você é contra a pedofilia e quer proteger as nossas crianças desse mal, vote Lula 13. #bolsonaropedofilo #BolsonaroSatanista #bolsonaroperverso #LulaNaBand #Lula13
16 de outubro de 2022	Desde 2018 que publicamente vem essa besta fera, sexualiza tudo e consegue transgornar o mal em bem! #BolsonaroVagabundo #BOLSONAROPEDÓFILO #BolsonaroSatanista #bolsonaro corrupto
17 de outubro de 2022	@jairbolsonaro #bolsonarocorrupto #BolsonaroSatanista
17 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista
18 de outubro de 2022	Não tem jeito quando o sujeito tem fé em Jesus mas pinta um clima quando eles tem a possibilidade de se aliar ao agourento eles se tornaram gente estão se achando gente gritando nos ofendendo parece gente mas eles não são eles são horríveis os iludidos #BolsonaroSatanista
18 de outubro de 2022	A baderna em Aparecida foi tão desrespeitosa que até o Padre Camilo eles conseguiram irritar! Só faltou chutarem a santa! #BolsonaroSatanista #bolsonaropedofilo #catoliconaoivotanojair

19 de outubro de 2022	(vídeo de apoiadores) #BolsonaroNaCadeia #BolsonaroSatanista @felipeneto
19 de outubro de 2022	@BolsonaroSP Mais uma utilização da mentira no intuito de enganar os eleitores... quem se diz cristão procura a verdade! Quem tem veneno na boca e fala mentira é a serpente que todo mundo sabe o que representa na Bíblia! #BolsonaroSatanista
19 de outubro de 2022	O véio fascista Bozo quer caçar o mandato do @AndreJanonesAdv Mas quen está con Deus, e não com satanás, esta PROTEGIDO! #BolsonaroSatanista Aparecida CATÓLICO NÃO VOTAM NO JAIR
20 de outubro de 2022	(charge) #PintouUmCrime #PintouPedofilia #BolsonaroPervertido #BolsonaroSatanista
20 de outubro de 2022	Deus, livrai-nos do mal. Gente, que ódio dsses desgraçados torturando o animal, tadinho, A perversidade dessa seita bolsonarista ultrapassou todos os limites da insanidade, barbárie e crueldade. Pastor Mentiroso Pintou um clima Crentes #BolsonaroSatanista #Eleições2022
20 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista
20 de outubro de 2022	Depois dizem que o Bolsonaro não está dentro da Maçonaria. Olha só a mensagem do satanás que recebo logo pela manhã #BolsonaroSatanista #bolsonaropedofilo #bolsonarogenocida #forabolsonaro
20 de outubro de 2022	Deus e os votos em #LulaPresidente13 nos livrem do fascismo #bolsonarismomata #bolsonarosatanista

21 de outubro de 2022	Bolsonaro Satanista, canibal e agente do demônio. #bolsonaronaomexanomeusalario #BolsonaroSatanista
21 de outubro de 2022	Diz que não é coveiro, mas autorizou o genocídio #BolsonaroSatanista #BolsonaroNaCadeia #BolsonaroNuncaMais
21 de outubro de 2022	RT: Não da pra ser servo de Deus e votar no Bolsonaro. As fuas coisas não combinam. #bolsonarosatanista
21 de outubro de 2022	@folha O BOLSONARISMO É UM C NCER E DEVE SER EXTRADITADO DA TERRA, ESSA GENTE Ñ PRESTA! AÍ É SEMPRE ASSIM, FALAM O QUE REALMENTE SENTEM E DEPOIS DA MÁ REPERCURSSÃO PEDEM DESCULPAS, MAS Ñ PQ SE ARREPENDERAM! #bolsonaronaomexanomeusalario #BolsonaroCanibal #bolsonarosatanista #bolsonaromentiroso
21 de outubro de 2022	Todos os moradores do cpx deveriam ter direito de resposta depois do 🤡, ter dito q "lula estava rodiado de traficantes" quando na verdade estava com moradores ! Twitter de Bolsonaro estou com lula #BolsonaroSatanista #BolsonaroPervertido #cpx
22 de outubro de 2022	Quem muito defende corrupto, corrupto deve ser! #BolsonaroSatanista #bolsonaronaomexanomeusalario #pastorcorrupto #pintouumclima #acordapovo
24 de outubro de 2022	Sou da favela, me deparo com essa foto e bate tristeza, revolta pois aqui já vivemos várias guerras, nossas casas são invadidas e FUZILADAS, viram peneiras pela PF #BolsonaroNaCadeia #BolsonaroSatanista #ATENTADOCONTRAAPF
25 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista A FOME VOLTOU COM JAIR Temos uma população de 34 milhões de brasileiros famintos, mais que toda a população da Venezuela!

25 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista Bolsonaro não é cristão @deciolimapt @arquifloripa @uozai @doonline @tvaparecida @itau @crisjabbur
26 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista #BolsonaroNaCadeia #BolsonaroDepravadoPedofilo #bolsonaroMATOUaInteligencia A mischeque Bolsonaro passando na terra do bode, quantas almas a mischeque vendeu para o sangue do bode, como saberíamos? Nos cheques ou em \$\$\$ vivo?
29 de outubro de 2022	#BolsonaroSatanista Rio CAL.45 O bolsonarismo fechando as igrejas! BOLSONARO É DA Maçonaria E DO BODE BAPHOMET @tvaparecida @faveladarocinha @defavelas @umcp @uczai @deciolimapt @favelahofc @frasesfavelasof

APÊNDICE B — HASHTAGS CIRCULADAS 3 OU MAIS VEZES

Hashtag	Contagem
#ForaBolsonaro	5
#BolsonaroSatanista	100
#Bolsonarocorrupto	4
#BolsonaroVagabundo	3
#BolsonaroCanibal	13
#BolsonaroNuncaMais	6
#BolsonarismoMata	3
#Bolsonaronacadeia	5
#catoliconao votanoJair	4
#LulaPresidente	3
#LulaNoSegundoTurno	3
#LulaPresidente2022	4
#BolsonaroMaçom	3
#BolsonaroMentiroso	4

#bolsonarocorrupto	4
#LulaPresidente13	4
#BolsonaroPedófilo	9
#BolsonaroPervertido	5
#bolsonarogenocida	3